ISSN: 1645-4790

7
Jun 2005

missão espiritana

revista das circunscrições espiritanas lusófonas

Fontes espiritanas • A Missão Espiritana hoje • História e Figuras Espiritanas • Espiritualidade • Testemunhos da missão • Biblioteca Espiritana

BV2300
.H65
M5
no. 7
Jun.
2005
Spiritan
Coll.

CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

Ficha Técnica

Título:
Revista das Circunscrições Espiritanas Lusófonas
Publicação Semestral das circunscrições espiritanas lusófonas

Director e Sub-Directores:
P. José Manuel Sabença (Superior Provincial de Portugal);
P. Lourenço Ndjimbu (Superior Provincial de Angola);
P. Adalberto Ferezini (Superior Provincial de Brasil);
P. Manuel Martins N. Ferreira (Superior do Distrito de Cabo Verde);
Irmã Conceição Sousa (Superiora Principal das Irmãs Espiritanas, Portugal)

Conselho de Redacção:
Nuno Rodrigues (Cabo Verde); Torres Neiva, Fátima Monteiro, Rosa Braga (Portugal), Jerónimo Cahinga (Angola); Pedro Fernandes (Moçambique); Haroldo Evaristo Alves (Brasil)

Comité de Redacção:
Alfredo Teixeira; José Manuel Sabença; António Santos Moreira; Mário Faria Silva; Fátima Gama; António Joaquim Galvão

Proprietário:
Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo.

Direcção, Administração, Assinaturas:
Rua de Santo Amaro à Estrela, 51
1249-029 Lisboa
Tel.: 213 933 000 - Fax: 213 933 019
missaoespiritana@espiritanos.org

Assinatura 2005: Portugal 12e, Outros Países 15e

Edição Avulso: 7e

Design gráfico e capa:
Victor Silva

Composição, paginação e impressão:
Gráfica Povoense, Lda.

ISSN: 1645-4790

Depósito Legal: 181539/02

Tiragem: 300 exs.

BV2300
.H65
M5
no.7
Jun. 2005
Spec. Coll.
0213467841

sumário

• Editorial 3

• Fontes Espiritanas:
A missão como encontro de Deus
através de si próprio e do próximo
– por FRÉDÉRIC ROSSIGNOL. 5

• Missão Espiritana Hoje:
Reler o carisma espiritano
à luz de uma experiência missionária concreta:
- Testemunho a partir de Itoculo, Moçambique
– por PEDRO FERNANDES 19
O apelo à missão
– por GILLES PAGÈS 33
Inculturação da Fé: Breves Apontamentos
– por SILVA FERREIRA 37

• História e Figuras Espiritanas:
Dom Mário Clemente Neto, 25 anos de Bispo
Prelazia da Tefé - Amazonas
– por HUGO VENTURA 41
Para um histórico
da Fundação das Espiritanas em Portugal
– por ASCENSÃO LOURENÇO. 49

• Espiritualidade:
O Amor aos pés dos discípulos (João 13, 1-17)
– por PEDRO VALINHO. 61

• Testemunhos da Missão:
A acção da Igreja em Cabo Verde:
- percepções de um estagiário espiritano
– por RAÚL LIMA. 71

• Biblioteca Espiritana:
Apresentação da História da Província Portuguesa
– por ADÉLIO TORRES NEIVA. 77
Libermann
– por JOSÉ DA TORRE. 81
Cantata ao Espírito Santo
– por JOAQUIM P. G. DA CRUZ. 93

SPIRITAN COLLECTION
DUQUESNE UNIVERSITY
The Gumberg Library

Congregation of the Holy Spirit
USA Eastern Province

editorial

Lendo e reflectindo sobre o conteúdo dos textos que nos são apresentados, vamos certamente encontrar os elementos de base da pedagogia espiritana, sem recurso a grandes considerações intelectuais ou a vocábulos cujo sentido só alguns académicos conhecem.

É nossa intenção procurar provocar no leitor a reflexão pessoal, da descoberta do sentido do Espírito que anima a vida de todos, sobretudo daqueles que fazem da sua vida – Espírito e Missão. Daqueles que partem para levar a PALAVRA – o EVANGELHO.

A validade e a firmeza destas convicções têm de ser procuradas dentro do ser humano, mais do que nas palavras que se dizem. As palavras que se dizem têm um sentido, o Espírito, esse sentido vai vinculado pela palavra e é apreendido pelas pessoas. A palavra é, também, transportadora do Espírito.

Neste sentido, tal como nos diz Frederic Rossignol: "o cristão é um missionário (...), fala do bem semeado no espírito e no coração de todos os homens", fala das bases daquilo que é hoje o mundo político, ético e religioso. Sublinha-se "o sentido e o fim da vida (...), do sofrimento, da felicidade" encontrando o conhecimento do Evangelho. Por outras palavras, estamos perante uma educação na fé. O apetite e a motivação resultam da relação que conscientemente estabelecemos com os outros, com os pobres, como era desejo dos nossos fundadores, pormos em comum o sentido da Palavra – a Vida.

Com o P. Pedro "o que levamos aos povos a quem somos enviados? (...) é sempre o anúncio, de Jesus Cristo e do seu Evangelho". Se dermos às pessoas aquilo que não é específico, como poderemos exigir? As fontes da nossa identidade, como Missionários do Espírito Santo, são a condição do sentido para o nosso ser religioso e missionário? Diremos, amando aqueles que nos acolhem e aceitando-os por aquilo que eles são, sim.

O P. Gilles mostra-nos que nos caminhos da missão "o testemunho é mais importante que a informação". Que o que "oferece mais dificuldade não é tanto a vida religiosa em si mesma, mas o compromisso." O compromisso da minha fé, do meu ser enviado para servir.

No centro da proposta surge naturalmente a inculturação. Com o P. Silva vemo-la como uma "realidade simples e complexa (...),

um mistério que só o Espírito Santo pode realizar." O autor mostra que a meditação sobre o sentido do Espírito não se constitui por uma mera continuação de uma tradição. Para haver inculturação, é necessário o conhecimento do sentido da palavra, da compreensão da razão de estar, de fazer e de ser.

Na sequência deste pensamento pedagógico espiritano, valorizamos o testemunho de história de vida de D. Mário Neto, nos 25 anos de bispo, por terras do Brasil e das primeiras irmãs espiritanas portuguesas, apresentadas pela Irmã Ascenção.

Segue-se um artigo do Pedro Valinho, o gesto e o serviço de Jesus que surpreendeu Pedro pela manifestação do amor. O sentido do serviço inaugura uma nova relação comunitária. A reflexão permite o aprofundamento da nossa vida cristã. "O amor auto-doante de Jesus torna-se a medida do amor dos discípulos." Aquilo que permanece inalcançável para a razão, torna-se acessível à espiritualidade mediante a comunhão.

Muitos dos segredos mais decisivos para a compreensão da missão espiritana estão inscritos, sem dúvida, no dar-se sem medida, e isso tanto com suas virtudes como com suas limitações. O Raúl narra-nos o sentido que partilhou e viveu em Cabo Verde. O lançar da palavra, para depois geminar pela força do Espírito Santo. Diz-nos que o futuro está nos jovens se a Igreja for acolhedora.

"Que actividades se poderão fazer para que os jovens ganhem gosto e ganhem alegria nas comunidades cristãs?" A melhor maneira é descobrir o sentido de ser-se jovem, pois não é pela idade que se é ou deixa de ser jovem. Pelo sentido que nos une e anima crescemos na vontade do Pai, nos caminhos da verdade.

Na secção biblioteca deparamo-nos com uma evocação à *História da Província Portuguesa da Congregação do Espírito*, da autoria do P. Adélio Torres Neiva. Diz-nos que, o projecto espiritano foi marcado por uma aposta forte na educação e na cultura, bem como na criação de uma mentalidade missionária em Portugal. Sublinha que, escreveu uma história de família, mais com o coração do que com o saber. Movido pelo sopro do Espírito, em "Eucaristia oferecida no altar do mundo, onde os espiritanos continuam a repartir o pão da vida, da saúde, da educação, da justiça e da paz." Todos nos sentimos e devemos ficar orgulhosos quando o sentido foi, é e continuará a ser movidos pelo Espírito Santo.

No Espírito que nos une e nos anima na festa da vida, sem querermos fazer de nós os heróis, mas sim, os servidores, em conjunto todos cantamos a Libermann e a *Cantata ao Espírito Santo* que, de modo particular, enaltecem eficazmente o Bem que o sentido do Espírito nos faz.

António Joaquim Galvão

a missão como encontro de Deus através de si próprio e do próximo.

A missão está na base da vida cristã. Ninguém pode pretender ter sido tocado por Cristo sem querer dar a conhecer o seu amor aos homens e mulheres do seu tempo. O cristão é um missionário. Esta missão reveste uma multiplicidade de rostos, perspectivas, compromissos. Nesta nossa reflexão queremos simplesmente responder a três perguntas:

"Ainda vale a pena anunciar o Evangelho num mundo plural, sem prejudicar as culturas e as tradições religiosas não cristãs?"

"Quais são as motivações e alicerces do missionário?"

"O que significa ir ao encontro do próximo, diferente pela sua cultura e pela sua religião?"

Para responder a estas perguntas, partimos de textos do Magistério e da experiência dos missionários espiritanos[1].

1. Validade da actividade missionária no mundo actual.

Não raramente hoje surgem dúvidas acerca da pertinência da actividade missionária no mundo actual. Num contexto preconciliar, considerava-se a Igreja como a única detentora das verdades sobrenaturais. O paganismo devia ser combatido e a missão resumia-se a fomentar a conversão dos pagãos e a sua admissão

* *Frederic Rossignol, jovem padre espiritano, da Província da Bélgica, terminou recentemente a sua formação que culminou com a licenciatura em Teologia pela Faculdade de Teologia do Porto da Universidade Católica Portuguesa.*

[1] *Este artigo inspira-se da nossa tese de licenciatura em teologia: "As perspectivas missionárias na alvorada do século XXI", Porto, edição privada, 2004-2005, 84p.*

na Igreja por meio do baptismo. É certo que haviam excepções a esta maneira de encarar a missão mas globalmente era vista nesta perspectiva. Com o Concílio Vaticano II (1962-1965), o olhar da Igreja sobre o mundo muda drasticamente. Em primeiro lugar, o vocabulário testemunha desta mudança de mentalidade. Hoje falamos dos "não cristãos" em vez dos "pagãos". Mas a conversão é bem mais profunda porque doravante é reconhecida a presença e a acção do Espírito Santo nas culturas e nas religiões não cristãs. O Concílio ensina que a história humana, fora do âmbito do anúncio explícito de Jesus Cristo não ficou isenta da acção do Espírito Santo. Já havia elementos de verdade e de graça nos povos, "como uma secreta presença de Deus". (Ad Gentes, 9)[2]. "Ad Gentes" usa a expressão "as sementes do Verbo" (Ad Gentes, 4 e 11) para falar da acção de Deus na história humana. "Lumen Gentium"[3] fala do "bem semeado no espírito e no coração de todos os homens e em todos os ritos e costumes dos povos". (Lúmen Gentium, 17)

"Com o Concílio Vaticano II (1962-1965), o olhar da Igreja sobre o mundo muda drasticamente"

A declaração conciliar que trata especificamente da relação entre o cristianismo e as outras religiões, "Nostra Aetate"[4] procura ver o que une os crentes das diversas religiões. Sublinha-se que os homens têm uma mesma origem, um mesmo fim último e tentam responder às mesmas perguntas: o sentido e o fim da vida, a questão do bem e do mal, do sofrimento, da felicidade, da morte, do julgamento e da recompensa. "A Igreja não rejeita absolutamente nada daquilo que há de verdadeiro e santo nas religiões. Considera com sincero respeito esses modos de agir e de viver, esses preceitos e doutrinas que, embora em muitos pontos estejam em discordância com aquilo que ela afirma e ensina, muitas vezes reflectem um raio daquela Verdade que ilumina todos os homens". (Nostra Aetate, 2) Em 1992, "Dialogo e Anúncio"[5] vai até afirmar que "é na prática sincera do que é bom nas suas tradições religiosas e seguindo as directivas da sua consciência, que os membros das outras religiões res-pondem positivamente ao chamamento divino e recebem a salvação em Jesus Cristo, ainda que não O reconheçam nem O proclamem como o seu Salvador". (Diálogo e Anúncio, 29)

"Os homens têm uma mesma origem, um mesmo fim último e tentam responder às mesmas perguntas"

- **A liberdade por todos de acolher Cristo na sua própria vida.**

Se esta viragem do Concílio é espectacular, não deve contudo levar a conclusões precipitadas e erradas. Não é porque se reconhece o

[2] *Concílio Vaticano II, Decreto "Ad Gentes", 7 de Dezembro de 1965.*
[3] *Concílio Vaticano II, Constituição Dogmática "Lumen Gentium", 21 de Novembro de 1964.*
[4] *Concílio Vaticano II, Declaração "Nostra Aetate", 28 de Outubro de 1965.*
[5] *Conselho Pontifício para o Diálogo Interreligioso e Congregação para a Evangelização dos Povos, "Diálogo e Anúncio", 1992.*

trabalho do Espírito Santo nas culturas e até nas religiões que devemos cair no erro de pensar que já não vale a pena anunciar Jesus Cristo e convidar os homens de todos os povos à conversão ao Deus de Jesus Cristo. Num mundo plural, perante a diversidade das tradições religiosas, coloca-se frequentemente esta questão da pertinência da evangelização. "É frequente ouvir as pessoas dizer: para quê anunciar o Evangelho, uma vez que toda a gente é salva pela rectidão do coração? Sabe-se bem, além disso que o mundo e a história estão cheios de sementes da Palavra; não será uma ilusão pretender levar o Evangelho aonde ele já se encontra, nestas sementes, que o próprio Senhor aí lançou?"[6] Uma tal opinião corresponde a uma concepção errada do respeito pela liberdade dos homens. Respeitar não quer dizer deixar o outro na ignorância da Salvação em Jesus Cristo. Não há liberdade de enveredar ou não para a fé em Cristo quando a Boa Nova é desconhecida pela maior parte da humanidade. Na verdade, o homem tem o direito a tomar conhecimento do Evangelho. O seu direito a ter acesso à plenitude da Verdade implica o dever dos cristãos de a anunciar. (Evangelii Nuntiandi, 80)

"O homem tem o direito a tomar conhecimento do Evangelho"

Aliás, a Igreja realça o facto que o homem anseia por conhecer o Evangelho. "A Igreja sabe que o homem, constantemente solicitado pelo Espírito de Deus, nunca é totalmente indiferente perante o problema religioso. [...] Sempre o homem desejará saber, ao menos confusamente, qual é o significado da sua vida, da sua actividade e da sua morte. Só Deus pode dar uma resposta definitiva a estas perguntas. Fê-lo pela revelação em Jesus Cristo". (Evangelii Nuntiandi, 22) "Manifestando Cristo, a Igreja revela por isso mesmo aos homens a verdade genuína da sua condição e vocação integral, pois Cristo é princípio e modelo da humanidade renovada". (Ad Gentes, 8)

Mais cedo ou mais tarde, portanto, o anúncio explícito de Jesus Cristo torna-se imprescindível. "Não haverá nunca evangelização verdadeira se o nome, a doutrina, a vida, as promessas do Reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus, não forem anunciados". (Evangelii Nuntiandi, 22) Na verdade, não é a meta da evangelização (a conversão e o ingresso na Igreja) que mudou, mas antes a maneira de evangelizar, o processo do anúncio do Evangelho. Mas então, porque evangelizar e como evangelizar?

• Deus quer instaurar uma relação íntima com a humanidade

O ponto de partida da missão encontra-se na dinâmica inerente ao próprio Deus. O plano da Criação e da Redenção é unitário.

[6] *Paulo VI, Exortação Apostólica "Evangelii Nuntiandi", 1976, nº 80.*

"Deus cria para dar-se a conhecer aos homens e para convidá-los a participar da vida divina"

Deus cria para dar-se a conhecer aos homens e para convidá-los a participar da vida divina. Deus dá-se a conhecer através da sua Criação e através da Incarnação do seu próprio Filho, "pleni-tude da Revelação". Cristo, verdadeiro homem e verdadeiro Deus re-vela ao mesmo tempo quem é Deus e quem é o homem e qual é a sua vocação. "O mistério da Santíssima Trindade é o mistério central da fé e da vida cristã. É o mistério do próprio Deus. [...] Toda a história da Salvação não é senão a história do caminho e dos meios pelos quais o Deus verdadeiro e único, Pai, Filho e Espírito Santo, se revela, se reconcilia e se une aos homens que se afastam do pecado". (Catecismo Igreja Católica, 234) Por Cristo, os homens descobrem que "o Criador já não é uma potência anónima e longínqua: Ele é o Pai." (Evangelii Nuntiandi, 26) "Os homens, por meio de Cristo, Verbo incarnado, têm acesso ao Pai no Espírito Santo e tornam-se participantes da natureza divina". (Dei Verbum, 2)[7]

Cristo, durante a sua vida terrestre, gastou todas as suas energias para anunciar o Reino de Deus e mandou os seus discípulos continuar a sua obra[8]. A Igreja, forte deste mandamento, convida os homens a acreditar em Cristo e a ingressar no seu seio. A Igreja providencia ao crente o acesso à verdade salvífica. Dá-lhe a conhecer a Sagrada Escritura e o ensinamento providenciado por ela (a Tradição) explicita as implicações duma vida em Cristo. A conversão ao cristianismo é encarada como um processo contínuo. No seio da Igreja, a aceitação do conteúdo doutrinal da fé leva o crente a assumir compromissos práticos diversificados. O cristão tem acesso à vida litúrgica, e de modo especial aos sacramentos que lhe permitem uma intimidade (algo de muito específico do Cristianismo) sobrenatural com Deus. "Através dos sacramentos, os crentes unem-se de modo misterioso e real a Cristo que sofreu e foi glorificado". (Lumen Gentium, 7) Dois sacramentos são de suma importância na vida do cristão: o baptismo e a eucaristia. Por sua vez, a Doutrina Social da Igreja e o compromisso efectivo da Igreja na promoção da Justiça e da Paz são outras fontes de inspiração imprescindíveis para o cristão.

"A conversão ao cristianismo é encarada como um processo contínuo"

"O verdadeiro evangelizador, à imagem de São Paulo, faz a experiência de Cristo ressuscitado na sua vida"

2. A missão como encontro de Deus através de si próprio.

A evangelização não tem um conteúdo meramente doutrinal, a transmissão dum saber de teor intelectual. A evangelização parte dum "entusiasmo", no sentido literal da palavra. Há um dinamismo interno do qual brota a Boa Nova. O verdadeiro evangelizador, à imagem de São Paulo, faz a experiência de Cristo ressuscitado na sua vida, o que o ca-

[7] *Concílio Vaticano II, Constituição Dogmática "Dei Verbum", 18 de Novembro de 1965.*
[8] *Cf. Mt 28, 19-20; Mc 16, 15-16; Lc 24, 46-48; Jo 17, 18.*

pacita para transmitir o Evangelho de Jesus Cristo. "A primeira graça da missão é fazer do missionário um confidente de Deus, um contemplativo. O missionário é a primeira terra de missão, da missão do Verbo, que através dos sinais mais simples, do pão e do vinho, da palavra e do gesto, da amizade e da festa, da dor e do amor, todos os dias, vem ter connosco e pôr a Sua mesa, na nossa comunidade" (Aguilha, 13.1.2.)[9]. É a partir desta familiaridade com o Evangelho que se pode criar uma empatia entre o evangelizador e o ouvinte. A empatia, por sua vez, facilita o acolhimento da fé por parte do ouvinte.

• O aprofundamento das nossas raízes cristãs

O missionário procura enraizar a sua fé na Palavra de Deus e na Tradição da Igreja. O caminho que ele percorre já foi percorrido por tantos outros homens, que se confrontaram com as mesmas interrogações e que procuraram encontrar respostas, à luz do Espírito Santo, aos desafios que a vida cristã coloca. Confrontado com um mundo cada vez mais complexo e especializado, o missionário deve aprofundar a sua espiritualidade através de estudos de teologia dogmática, moral, pastoral, espiritual, da liturgia ou da história da Igreja. No caso do missionário espiritano, ele dará prioridade ao aprofundamento da tradição espiritana. "Precisamos todos de nos formar continuamente para sermos fiéis à nossa vocação na Igreja e no mundo. A formação permanente ajuda-nos a reflectir sobre a nossa actividade apostólica e a melhor discernir os sinais dos tempos e as mudanças de atitude ou de orientação que se tornam necessárias"[10]. "O conhecimento e amor pelas nossas raízes e tradições espiritanas, a visão dos nossos fundadores e a vivência desta visão pelos nossos predecessores foram sempre uma fonte importante da nossa inspiração. A Regra de Vida, os escritos dos nossos fundadores e todos os documentos da Congregação [figuram] neste contexto. Do mesmo modo, um bom conhecimento dos documentos da Igreja, universal e local, [ajudam-nos] a ver a nossa família missionária no seu contexto eclesial" (Maynooth, 3.6.)[11].

"O missionário procura enraizar a sua fé na Palavra de Deus e na Tradição da Igreja"

• Conhecer Cristo através das Escrituras

Um dos meios privilegiados para cultivar a interioridade é a Sagrada Escritura. Nela, o missionário aprofunda a sua relação com

[9] *Congregação do Espírito Santo, Capítulo Geral. "Aguilha" (Portugal), Roma, ed. privada, 2004, 124p.*

[10] *Congregação do Espírito Santo, Regra de Vida Espiritana, Roma, ed. privada, 1987, nº 142.*

[11] *Congregação do Espírito Santo, Capítulo Geral "Maynooth" (Irlanda), Roma, ed. privada, 1998, 150p.*

Jesus Cristo e aprende d'Ele a ser missionário. Os traços principais de Jesus no seu ministério público são os seguintes:

- Antes de mais, Jesus é o enviado do Pai. Ele está completamente voltado para o Pai e, portanto, descentrado de si mesmo. A única preocupação de Cristo é fazer a vontade do Pai. Em virtude desta disposição, a sua missão não pode falhar. É para sintonizar com a vontade do Pai que Jesus consagra numerosas horas à oração antes de cada momento significativo da sua missão. É o caso da oração no deserto, antes do início do ministério na Galileia (Mc 1, 12-13) ou ainda da oração em Getsémani, antes da Paixão (Mc 14, 32-41). Os missionários, ao exemplo de Cristo, buscam na oração a fonte da sua vida apostólica. "A nossa oração e a nossa actividade apostólica estão estreitamente ligadas e completam-se mutuamente. A união a Deus na oração conduz-nos a servir os irmãos ; a actividade apostólica, por sua vez, é culto prestado a Deus no Espírito (Ro 1, 9) e aprofundamento da nossa união com Ele" (Regra de Vida Espiritana, 87).

"Os missionários, ao exemplo de Cristo, buscam na oração a fonte da sua vida apostólica"

- A espiritualidade de Jesus alimenta-se da sua abertura ao seu próximo e às realidades do quotidiano. Ele enche-se de compaixão pelas multidões que andam como ovelhas sem pastor (Mt 9, 36). São muitos os relatos de cura que partem de situações de desgraça, vividas pelos seus contemporâneos. O seu sentido de observação leva-o a aproveitar o quotidiano para falar do coração do homem e do coração de Deus, através das parábolas. Fala de Deus como dum pai misericordioso (Mt 21, 28-32); compara os seus adversários a vinhateiros homicídios (Mt 21, 33-46), ...

- Existe uma coerência absoluta entre o seu discurso e o exemplo da sua própria vida. Esta coerência é tal que se torna coincidência, identidade. Jesus é o Verbo incarnado. Esta coerência dá credibilidade à sua palavra e provoca a conversão dos seus ouvintes. "A multidão ficou vivamente impressionada com os seus ensinamentos, porque Ele ensinava-os como quem possui autoridade e não como os doutores da Lei" (Mt 7, 28-29). Os missionários sentem esta necessidade de coerência entre as suas palavras e o seu estilo de vida. "A adesão profunda ao Evangelho é suscitada mais pela qualidade da relação do que pela intensidade da sedução ou pelo martelar dos argumentos" (Maynooth 0.2.1.).

"Ele ensinava-os como quem possui autoridade e não como os doutores da Lei"

- O que resume melhor a espiritualidade de Jesus encontra-se nas Bem-aventuranças (Mt 5, 1-12), às quais se deve identificar o missionário, como o lembra a Redemptoris Missio[12]. "O missionário é o homem das Bem-aventuranças. Na verdade, no discurso apostólico, Jesus dá instruções aos doze, antes de os enviar a evangelizar, indicando-lhes os caminhos da missão" (Redemptoris Missio, 91). Esta afirmação é confirmada pelos missionários espiritanos quando dizem que "o grande desafio com que nos debatemos, hoje, na Vida Consagrada, é como sermos sinais das bem-aventuranças na nova cultura emergente" (Aguilha, 13.1.4.).

"O missionário é o homem das Bem-aventuranças"

- O cume da missão de Jesus é o dom da sua vida. À medida que Jesus cumpre a sua missão histórica, as perseguições aumentam até alcançar o seu paroxismo na condenação à morte. A missão de Jesus passa pela Kenose, pelo aniquilamento. Para o discípulo de Jesus, a fidelidade ao Evangelho implica também enfrentar a perseguição, como o realça a última bem-aventurança. "Felizes sereis, quando vos insultarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o género de calúnias contra vós, por minha causa" (Mt 5, 11). Os missionários experimentam não raras vezes provações por causa da sua fidelidade ao Evangelho: "Aceitando o reconhecimento e o respeito do outro, aceitando viver a partilha e a reconciliação uns com os outros, poderemos entrar em conflito com outras forças de rejeição e de ódio que estão bem patentes no mundo dos nossos dias. É uma das consequências inevitáveis do compromisso da libertação que nos levarão ao caminho da morte, algumas vezes no sentido próprio da palavra, outras no sentido de perdermos a paz e a segurança pessoais e sermos rejeitados por aqueles que não concordam com as nossas atitudes" (Itaíci, 15)[13].

Em suma, o verdadeiro missionário é aquele que se identifica plenamente com Jesus ao ponto de se tornar um "outro" Jesus, para os seus irmãos. Por isso, deve adoptar a mesma atitude interior que Cristo. Para assim proceder, ele encontra a inspiração nas Sagradas Escrituras. Quem incarna nitidamente esta disposição é São Paulo quando afirma: "Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em

"O verdadeiro missionário é aquele que se identifica plenamente com Jesus"

[12] *João Paulo II, Encíclica "Redemptoris Missio", 1991.*

[13] *Congregação do Espírito Santo, Capítulo Geral "Itaíci" (Brasil), Roma, ed. privada, 1992, 105p.*

mim. E a vida que agora tenho na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus que me amou e a si mesmo se entregou por mim" (Gal 2, 20).

• O Espírito Santo, o primeiro missionário.

O missionário é também consciente que ele próprio não está à frente da missão. É um outro que está à frente, chamado o Espírito Santo. "Nunca será possível haver evangelização sem a acção do Espírito Santo" (Evangelii Nuntiandi, 75)[14]. O Espírito Santo é a alma do evangelizador. O seu papel é indispensável e diz respeito a todas as componentes da evangelização. O Espírito Santo manifestou-se desde os inícios da missão pública de Jesus, desde o seu próprio baptismo. No início da sua pregação, quando veio a Nazaré, Jesus começou por dar testemunho da presença do Espírito na sua vida e missão. "O Espírito do Senhor está sobre mim, para anunciar a Boa Nova" (Lc 4, 18). É este mesmo Espírito que Jesus envia aos seus discípulos para os acompanhar na sua missão. É o Espírito que está na origem da Igreja no Pentecostes. É Ele ainda que provoca a evangelização, desde os tempos da Igreja primitiva até agora.

"O Espírito Santo é a alma do evangelizador"

"O Espírito precede-nos no caminho da missão; sinais da sua presença acompanham o nosso trabalho. A missão é, portanto, peregrinação, aventura, contemplação, descoberta da obra do Espírito" (Maynooth, 2.2.). O Espírito Santo influencia o evangelizador de diversas maneiras. É na medida em que o evangelizador se abre à sua acção que a sua missão ganha eficácia e produz frutos. Em primeiro lugar, Ele abre o coração e a mente do homem ao mistério de Cristo e ao conteúdo da sua mensagem (Evangelii Nuntiandi, 75). A sua graça é essencial para compreender a profundeza deste mistério e para a própria conversão do evangelizador. No desenrolar da evangelização, Ele é o garante da transmissão fidedigna do Evangelho.

"O Espírito precede-nos no caminho da missão"

• Os dons do Espírito Santo para o missionário

O Espírito imprime no evangelizador dois traços essenciais da espiritualidade missionária: a coragem e o discernimento (Redemptoris Missio, 87).

Desde o tempo dos apóstolos até hoje, há numerosas resistências, obstáculos à difusão do Evangelho. Antes do Pentecostes,

[14] *Para um aprofundamento deste tema, remetemos para o capítulo terceiro de Redemptoris Missio. Aí, a exortação apostólica desenvolve o papel do Espírito Santo na Igreja primitiva, a partir das escrituras, e no mundo de hoje. (Redemptoris Missio, 21-30).*

os apóstolos temiam pela sua vida. Depois, as perseguições não faltaram. A tradição considera que todos os apóstolos deram a sua vida pelo Evangelho. Hoje, os cristãos são confrontados com dificuldades do mesmo género. Em muitos países, os missionários são presos ou mesmo mortos por causa do Evangelho. A coragem, dom do Espírito, é imprescindível para quem luta pelo Evangelho e pela dignidade dos irmãos.

"A coragem, dom do Espírito, é imprescindível para quem luta pelo Evangelho e pela dignidade dos irmãos"

O discernimento é uma constante na evangelização. Na Igreja de Antioquia, a comunidade vivia numa atitude de disponibilidade à vontade de Deus, através do jejum e do culto. Foi assim que o Espírito pôde falar. "O Espírito Santo disse-lhes: Separai Barnabé e Saulo para o trabalho a que Eu os chamei" (Act 13, 2). Na vida das primeiras comunidades cristãs, é através dos eventos que os cristãos aprendem a discernir a vontade de Deus. Hoje como ontem, a evangelização não se faz duma maneira clarividente, segundo um plano feito a priori, num escritório. Na verdade, são as numerosas interpelações do quotidiano que impelem os missionários a fazer escolhas, a optar por prioridades. O missionário é alguém que se habitua a ler "os sinais dos tempos" apontados pelo Espírito (Evangelii Nuntiandi, 75). "Temos que procurar os caminhos da missão na vida dos homens e das mulheres do nosso tempo. A história é a agenda de Deus. O lugar onde Deus revela os segredos e os seus desígnios sobre o homem" (Aguilha, 13.2.3.). "Como os apóstolos, também nós decidimos usar as experiências da nossa vida, com as suas alegrias e dores, como ponto de partida para descobrirmos os novos caminhos aos quais somos chamados pelo Espírito." (Itaíci, Introdução).

"A história é a agenda de Deus"

3. A missão como encontro de Deus através do próximo.

A evangelização é um processo gradual e complexo, cujo objectivo último é o anúncio explícito da Salvação em Jesus Cristo. Trata-se dum objectivo último porque, antes de chegar a esse anúncio, há todo um caminho a percorrer, caminho que abraça as diversas componentes do ser humano: a sua cultura, as suas tradições, a sua psicologia individual e comunitária. A evangelização requer uma preparação ao anúncio e um aprofundamento do mesmo. Simplificando, podemos dizer que o "primeiro anúncio" é precedido pelo "diálogo" e pela "catequese", embora estas três dimensões estejam, na prática, muitas vezes entrelaçadas. Queremos aqui centrar-nos somente sobre a primeira etapa da missão que consiste no diálogo intercultural e interreligioso.

"O primeiro anúncio é precedido pelo diálogo e pela catequese"

O diálogo como primeira etapa da evangelização justifica-se de duas maneiras. Por um lado, entrar em diálogo com alguém é

manifestar respeito por ele. Amar o próximo, o primeiro mandamento, supõe ter interesse por ele, pela sua vida, pelas suas convicções, valores, ... Por outro lado, o missionário sabe que a terra de missão não é uma "tábua rasa". As culturas e as religiões são imbuídas de valores evangélicos, graças ao trabalho contínuo do Espírito Santo. A encíclica de Paulo VI "Ecclesiam Suam" apresenta diversas componentes do diálogo.

"As culturas e as religiões são imbuídas de valores evangélicos"

• Missionário, o que dizes de ti próprio?

Em primeiro lugar, não há diálogo possível se as pessoas envolvidas nele não são seguras ao nível da sua própria identidade. O diálogo implica convicção e aprofundamento prévio da identidade de cada um. Repetidas vezes, o diálogo levantará novas questões que implicarão reformulação das convicções, mas sempre no sentido de aprofundar a essência de cada tradição cultural e religiosa. A introspecção leva a Igreja a descobrir a sua especificidade. "Se a Igreja adquire cada vez mais clara consciência de si e procura modelar-se em conformidade com o tipo proposto por Cristo, não poderá deixar de distinguir-se profundamente do ambiente humano em que afinal vive ou do qual se aproxima. [...] Mas distinção não é separação. Nem é indiferença, temor ou desprezo. Quando a Igreja afirma a sua distinção da humanidade, não se opõe, aproxima-se dela. [...] A Igreja deve entrar em diálogo com o mundo em que vive. A Igreja faz-se palavra, faz-se mensagem, faz-se colóquio". (Ecclesiam Suam, 75)[15] A distinção, o reconhecimento, longe de afastar do outro, é a condição essencial para estabelecer ligação, comunhão. Longe de fugir do mundo, o cristão deve tomar a iniciativa de partir ao encontro do seu próximo, dar o primeiro passo.

"Quando a Igreja afirma a sua distinção da humanidade, não se opõe, aproxima-se dela"

• A arte de comunicar a Boa Nova

"Uma verdadeira comunicação: a clareza, a mansidão, a confiança e a prudência"

Ecclesiam Suam apresenta quatro critérios que apontam para um verdadeiro diálogo, que possibilitam uma verdadeira comunicação: a clareza, a mansidão, a confiança e a prudência (Ecclesiam Suam, 75).

Relativamente à *clareza*, implica conhecer a sua própria identidade, as suas raízes, mas também usar uma linguagem simples, acessível para o destinatário. Foi assim que Jesus falou ao usar exemplos da vida concreta para fazer passar a sua mensagem (a ovelha

[15] *Paulo VI, Encíclica "Ecclesiam Suam", 1964.*

perdida, o banquete, o pai misericordioso). A *mansidão* é outro critério essencial. A verdadeira eficácia do Evangelho supõe o respeito da dignidade e da liberdade do interlocutor. A autoridade provem da verdade intrínseca da mensagem anunciada. Mas há que assegurar a coerência entre o conteúdo do anúncio e a caridade com a qual o anúncio é feito. O diálogo não é possível sem que haja um clima de *confiança*. Porque toca a vida das pessoas, leva-as a partilhar as suas alegrias e tristezas, as suas aspirações ou desilusões.

O diálogo supõe também a *prudência* pedagógica. Porque cada pessoa humana é única, cada diálogo tem a sua peculiaridade. A linguagem não será a mesma se se fala a uma criança, a um adulto, a um agnóstico, a um crente ou a um ateu. Há que ter em conta a sensibilidade do interlocutor, adaptar-se a ele para o res-peitar e ser compreendido.

"Importância do diálogo com a cultura como primeira etapa da evangelização"

Os missionários no terreno estão conscientes da importância do diálogo com a cultura como primeira etapa da evangelização. Para haver diálogo, o essencial é saber escutar o que o outro tem para dizer, para comunicar:

"A maior parte das experiências [dos missionários] lembram-nos que a arte de escutar é decisiva em toda a actividade missionária. [...] Para bem avaliar a nossa vida de escuta, devemos:

- Abandonar a 'arrogância cultural ' que pode sempre ocultar-se no vazio das nossas argumentações e do nosso agir, sem disso nos apercebermos. Ela pode estar na raiz da recusa em admitir as nossas próprias limitações culturais.

- Saber deixar-se questionar sobre os métodos de trabalho e sobre as nossas convicções. É relativamente fácil dizer que nós somos pecadores; mas é mais difícil aceitar que o outro nos indique as nossas falhas. Estamos prontos a fazer uma reflexão crítica acerca da nossa actividade pastoral; mas achamos intolerável que o outro o faça por nós.

- Aprender a ser evangelizados. Certamente, o missionário é o anunciador da Boa Nova; mas o povo que encontra, por sua vez, revela-lhe alguns aspectos do Evangelho por ele nunca antes saboreados. Essa atitude de escuta exige de nós uma contínua conversão"(Itaíci, 11).

"O diálogo exige também tomar o tempo necessário para conhecer o outro"

O diálogo exige também tomar o tempo necessário para conhecer o outro. É somente na duração que, deixando aos poucos cair os preconceitos, ambas as partes envolvidas no diálogo descobrem os elementos que têm em comum e também as diferenças culturais que não suspeitavam à partida:

"A primeira evangelização exige uma longa aprendizagem em vista dum conhecimento aprofundado da história, da língua, dos costumes dum povo ou grupo humano ao qual somos enviados. A primeira evangelização implica também uma presença demorada" (Maynooth, 2.11).

• **O diálogo interreligioso, um convite à conversão mútua.**

"As religiões... influenciam o modo de viver, de encarar a vida, os valores..."

Nas culturas, as religiões ocupam um lugar de alto relevo. São elas que influenciam o modo de viver, de encarar a vida, os valores, ... O diálogo interreligioso, necessário hoje mais do que nunca, apresenta algumas especificidades. O documento "Diálogo e Anúncio" apresenta alguns requisitos essenciais para o êxito do diálogo interreligioso. Em primeiro lugar, a própria relação à Verdade exige uma conversão de cada uma das tradições envolvidas no diálogo. "Importa comprometer-se juntos ao serviço da verdade e estar prontos a deixar-se transformar por ela" (Diálogo e Anúncio, 47). Para a Igreja, o serviço à verdade implica adoptar uma atitude humilde diante dela. "A Verdade não é algo que possuímos mas é Alguém por quem nos devemos deixar possuir. É uma tarefa sem fim" (Diálogo e Anúncio, 49). O diálogo supõe também desinteresse, gratuidade. Não há lugar para uma segunda intenção. O diálogo vale por si mesmo e não tem por objectivo a conversão do outro à minha religião. É claro que cada parte desejando o melhor para o outro, gostava que se convertesse para o seu bem. O verdadeiro diálogo encara, portanto, a possibilidade da conversão, mas se isso acontecesse, seria mais uma consequência do diálogo e não tanto um objectivo.

O diálogo é construtor da paz. As causas das divisões entre os povos são múltiplas. Às vezes, acontece que a religião faz parte delas[16]. A promoção do diálogo é uma maneira de inverter a lógica do ódio ao "estrangeiro", no sentido etimológico da palavra; o que é "estranho" gera insegurança, desconfiança. O diálogo interreligioso possibilita uma melhor compreensão do outro, da sua tradição, da sua riqueza espiritual, dos seus valores.

[16] *"A disponibilidade para o diálogo é, para muitos dos nossos contemporâneos, um critério de credibilidade das religiões, tantas vezes acusadas de ter sido a causa de conflitos sangrentos e de divisão entre os homens ao longo da história. Nos diferentes países onde vivemos a "Missão", não podemos ser meros espectadores de conflitos nos quais a motivação religiosa desempenha por vezes uma parte relevante.", in Congregação do Espírito Santo, Casa Geralice, "Missão e diálogo", Cap. introdutivo, p.1.*

Quando se pratica seriamente o diálogo, o que acontece é que cada um tem a oportunidade de "aprofundar a sua própria fé, de purificar a sua atitude, de clarificar a sua linguagem e de tornar o seu culto mais autêntico". O diálogo permite aos cristãos avaliar a sua fidelidade ao Evangelho. "Os próprios cristãos devem aceitar ser postos em questão. Com efeito, não obstante a plenitude da revelação de Deus em Jesus Cristo, às vezes a maneira como percebem a sua religião e a vivem pode precisar de ser purificada" (Diálogo e Anúncio, 32). Os testemunhos de quem vive em contexto interreligioso são muitos. A imagem que o cristão tem de Deus evolui, clarifica-se. "Alguns dos confrades que vivem em ambiente muçulmano contaram-nos que descobriram de uma maneira mais profunda o sentido da transcendência de Deus, da obediência, da submissão a Deus. Redescobriram igualmente o sentido da ascese ou o sentido da oração do pobre"(Missão e Diálogo, cap.1).

O diálogo interreligioso é também um meio para enveredar para novas intuições teológicas. Assim, a seguir à oração de Assis, João Paulo II olhando para a oração das outras tradições religiosas, atreve-se a fazer a afirmação seguinte: "Qualquer oração autêntica é suscitada pelo Espírito Santo que está misteriosamente presente no coração de cada ser humano, seja ele cristão ou não" (Missão e Diálogo, Cap.1).

A própria diversidade das religiões é vista com um olhar positivo. "Podemos considerar a diversidade das religiões não como um escândalo para a fé mas como uma realidade permitida por Deus para o bem de todos os crentes. É deste modo que os muçulmanos interpretam o seguinte versículo do Corão: «Se Deus assim o quisesse, poderia fazer de nós um só povo ; mas não o quis, a fim de nos colocar à prova»"[17]. Os cristãos podem fazer suas tais palavras.

"Se Deus assim o quisesse, poderia fazer de nós um só povo; mas não o quis, a fim de nos colocar à prova"

Conclusão: ser missionário ao jeito de Deus.

A missão do cristão inscreve-se no próprio dinamismo missionário de Deus. A medida que vamos ao encontro do próximo para lhe anunciar Jesus Cristo, descobrimos que a maneira de anunciar o Evangelho deve coincidir com o conteúdo do Evangelho. A missão é eficaz e credível na medida em que aprendemos a acolher Deus na nossa vida e a amar o próximo. Amar o próximo é reconhecer o trabalho do Espírito Santo nele. Isso só é possível na me-

"A missão é eficaz e credível na medida em que aprendemos a acolher Deus na nossa vida e a amar o próximo"

[17] *Missão e diálogo, Cap. I, Relacionamento entre os crentes.*

dida em que aprendemos a ser humilde, a descentrar-nos de nós próprios, a converter-nos. Na vida do missionário, Deus também trabalha com humildade, discrição, paciência e misericórdia. Jesus Cristo é Aquele que passou trinta anos despercebido no meio dum povo, atento a sua cultura, religião, as suas alegrias e sofrimentos. Soube esperar o momento certo para anunciar o Reino de Deus. Dois mil anos depois, somos chamados a seguir os seus passos...

reler o carisma espiritano à luz de uma experiência missionária concreta:

- Testemunho a partir de Itoculo, Moçambique

A missão é um levar e trazer. O que levamos aos povos a quem somos enviados? E o que trazemos depois de os conhecer?

O P. Pedro Fernandes vai procurar responder a estas questões confrontando a sua experiência missionária concreta com o carisma espiritano.

Voltei há poucos dias de um tempo de férias na Europa e anteontem fui visitar e celebrar missa na comunidade de Kotokwani, que, por ficar numa região bastante isolada da paróquia, e inacessível no tempo das chuvas, já é costume visitar nesta época da estação seca. Como eu tinha regressado de férias nessa semana, o prato forte da conversa inicial com a comunidade foi mesmo as minhas férias e as notícias frescas que trazia. Às tantas, um dos irmãos da comunidade lembrou-se de perguntar: *"Senhor padre, e quando você estava para voltar para Moçambique o que é que lá lhe deram para você nos trazer?"*. Confesso que diante desta pergunta fiquei um bocado desconcertado e tive a forte tentação de lhe perguntar o que é que ele me tinha dado a mim para eu oferecer às pessoas de lá quando fui de férias... Mas depois pensei melhor e a conversa acabou por evoluir num sentido mais positivo... Mas, mesmo depois de voltar daquela comunidade, a pergunta daquele senhor continuou a retinir aos meus ouvidos: *"O que é que lhe deram para nos trazer?"* E a minha contra-pergunta, que acabei por não lhe fazer, também não me largou: *"E o que é que vocês me deram para eu levar?"*... Para além da componente interesseira e superficial, talvez infantil, da pergunta inicial, que só pensava nalguma prendinha, há uma grande questão de fundo que, de uma maneira mais ou menos implícita, está sempre presente: a missão é um levar e trazer. O que levamos aos povos a quem somos enviados? E o que trazemos depois de os conhecer?

"Senhor padre, e quando você estava para voltar para Moçambique o que é que lá lhe deram para você nos trazer?"

"A missão é um levar e trazer"

* *Pedro Fernandes, espiritano português. Licenciado em Teologia. Mestrado no Instituto Católico de Paris. Missionário em Moçambique, na nova Missão de Itóculo, Diocese de Nacala.*

Neste levar e trazer, em que o fio condutor é sempre o anúncio, a tempo e a contra-tempo, de Jesus Cristo e do seu Evangelho, há algo de essencial ao próprio dinamismo da missão: as fontes de nossa identidade, como missionários do Espírito Santo, estão em contínua exposição ao encontro e diálogo com os povos e Igrejas a quem servimos. Esta exposição não muda o nosso carisma, mas dá-lhe corpo, intensifica-o e dá-lhe uma consistência que se vai confundindo com a própria identidade pessoal dos missionários, de tal modo que o ser espiritano se vai tornando cada vez mais "carne" a partir do seu contacto com as realidades missionárias em que estamos: a experiência de inserção missionária dá voz à nossa identidade, confere-lhe uma cor e um timbre próprios e é isso que faz que, na fidelidade à experiência originante dos fundadores, a tradição espiritana, como experiência dinâmica, se torne também uma fonte real da nossa própria identidade e carisma. No caso da nossa vida em Itoculo, Moçambique, enquanto Espiritanos, as coisas passam-se assim mesmo e, ao longo dos anos, tem sido possível redescobrir e aprofundar o nosso carisma a partir de uma série de "fontes" que nos fazem crescer naquilo que somos e mantêm audíveis os apelos do Espírito. De facto, a nossa identidade e carisma encontram assim a sua consistência e desenvolvimento nessas várias fontes inspiradoras, os "lugares de ser", em que encontramos a nossa própria verdade de missionários Espiritanos.

1. A Fonte da Oração

Para Libermann, como sabemos, uma das fontes fundamentais da vida de um missionário é a oração. Ela é um ponto de partida, lugar de santificação pessoal e comunitária, origem de sentido para o nosso ser religioso e missionário, fonte de serenidade e lucidez diante da congestão dos problemas e desafios. " *A oração deve consistir num repouso simples, sereno e cheio de confiança diante de Nosso Senhor.* "[1] A total disponibilidade à vontade de Deus e ao sopro do Espírito alcançar-se-á pelo despojamento das próprias pulsões egocêntricas, por um retorno a Cristo, renunciando aos interesses mesquinhos e egoístas para se colocar por inteiro ao serviço do Seu Reino. É aí que, mesmo as actividades mais banais, mesmo o dispêndio de energias com as pequenas coisas do dia-a-dia, poderão estar imbuídas de Deus e serem verdadeiros sinais do Reino, na vida do missionário e na comunidade onde está. É isso, afinal, a famosa "união prática", que *"consiste em se despojar das suas impressões naturais para abrir a sua alma às impressões divinas (...) É preciso que a nossa alma esteja unida a Deus e isso só é possível pela união prática."*[2]

"É preciso que a nossa alma esteja unida a Deus e isso só é possível pela união prática"

[1] *Notes et Documents (ND) VII, 37.*
[2] *ND, XIII, 699.*

Entre o povo macua, em Itoculo, em Netia ou em qualquer outra missão com um perfil semelhante, os missionários estrangeiros estão continuamente expostos à "erosão do diferente": não apenas a língua macua, com todos os desconcertantes momentos de fracasso na comunicação, mesmo anos depois de chegar, mas também a complexidade de uma cultura tantas vezes incompreensível para a sensibilidade dos não Macuas, as exigências de alguma privação material, o desenraizamento cultural e social que exila o missionário do seu mundo de origem para o mergulhar num universo tantas vezes sentido como hostil e cheio de desafios difíceis de gerir. O desalento poderia ser uma das armadilhas a encontrar no caminho; ou, ao contrário, um embrenhar-se desenfreadamente no turbilhão das actividades, talvez de uma maneira cega, ignorando os aspectos que ainda não se conhecem do povo e da sua cultura e, assim, multiplicando as asneiras e as consequentes perplexidades e frustrações, que se traduziriam sempre por culpar o povo e decretá-lo como um caso perdido... Este tipo de activismo não tem nada a ver com o verdadeiro zelo missionário de que fala Libermann: *"uma ilusão que é bem conhecida sobre a natureza do zelo é a de representar um homem zeloso como um homem sempre em movimento, sempre numa efervescência sensível, sempre fora de si mesmo; é esta a ideia que muita gente faz de S. Francisco Xavier, erradamente; pois S. Francisco Xavier, embora tendo o coração ardente de zelo, devia ser muito calmo; ele fazia longos tempos de oração em que se unia intimamente a Deus. (...) O verdadeiro zelo, sereno, humilde e constante santifica a alma, não se irrita, mas leva a rezar (...).*[3]

"O verdadeiro zelo, sereno, humilde e constante santifica a alma, não se irrita, mas leva a rezar"

Uma das descobertas que temos procurado fazer crescer em Netia-Itoculo, como Espiritanos, é esta da oração, enquanto fonte imprescindível para a vivência da união prática. Foi-se tornando como o verdadeiro contraponto do muito trabalho activo que é preciso fazer nas dezenas de comunidades cristãs que estão ao nosso encargo. Sendo que muito do trabalho que somos levados a fazer é de natureza propriamente religiosa, seja na celebração dos sacramentos, seja na formação dos catequistas e animadores, a verdade é que muito facilmente nos poderemos transformar em "teóricos do partido", funcionários ocos de uma doutrina que permanece apenas formal e distante. A união pessoal com Deus impõe-se como uma verdadeira exigência de autenticidade de vida, sem a qual seríamos palhaços da doutrina, e não verdadeiras testemunhas.

Neste aprofundamento da missão como experiência eminentemente espiritual, fomos levados a reaprender a rezar na oração do povo, com o povo e pelo povo.

[3] *Comentário da Regra Provisória, 150.*

a) Oração do povo

Os Macuas são um povo de grande sensibilidade espiritual. São camponeses, pacíficos por natureza, e foi talvez a sua proximidade à terra que lhes conferiu uma sensibilidade particular às coisas do Céu. O trabalho com as plantas, que tantas vezes percebemos como desajeitado e a que tanto gostaríamos de dar mais técnica e produtividade, foi contudo uma boa escola de delicadeza e de atenção ao outro. A oração dos Macuas também está marcada por esta delicadeza: embora seja muitas vezes bastante mecânica e apenas propiciatória (para atrair bênçãos ou afastar desgraças), a oração dos Macuas é um grande exercício de disciplina. Eles entendem-na como um dever em que se deve respeitar a regularidade e as normas. Apesar desta espécie de legalismo frio muitas vezes repugnar à nossa sensibilidade, o povo nos ensina que rezar é também uma questão de ser fiel a uma disciplina, que ultrapassa os caprichos do apetite ou da conveniência. A oração é um aferidor da própria identidade cristã: quando cheguei a Moçambique e iniciei o trabalho regular de formação de animadores, a minha tendência natural era começar as reuniões com uma oração simples, que podia incluir um cântico, uma leitura, algumas preces espontâneas e algum Pai-Nosso ou Ave Maria finais. Algum tempo depois, percebi que uma oração tão sumária não satisfazia a sensibilidade dos tais animadores, até que um me disse que as nossas reuniões às vezes pareciam as "concentrações do partido", apenas ocupadas em resolver assuntos ou ensinar teorias doutrinais...! Mais tarde começámos a dar mais tempo à oração inicial, rezando pelo menos três salmos e incluindo leituras, cânticos, preces espontâneas e mesmo partilhas da Palavra às vezes um pouco demoradas...

"A oração é uma exigência de respiração, é um "estar" e um "esperar"

A oração é uma exigência de respiração, é um "estar" e um "esperar": aos domingos, as pessoas vão para a capela para lá ficarem: seria ridículo pretender prever com alguma precisão a duração que uma Celebração Eucarística vai ter: o coro entoa cânticos repetitivos e é capaz de nos dar a seca de ter que ouvir o mesmo refrão (às vezes mal cantado, ainda por cima!!) dezenas de vezes, com danças intermináveis ou entremeado de preces (no momento da oração dos fiéis, por exemplo) que parecem não ter fim. Se morre algum cristão, não podem faltar os "terços" nas casas da família, rezados com uma cadência rapidíssima, meio exótica aos nossos ouvidos mais exigentes... e também o incenso e as intercessões dos familiares, em particular dos mais velhos, são ingredientes importantes que conferem a essas reuniões familiares toda a sua solenidade.

Na religiosidade ancestral, é o mundo espiritual, invisível, que tudo determina: não vale a pena ter pressa em partir para o trabalho ou para as ocupações temporais, pois num abrir e fechar de olhos aquele que tudo pode e decide pode acabar com a vanglória

da nossa produção. A boa decisão, aquela que é realmente determinante, faz-se no "mundo espiritual", não no mundo visível e tangível. Embora esta mentalidade comporte limites e grandes desafios à Evangelização e ao desenvolvimento social e económico, a verdade é que tem também algo que coloca este povo numa situação de grande predisposição para a oração e para a abertura à vontade de Deus. A sua fidelidade a tudo aquilo que é percebido como coisa de Deus é, em si mesma, um tremendo testemunho. Há poucos dias tive uma reunião difícil com um dos régulos da nossa paróquia de Itoculo. Havia um conflito de consequências importantes entre ele e a comunidade cristã local. O Padre Damasceno e eu fomos lá para tentar conversar e sair do impasse. Sobretudo no início a conversa saiu pesada, tensa. Às tantas começámos a dar argumentos de ordem puramente espiritual, tentando tocar em aspectos estritamente religiosos. Foi aí que o homem, que é aliás muçulmano, se começou a abrir e eu senti que foi por aí mesmo que se tornou possível reconquistar o seu respeito e fazê-lo retomar o diálogo com a minoritária comunidade cristã daquela aldeia...

"A sua fidelidade a tudo aquilo que é percebido como coisa de Deus é, em si mesma, um tremendo testemunho"

b) Oração com o povo

Embora o trabalho missionário que fazemos em Itoculo tenha uma forte componente social, muito do nosso tempo é investido em momentos de oração com o povo: a Missa nas comunidades, sempre precedida de longos tempos disponibilizados para a confissão daqueles que querem e podem celebrar este sacramento; a liturgia das horas, celebrada com os animadores que vêm participar nas reuniões e cursos; a lectio divina partilhada, que o povo aprendeu e gosta de exercitar; os tempos de adoração solene do Santíssimo Sacramento, sobretudo na novena que precede a Festa do Corpus Christi, em que as comunidades ficam em oração contínua, que se prolonga pela noite... Ao princípio, as liturgias com as comunidades cristãs Macuas podem parecer esgotantes, e saber menos a oração e mais a trabalho... Aos poucos, porém, vamos aprendendo a viver este ritmo de "oração à macua" como uma verdadeira, rica e profunda oportunidade de encontro com Deus e com os outros.

"Viver este ritmo de "oração à macua" como uma verdadeira, rica e profunda oportunidade de encontro com Deus e com os outros"

c) Oração pelo povo

A propósito do ministério do padre, dizia Libermann que o *"o Espírito de Jesus Cristo deve ser nele todo o movimento e toda a vida"*[4]. Cristo, o único bom Pastor, é a única medida do nosso próprio zelo pelo Seu povo. Pelo que ficou dito acima, poderia ficar-se do povo macua com uma imagem romântica, inflacionada. O trabalho evangelizador junto dos Macuas é cheio de inércias, resistên-

"A tentação é muitas vezes indignar-se, culpar o povo, resignar-se a não o compreender..."

[4] *Cartas Espirituais, I, 484.*

cias muito difíceis de ultrapassar, fracassos na comunicação, na execução, na consecução de objectivos. A tentação é muitas vezes indignar-se, culpar o povo, resignar-se a não o compreender... Rezar pelo povo pode tornar-se o caminho eficaz de crescer no amor por ele, de o respeitar mais, mesmo sem o compreender, de o aceitar, mesmo com os seus limites e falhas. A oração pelo povo tornou-se o caminho seguro, não imaginário, de superar a própria impotência e lentidão, no processo evangelizador: trata-se de vencer a nossa impotência, na nossa acção, com a omnipotência de Deus, na nossa oração. É aí que a nossa acção poderá começar a brotar da nossa oração e é só por aí que a nossa vida se poderá começar a tornar verdadeiramente apostólica, numa união com Deus que é prática, pelo nosso trabalho missionário, e por um serviço ao povo que é espiritual, pela nossa oração.

2. A fonte do serviço aos pobres

Quando chegaram a Moçambique (às dioceses de Chimoio e Nacala) os primeiros Espiritanos, sabiam-se bem dentro do carisma e da tradição viva da Congregação, tão bem sintetizada por Libermann: *"Evangelizar os pobres, eis o nosso objectivo geral. No entanto, as missões são o principal objecto que visamos e nas missões escolhemos as almas mais miseráveis e mais abandonadas"*.[5] Itoculo, e antes de Itoculo, Netia, eram lugares para os quais não existiam padres ou religiosos que para ali fossem residir. Nesse sentido, também por isso nos sentimos dentro do carisma e da vocação própria da Congregação, tal como definida desde o princípio: *"que estejam prontos para tudo: a servir nos hospitais, a evangelizar os pobres e mesmo os pagãos; não apenas aceitar, mas abraçar de todo o coração e a preferir os lugares mais humildes e laboriosos, para os quais dificilmente se encontram obreiros"*[6] No entanto, muito mais do que um belo ideal, o serviço aos pobres é um envolvimento pessoal concreto, com pessoas concretas e, por isso, é muito depressa que se passa de um "romantismo" missionário superficial ao contacto com a realidade efectiva do povo que nos acolhe. Bem depressa surgem questões importantes que se prendem com a fidelidade a esta vocação de servir os pobres. De facto, os pobres não se definem antes de mais como *pobres*, mas como *pessoas*, empobrecidas, é certo, por múltiplos factores, sociais, históricos e culturais. Servir os pobres vai-se tornando, assim, num exercício de desmontagem dos factores mais profundos da pobreza. Este exercício é antes de mais uma experiência pessoal de pobreza interior: há que passar do narcisismo do "estou a ser útil e necessário, porque esta gente precisa da minha ajuda", à atitude ab-

"O serviço aos pobres é um envolvimento pessoal concreto, com pessoas concretas"

[5] *ND, XIII, 170.*

[6] *Poullart des Places, Regulae, cit. in Le Floch, 2º ed., 1915, p.586.*

negada do esquecimento de si, renunciando ao paternalismo fácil do "dar aos pobres". Os pobres não são objecto da nossa caridade; ao contrário, a nossa caridade consistirá em trabalhar arduamente para que todos os nossos irmãos se assumam cada vez mais como sujeitos da sua história e da sua identidade, libertando-se por isso de uma auto-imagem miserabilista e dependente, de baixa auto-estima, para, em distância crítica face aos seus próprios problemas e desafios, irem construindo uma cada vez maior liberdade pessoal e comunitária, descolando-se de uma definição de si mesmos que os reduza, face ao mundo ou face aos missionários, à sua condição de "pobres". Este processo é mais difícil do que este seu diagnóstico: estamos continuamente a ser confrontados com a experiência de conviver com pessoas, mesmo os nossos animadores mais próximos, que se posicionam face a nós, os missionários, como permanentes subalternos, sempre prontos a pedir e a esperar (às vezes, a reivindicar) a nossa esmola.

É assim que temos vindo a descobrir que servir os pobres é, antes de mais, trabalhar o próprio voto de pobreza, que estamos tantas vezes prontos a contornar, buscando gratificações, não já de ordem material, mas ao menos da ordem do sucesso, da percepção sensível dos frutos conseguidos e dos objectivos alcançados. Não contamos os tostões que ganhámos, mas bem gostamos de contabilizar os "feitos" conseguidos, exibindo aos irmãos ou, ao menos, a Deus, uma "folha de serviços missionários" bem preenchidinha...A abnegação de que fala Libermann, que deve ser a alma do missionário, passará por desmontar estes mecanismos de orgulho e narcisismo mascarados, para trabalhar na vinha do Senhor como "servos inúteis", que deixam para o Senhor da messe a recolha dos frutos produzidos. A missão vivida como investimento na caminhada de um povo para Deus é necessariamente uma experiência de lentidão e pode facilmente mergulhar-nos na crise de não ver os tais frutos imediatos e de se sentir tentado a acreditar no sussurro maligno do: "Não estou cá a fazer nada" ou, talvez pior, do: "Esta gente é um caso perdido, não avançam nem um milímetro". O serviço no meio dos pobres é um outro rosto da nossa caminhada de fé: trabalhar para o Reino de Deus entre os pobres e com os pobres é renunciar à riqueza do meu poder ou do meu sucesso (qualquer que seja), para, no coração dessa renúncia, colaborar activamente (assumindo mesmo um serviço de liderança) na luta contra as pobrezas sociais e materiais e, sobretudo, espirituais.

"dirigimo-nos especialmente aos povos, grupos e pessoas que não ouviram ainda a mensagem evangélica..."

3. *A fonte da diversidade cultural*

A Missão da Igreja não é apanágio dos missionários *ad gentes*. Como Espiritanos, temos o nosso lugar próprio na partici-

[7] *Regra de Vida Espiritana, (RVE) 4.*

pação da grande missão da Igreja: esse lugar próprio é precisamente essa missão *ad gentes*, que é sobretudo *ad extra*: *"dirigimo-nos especialmente aos povos grupos e pessoas que não ouviram ainda a mensagem evangélica..."*[7] Este carácter "ad extra" da nossa missão é "policêntrica", ela aponta para um movimento de saída que não diz respeito apenas a missionários vindos do norte do planeta, mas diz respeito a missionários vindos de todo o mundo. Aponta também para um movimento de acolhimento que não diz respeito apenas aos povos do sul, mas a todos aqueles que se encontrem na situação de primeira evangelização e "infância eclesial", tal como se define na Regra. É nesse sentido, que a missão não é geográfica, já que ela é um envio em todos os sentidos (norte-sul, sul-norte, leste-oeste, oeste-leste...), porque ela se entende como *"responsabilidade das Igrejas, em comunhão umas com as outras"*[8]. Entretanto, parece-me que faz sentido não esquecer de onde viemos e conservar isso como uma referência inspiradora: *"Meu coração é dos africanos, todo dos africanos (...) quero que toda a minha vida seja ocupada a fazer a felicidade das pessoas de Africa"*[9]. Embora a opção preferencial por Africa obedeça a critérios ainda mais fundamentais, que são o do serviço aos pobres e o da primeira evangelização, ela permanece como uma fonte importante de inspiração para a definição da nossa missão espiritana ainda hoje: qualquer espiritano, de onde quer que venha, é chamado a sair (aqui sim, parece-me existir um carácter também geográfico), tornando-se deste modo sinal de uma igreja que se desinstala, desloca, para ir anunciar o Senhor até aos confins do mundo. Este deslocamento é, por si mesmo, um testemunho evangélico e nele reside também a nossa peculiaridade espiritana. Isso implica a aceitação do desafio de se encontrar com os "outros" e a sua diversidade cultural, que é o espaço próprio da germinação do Evangelho. De facto a salvação decide-se na relação com o outro, que pode tornar-se "inferno" (como em Sartre) ou "paraíso". Num mundo em que o relacionamento com o outro e as relações entre os povos são tão marcadas pela hostilidade e o inferno, é nossa tarefa específica tornar as relações entre uns e outros uma experiência de paraíso, e isso significa para os homens a diferença entre o desespero e a esperança. Tal experiência só pode brotar da única fonte de comunhão que é Cristo, que venceu, no seu olhar sobre os outros, as tentações do medo, da ambição e do poder, para tudo converter ao amor, reconduzindo todos ao absolutamente Outro, assim tornado nosso Pai.

"Desafio de se encontrar com os "outros" e a sua diversidade cultural"

"Há diferenças culturais que são fascinantes e atraentes ... há diferenças culturais que são incompreensíveis"

Nada disto tem sentido (por ser meramente teórico) se não tiver um rosto e um nome concretos. Para nós, em Itoculo, o outro chama-se macua e a sua diferença é para nós missionários, às vezes, algo de não muito diferente do "inferno". O único caminho para pas-

[8] *RVE, 13. 1.*

[9] *Libermann, ND, X, 24.*

sar do inferno ao paraíso é o Amor de Jesus Cristo e, portanto, também aqui, a Cruz e a abnegação de que fala Libermann são a única linguagem possível do Amor. Há diferenças culturais que são fascinantes e atraentes, e esse é o também necessário tempo da festa e da alegria. Mas há diferenças culturais que são incompreensíveis (como certos aspectos dos ritos de iniciação, por exemplo, ou certas atitudes culturais que facilitam o roubo ou a mentira...) e é esse o incontornável tempo para a penitência e para o perdão. Amar o povo não é camuflar os seus defeitos, fechando-se numa "ideologia cor-de-rosa" que nega as desconfortáveis surpresas que a relação concreta com as pessoas e as comunidades nos reservam. Amar o povo é acolhê-lo e aceitá-lo nos seus limites e disfunções e é tanto maior o amor quanto mais claramente nos apercebemos desses limites e, mesmo assim, insistimos, quase só por teimosia, em permanecer ao serviço desse povo e dessa Igreja. É por isso que o esforço de ser lúcido sobre as pessoas e os grupos pode muitas vezes ser útil ao amor e ao seu amadurecimento. No entanto, armadilha-nos a facilidade com que se desliza do sentido crítico, útil e construtivo, para o julgamento do outro, maledicência malsã que se absolutiza a si própria e encerra os outros nos seus limites, desesperando da possibilidade de comunicar com eles e iludindo a realidade dolorosa de, também nós, não estarmos isentos de proporcional dose de defeitos, limites e disfunções...

"Viver entre os Macuas é por isso uma escola permanente em que se procura aprender a relativizar o nosso próprio olhar e apreciação das coisas"

Viver entre os Macuas é por isso uma escola permanente em que se procura aprender a relativizar o nosso próprio olhar e apreciação das coisas, nem sempre muito optimista. Relativizar a experiência dolorosa das dificuldades na comunicação com o outro e com a sua diferença cultural significa quase sempre aprender a calar, não apenas no que dizemos, mas sobretudo no que pensamos e sentimos...Converter as afirmações dogmáticas em questões abertas à busca e converter a perturbação em silêncio: eis o grande desafio desta escola de humildade, na relação com a diferença cultural. Nesta escola, eu (nós?) estou sempre a chumbar, mas como cada dia temos marcados novos "exames", resta a esperança e o esforço de, pouco a pouco, ir conseguindo uma nota menos má...Como em tudo o resto, resta-nos a mesma receita deixada por Libermann: *"Toda a rigidez da vontade, toda a confiança em si mesmo e nas suas ideias, devem desaparecer e ser aniquiladas.*[10] *Ide apresentar-vos diante de Jesus, deixai-vos cair no Seu coração e derramai a vossa alma nesse coração. Não tenhais medo"*[11].

4. A Fonte da Vida Religiosa Comunitária

A experiência do contacto com o outro e as suas diferenças, que se vive de um modo bem concreto na relação com a diversi-

[10] *ND, XIII, 144.*
[11] *ND, IV, 269.*
[12] *ND, XII, 709.*

dade cultural do povo, tem também uma expressão importante no coração da própria experiência de vida em comunidade religiosa. A comunidade não é apenas uma "vida em comum", imposta por razões de necessidade prática; ela *"foi adoptada na Congregação como uma coisa essencial"*[12] e está ligada intimamente ao nosso ser religioso. Numa situação de Missão como a nossa em Itoculo a existência de 78 comunidades cristãs para assistir, a proliferação de escolas comunitárias para acompanhar, a exigência de centenas de animadores e catequistas para formar e ainda a considerável quantidade de solicitações diocesanas ou inter-paroquiais trazem facilmente a tentação de, em nome das exigências apostólicas e pastorais, relegarmos para segundo plano a dimensão comunitária da nossa vida e a atenção devida ao cultivo de uma vida de interioridade espiritual própria do ser religioso: *"Tendo deixado o seu país para serem missionários conservaram sempre esta ideia: 'Antes de tudo, sou missionário'. Como consequência, e sem se darem conta, eles não davam importância suficiente à vida religiosa e se entregavam excessivamente, penso eu, à vida exterior (...) Se eles são santos religiosos, eles salvarão as almas; se não o são, nada hão-de fazer, pois a bênção de Deus está ligada à sua santidade e a sua santidade depende unicamente da fidelidade às práticas da vida religiosa"*[13]. Na busca de ser fiel à intuição de Libermann, a nossa opção foi sempre a de interligar indelevelmente a actividade missionária à vida comunitária, acreditando que é na comunidade e pela comunidade que a nossa acção pastoral deve brotar e tornar-se fecunda, pois *"trabalhamos juntos ao serviço do Evangelho"*[14]. Isso não implica a "conventualização" da nossa vida, mas a compreensão de que, mesmo a actividade pastoral da comunidade jorra da sua oração comum, da sua programação e distribuição comunitária de tarefas e mesmo da sua execução vivida em equipa. É também neste sentido que a vida religiosa em comunidade se torna o "meio *sine qua non*", na expressão de Libermann[15], o lugar próprio em que acolhemos os desafios missionários que Deus nos coloca através deste povo. É aí e a partir daí que nos sentimos, como um todo, enviados em missão.

"É na comunidade e pela comunidade que a nossa acção pastoral deve brotar e tornar-se fecunda"

Por outro lado, vivemos num meio cultural em que a figura do chefe ocupa, na tradição macua um lugar de enorme destaque: a autoridade e a decisão recaem sobretudo, e por vezes exclusivamente, na pessoa do chefe. A tendência das nossas comunidades cristãs nascentes continua a ser a de projectar a sua imagem tradicional do chefe na sua imagem da autoridade dentro da Igreja, o que facilmente poderá tender a prestar aos líderes (mesmo aos líderes leigos) um excessivo culto, entendendo o "poder" dentro da comunidade como um exercício monárquico e muitas vezes arro-

"A tendência das nossas comunidades cristãs nascentes continua a ser a de projectar a sua imagem tradicional do chefe na sua imagem da autoridade dentro da Igreja"

[13] *ND, XIII, 353.*
[14] *RVE, 29.*
[15] *Cf ND XIII, 353.*

gante e autoritário. Nesse sentido, procurámos criar, no próprio modo de nos situarmos dentro da animação pastoral da nossa paróquia, uma outra imagem do exercício da autoridade, que apontasse mais para a colegialidade e para uma sadia compreensão do carácter hierárquico da Igreja, que não pode desligar-se da sua condição comunitária fundada no amor e na comunhão em Cristo. Nesse sentido, optámos em Itoculo pelo modelo de pároco *in solidum*, assumindo conjuntamente todos os trabalhos da paróquia.

"Contrariar o clericalismo e assumir uma vida comunitária que reflicta a riqueza da diversidade"

Sem descurar nem criar ambiguidades no que se refere ao ministério sacerdotal em si mesmo, também sentimos desde cedo a necessidade de lutar contra uma mentalidade que super-valorizasse o papel do padre na missão, subalternizando os outros membros, não padres, da comunidade. Contrariar o clericalismo e assumir uma vida comunitária que reflicta a riqueza da diversidade tem sido um aspecto a que temos procurado estar atentos. Ao longo dos anos, viveram nesta comunidade confrades de várias culturas e nacionalidades, entre padres e estagiários. Estes últimos nunca foram apresentados à paróquia como "seminaristas", mas simplesmente como religiosos (de facto, o povo tratava-os por "irmãos"), porque era isso que, de facto, eles eram...Nisso nos sentimos eco de uma sensibilidade crescente na Congregação, tão bem sintetizada pelo Capítulo de 2004: *"[Evite-se] toda a expressão que dê uma imagem falsa da Congregação, como a de "Padres do Espírito Santo" ou "Seminário"*, ao falar das casas de formação[16].

Nem tudo foi fácil, ao longo dos anos, na nossa comunidade: se *"cada um, com os seus dons, é uma riqueza para os outros"*[17], por vezes a riqueza do outro residiu simplesmente na dificuldade de relação com ele, enquanto ocasião dolorosa, crucificante, de rever as próprias atitudes interiores e de acabar por crescer na capacidade de escuta, acolhimento do outro e aceitação respeitosa do outro, na sua diferença.

"Vida comunitária como dom de Deus"

Entretanto, a vida de comunidade desenhou-se ainda como uma verdadeira experiência de fraternidade, amizade e ternura, e é nessa dimensão da vida comunitária como dom de Deus que é possível colher energia e criatividade para enfrentar os desafios desgastantes do serviço ao Reino de Deus.

5. A fonte da Igreja local

"Pelos nossos compromissos nas múltiplas Igrejas, contribuímos para uma permuta entre elas e um mútuo enriquecimento. Participamos na missão destas Igrejas, sem nos impormos, respeitando-nos mutuamente e dialogando"[18]. No caso da diocese de Nacala, onde se integra a

[16] *Documento do Capítulo de 2004, Torre d'Aguilha, 6.16.*
[17] *RVE, 34.*
[18] *RVE, 19.*

"Igreja Ministerial", descentralizada nas múltiplas pequenas comunidades cristãs"

nossa missão, esta relação com a Igreja local tem sido determinante. A Igreja Católica em Moçambique tem tido uma história muito particular, construída sobre a dor de uma revolução marxista ferozmente contrária à Igreja e, logo a seguir, no meio de uma guerra violentíssima, que ceifou numerosas vidas, também entre os missionários. Foi neste cenário que se desenvolveu, sobretudo depois da histórica Assembleia Nacional de Pastoral de 1977, a chamada "Igreja Ministerial", descentralizada nas múltiplas pequenas comunidades cristãs em que os serviços (ou *ministérios*) desempenhados pelos animadores leigos ocupam um papel decisivo. Chegados a esta realidade, tão diferente das nossas Igrejas de origem (Portugal, Angola, Nigéria...) representou um desafio tremendo de reaprendizagem do ser Igreja e nela respirar e trabalhar enquanto Espiritanos.

Por outro lado, tem sido igualmente possível viver num contexto eclesial e diocesano em que os Espiritanos são, no quadro dos missionários a trabalhar na mesma área, um grupo realmente minoritário e "sem história" no lugar. Contribuir para esta Igreja com a nossa originalidade própria, o nosso carisma, e ao mesmo tempo aproveitar da rica experiência de humildade que esta situação significa: eis o desafio que nos tem sido dado viver ao longo destes anos. Neste aspecto, tem sido de grande enriquecimento o intercâmbio com os outros institutos religiosos presentes na nossa diocese e na Província de Nampula: perceber as riquezas e pobrezas do outros, ter o privilégio de conhecer e até partilhar a sua caminhada tem-se tornado, para nós, numa grande escola de crescimento na nossa própria identidade espiritana. Conhecer o outro, afinal, ajuda-nos a ser nós mesmos, crescendo na nossa capacidade de comunicar e acolher as diferenças.

6. A fonte da colaboração com os leigos

"O leigo missionário (...) vivência da missão"

Sobretudo nestas duas últimas décadas, a Igreja e a Congregação têm descoberto com mais profundidade a riqueza de uma "missão partilhada". Seguindo estes ventos, a diocese de Nacala tem vivido, em várias missões, a experiência de trabalho em conjunto com leigos missionários. No nosso caso, vivemos mais de três anos em comunidade com um leigo missionário e vivemos actualmente com um outro missionário leigo, que connosco forma equipa. Na construção da nova missão em Itoculo foi prevista uma casa anexa para acolher três missionários leigos e faz parte do projecto desta comunidade a integração deste tipo de colaboração na missão.

Temo-nos apercebido de quanto o leigo missionário pode ser enriquecedor para a nossa vivência da missão e para a própria execução do projecto missionário da comunidade. Também nos damos conta que este "novo modelo" de missão está ainda a tactear o seu caminho, mas é uma convicção, já de algum modo fundada na ex-

periência, que este deverá ser um caminho a continuar. No entanto, para que a plantinha cresça sem grandes ervas daninhas, acredito que seria importante ter presentes alguns princípios: os leigos não são religiosos: têm a sua identidade própria e precisam de a assumir bem, tanto para a saúde da sua relação com Deus como para a autenticidade do seu testemunho no meio do povo, enquanto missionários leigos; os leigos não são "candidatos a Espiritanos": recebê-los com essa "agenda secreta" seria deslealmente falsear uma relação que deve respeitar a verdade das coisas; os leigos têm direito à sua originalidade própria e têm muito a enriquecer a nossa Igreja local com essa originalidade. No entanto, eles tornam-se para nós numa fonte inspiradora para a vivência do nosso carisma de Espiritanos na medida em que, embora mantendo a sua autonomia própria, conseguem articular o seu trabalho e a sua vida com o projecto de vida da comunidade espiritana, que é uma comunidade de religiosos essencialmente voltados para a evangelização.

7. A fonte da solidariedade entre Igrejas: o testemunho concreto da catolicidade

Este aspecto, que poderia à primeira vista parecer superficial, tem uma importância decisiva. Ser missionário espiritano não se faz apenas de belas convicções, de elevados ideais ou de amor a uma tradição: faz-se de comida e bebida, de tijolos e cimento, de carros e livros... Os recursos materiais são indispensáveis à missão e, num lugar como Itoculo, estes recursos só podem vir de fora. Sobretudo nos últimos anos, depois do nascimento do projecto de criação da nova missão em Itoculo, apercebemo-nos de como é grande a interdependência relativamente às Igrejas do norte. Se algum avanço houve no desenvolvimento da nossa missão, muito se deveu a numerosas organizações, pessoas e instituições (Missio, Diocese de Colónia, APARF, LIAM, JSF, etc.) que solidariamente participaram de forma activa no financiamento da nova missão. Neste campo, foi possível sentir as costas bem quentes pela família espiritana, que nos fez sentir de modo efectivo como a missão é uma tarefa comunitária, impossível de levar a cabo só por uns, mas necessariamente participada por todos.

"Como é grande a interdependência relativamente às Igrejas do norte"

Ser espiritano hoje, em Moçambique, é em grande parte sentir estes muitos rostos, próximos e distantes, que vivem e cons-troem connosco a missão. É aí que a "fonte originante" de Poullart des Places e Libermann ganha corpo e voz, nestas "fontes originadas"

[19] *Cf. Henry Koren, Essays on the Spiritan Charism and on Spiritan History, Bethel Park, 1990, cit. in Christian De Maré, Aux racines de l'Arbre Spiritain. Claude-François Poullart des Places. Ecrits et Etudes, Paris 1998, 179-180. Este artigo foi traduzido e publicado pela nossa revista Missão Espiritana no nº 5.*

que somos nós todos, aqui e agora, vivendo os novos desafios em que o Espírito nos faz tropeçar, dando-lhes as respostas do Evangelho de sempre. Henry Koren afirmava que o carisma espiritano se condensa em dois elementos fundamentais: a disponibilidade evangélica (enquanto docilidade a Deus que nos chama e envia e enquanto pobreza evangélica, tanto material como espiritual) e a atenção ao Espírito Santo que se manifesta nas situações concretas da vida[19]. Todas as "fontes" a que me referi acima são talvez alguns dos modos de dizer esta dupla identidade. Não se esgotam, porque a grande alegria de ser chamado por Deus à Vida Religiosa Missionária, como Espiritanos, passa pela novidade diária de redescobrir e aprofundar este carisma nos desafios e realidades próprias do lugar onde se está. Aprender a ser espiritano começa no Noviciado, mas vai acontecendo pelas estradas por onde o Espírito nos leva em Missão: é nesses lugares concretos que o carisma espiritano vai ganhando para nós contornos mais precisos, mais profundos e claros. É nessa medida que a nossa vida se vai tornando mais fecunda, comunicada na linguagem de que o nosso carisma espiritano se revestiu, ao encarnar na terra dos homens.

o apelo à missão

Na sociedade de hoje a missão já não é uma realidade muito evidente. Apresenta imensos sentidos e níveis. Mesmo nós, quando falamos de "apelo à missão" de que falamos? A meu ver, distingo imediatamente dois níveis: o da animação missionária e o da proposta vocacional.

A animação missionária é uma chamada de atenção para o universal, um estado de espírito que desejamos transmitir. Trata-se de convidar os nossos contemporâneos a olharem para o sul de um modo diferente, de convidar as pessoas de boa vontade para se comprometerem na defesa dos mais pobres. Neste sentido, tudo o que se faz relacionado com a solidariedade (jornadas, vigílias de oração, a operação "Amos" em França...) faz parte da animação missionária.

A proposta vocacional é o convite dirigido aos jovens para se juntarem a nós como membros da nossa congregação religiosa e missionária. Este convite é a preocupação de cada confrade. Nisso o testemunho é mais importante que a informação. No entanto uma equipa está encarregada, ou deveria estar, de pensar e formular claramente esta proposta. Ela tem cada vez mais consciência de que nos tempos de hoje nenhuma estratégia funciona eficazmente. É este nível que eu chamo "apelo à missão".

Esta tomada de posição não é partilhada por todas as províncias espiritanas da Europa. Contudo seria oportuno distinguir nas actividades que propomos aos jovens o que sobressai mais a um ou outro nível.

* *Gilles Pagès, espiritano francês. Licenciado em Teologia. Mestrados no Centre Sèvres em Paris e em Roma. Foi missionário em Angola. Membro da equipa provincial da Província da França.*

A quem se dirige este apelo?

"Evangelizar as generosidades que se manifestam claramente nas acções humanitárias"

A todos aqueles que estão mais relacionados connosco podemos propor o compromisso na vida religiosa. Mas o que agora oferece mais dificuldade não é tanto a vida religiosa em si mesma mas o compromisso. Esta última noção não é aceite nem valorizada pela nossa sociedade. O nosso objectivo deve ser dar prioridade aos jovens de quem conhecemos a generosidade. Aqui a preocupação será evangelizar as generosidades que se manifestam claramente nas acções humanitárias.

Como dirigir este apelo?

"Vinde e vede". Esta é, com a oração ao Senhor da messe, a única estratégia evangélica. No entanto seria proveitoso reflectir sobre outros temas: o trigo semeado, o trigo que morre... Há que ter coragem para se formularem estes objectivos. Actualmente, as nossas províncias dispõem de vários canais ou procuram descobri-los. Apresento apenas alguns deles:

1. Estão formadas equipas "apelo à missão". É indispensável que sejam apoiadas por todos os confrades da sua província.
2. Em alguns países foram abertos lares. Devem ser aprovados superiormente para que estes lares sejam lugares de despertar vocacional e não apenas simples hospedarias ou simpáticos grupos fraternos.
3. Há confrades que trabalham em organismos de envio, outros acolhem jovens cooperantes ou leigos missionários. Estas permutas tornam possível a descoberta efectiva do compromisso missionário espiritano.
4. Conservam-se ainda estruturas de formação, apesar do enorme investimento que elas exigem no seu estabelecimento, pessoal e finanças.
5. As nossas revistas não estão a ser sistematicamente orientadas para o apelo à missão. Mas elas não podem deixar este apelo completamente silenciado. Neste campo, as ideologias são por vezes lentas em converterem-se em utopias.

"Apelamos a um compromisso a tempo inteiro e por toda a vida, um compromisso custoso porque questiona"

Em que estado de espírito?

Não se trata de tergiversar se pretendemos formular uma proposta clara. Apelamos a um compromisso a tempo inteiro e por toda a vida, um compromisso custoso porque questiona.

As palavras serão claras, desprovidas de tudo o que as possa desvirtuar: A missão não é "por toda a parte" porque isso depressa

leva a entender que não é "por parte nenhuma". A missão não é "aqui" porque ela é envio, ora ninguém pode ser enviado para a sua casa. A missão não é "confiada a todos" porque isso desmobiliza e leva a crer que não é "confiada a ninguém". Este último ponto é o mais espinhoso. Fica para reflectir. Com efeito, enunciado assim, opõe-se aos desejos do Vaticano II.

É urgente trabalhar positiva e objectivamente a história da missão e a história da nossa congregação. Há que reconhecer erros mas também actos corajosos. Ponhamo-nos simples perguntas: que é o proselitismo? Que é a propaganda? Porque é que estas palavras estão carregadas de sentido negativo? O termo proselitismo significa "acolhimento do estrangeiro" e o termo propaganda tem a ver com propagação, "transmissão". Portanto que ninguém entre no templo da missiologia se não é filólogo!

É urgente trabalhar a teologia missionária, isto é, fazê-la sair da esfera das luzes das quais muitas vezes somos os herdeiros inconscientes. A epistemologia desta corrente não deixa de classificar tudo à luz duma escala de valores. Qualquer posição é lida como oposição mesmo que se possa tratar de tensão. Qualquer recurso é entendido como conquista mesmo que se possa tratar de procura. Outra norma: o respeito pelo outro nas suas convicções. Mas o respeito não significa tranquilidade. "Deixar os outros tranquilos na sua própria religião" torna-se uma situação difícil num mundo ligado entre si. Assim são muitas as confusões que prejudicam a proposta missionária.

Urgência ainda em reflectir sobre domínios que fazem parte íntima do ser humano: o sonho, o imaginário, a sedução. O apelo à missão pode fazer sonhar e pode seduzir. Assim por exemplo, o testemunho comunitário que é essencial a este apelo é uma sedução. Este termo é de encorajar. Ele é bíblico! A aventura pertence ao sonho, a viagem ao imaginário, a fadiga ao serviço. Seria preciso trabalhar estas noções para as apresentar com convicção.

"O apelo à missão pode fazer sonhar e pode seduzir".

Responder a estas urgências permite sair da crise de identidade missionária. Aqui há que distinguir outro nível: a missão não se confunde com a evangelização. Fica entendido na lógica apresentada acima, que não se trata de pôr em oposição estes termos, mas de os conservar em tensão. A nova evangelização é proposta do evangelho a todo o homem. Ela é apoio ou lembrança da sua fé. Sendo nova, supõe uma primeira evangelização. A missão é proposta do evangelho aos não cristãos. Hoje o mundo apresenta-se mais complexo que outrora. Será portanto necessário pôr-se uma questão simples: onde estão os não cristãos? Isso permitirá igualmente esclarecer o "aqui" e o "em toda a parte".

Enfim, qualquer apelo à missão implica um acompanhamento, um trabalho de purificação de que falei referindo-me à evangelização das acções humanitárias ou em relação à noção de compromisso.

Conclusão

Nós não sabemos o que mais propor então calamo-nos. Sendo a missão essencial à vida da Igreja como o sangue que a irriga, seria fatal tornar-se sangue coagulado, mortífero para a Igreja se uma congregação fundada para a missão se pusesse a tapar as artérias do Corpo inteiro. O mais necessário, parece ser um trabalho de teologia missionária fundamental como é necessário reencontrar esta convicção: há uma missão cristã. João Paulo II ousou dizer: há uma Verdade. Há nisso uma ligação...

Tradução: Domingos Neiva, Cssp

inculturação da fé

- breves apontamentos

A inculturação é uma realidade simples e complexa ao mesmo tempo. É como falar da respiração para vivermos; sem respiração as pessoas e muitos seres não podem viver, morrem. A inculturação é tão necessária à evangelização, como a respiração para vivermos. Com a inculturação recebemos, por assim dizer, uma nova natureza para podermos viver uma vida nova. Atinge a pessoa na profundidade do seu ser. É simples como a respiração, porém, atinge-nos por dentro, transformando todo o nosso ser, de modo que, daí para a frente, não seremos iguais; seremos gloriosamente diferentes. É um mistério que só o Espírito Santo pode realizar. É uma graça em ordem à missão..

Cristo e a vida cristã

Vejamos Cristo. Incarnou numa cultura, a cultura judaica. Deus preparou-a com todo o cuidado e pormenor para reconhecerem e receberem o melhor possível o Seu Filho Unigénito para que "tivessem vida e a tivessem em abundância". Mesmo assim, só morrendo, dando a Vida, é que conseguiu cumprir a missão para a qual o Pai O enviou. A inculturação é a incarnação de um cristão, que pode ser o missionário, numa cultura diferente, mas igual a todas as outras em valor e dignidade.

A inculturação atinge a pessoa no seu pensamento, palavras e acções.

O que S. Gregório dizia da perfeição da vida cristã podemos dizê-lo da actividade missionária: "Há três coisas que revelam e dis-

* *Joaquim da Silva Ferreira, espiritano português a viver e a trabalhar em Angola desde 1966.*

tinguem a vida do cristão: o pensamento, a palavra e a acção. Entre estas vem em primeiro lugar o pensamento; em segundo lugar vem a palavra que manifesta e exprime, por meio de vocábulos, o pensamento concebido e impresso no espírito; depois do pensamento e da palavra vem a acção que põe em prática o que o espírito pensou. Portanto, sempre que nos sintamos impelidos a agir, a pensar ou a falar, é necessário que todas as nossas obras ou pensamentos se orientem segundo a norma divina do conhecimento de Cristo; de tal modo que não pensemos, digamos ou façamos coisa alguma que se afaste desta norma sublime." S. Paulo, como também o venerável P. Libermann, dizem: "Transformai-vos pela renovação da vossa mente".

Dizia ainda S. Gregório: "É Cristo que comunica a beleza e a perfeição dos pensamentos que produzem uma certa coerência entre o homem interior e o homem exterior, desde que esses pensamentos e afectos que vêm de Cristo orientem realmente a nossa vida e a conduzam à rectidão e à santidade".

As sementes do Verbo

"Todas [as culturas] são aptas para poderem manifestar e viver a fé em Jesus Cristo"

Quanto ao pensamento é necessário que esteja esclarecido e convencido que todas as culturas têm igual valor: não há boas ou más, superiores ou inferiores; e todas são aptas para poderem manifestar e viver a fé em Jesus Cristo. Todas têm "sementes do Verbo" capazes de germinar e dar saborosos frutos de salvação em Cristo Jesus. Deste modo é necessário o estudo profundo da cultura em que o missionário vai encarnar, tanto na sua filosofia e sabedoria popular como nos seus costumes, vivências culturais, festas, hierarquia de valores, e sobretudo a sua língua.

"O conhecimento do conteúdo de cada palavra falada e escrita dentro de um determinado povo"

Quanto à língua precisamos de conhecer o valor e o conteúdo de cada palavra pronunciada dentro dessa cultura, para tornar possível a existência de diálogo, comunicação e "partilha da fé". Diz-nos S. Paulo: *"Tende entre vós os mesmos sentimentos, a mesma caridade, uma só alma, um mesmo sentimento; nada façais por espírito de partido ou por vanglória, mas cada um, por humildade, considere os outros superiores a si, não atendendo aos seus próprios interesses, mas também, aos dos outros"* (Fil 2, 2b-4). E na carta aos Gálatas acrescenta: *"Pela caridade colocai-vos ao serviço uns dos outros, porque toda a lei se encerra nesta palavra: amarás o teu próximo como a ti mesmo."* (Gal 5, 13-14). Torna-se importante e evidente que, para haver uma boa inculturação é necessário o conhecimento do conteúdo de cada palavra falada e escrita dentro de um determinado povo, porque os conteúdos são diferentes em culturas diferentes. O mesmo se dá com acontecimentos culturais: têm vivências e significados diferentes. Teremos de descobrir o conteúdo da palavra homem,

mulher, Deus, família, pai, mãe, tio, salvação, céu, etc. Um missionário estrangeiro demora algum tempo para ser capaz de evangelizar bem.

Quanto à acção, a mais importante e para a qual todas se dirigem é a caridade. *"Seja a vossa caridade sem fingimento. Aborrecei o mal, aderi ao bem. Amai-vos uns aos outros com caridade fraterna. Rivali-zai uns com os outros na estima recíproca. Na solicitude não sejais preguiçosos; sede fervorosos de espírito, servindo o Senhor; alegres na esperança, pacientes na tribulação, perseverantes na oração"* (Rom 9, 9-12).

Quanto ao pecado, que é uma desobediência à Lei de Deus, tem de ser destruído. Mas diz também S. Paulo: *"Finalmente irmãos, ocupai-vos com tudo o que é verdadeiro, nobre, justo, puro, amável, honroso, virtuoso ou que, de qualquer modo, mereça louvor. O que aprendestes e herdastes, o que ouvistes e observastes em mim, isso praticai"* (Fil 4, 8-9b).

O cristianismo do 3º milénio

O saudoso Papa João Paulo II ao introduzir-nos no terceiro milénio disse-nos: *"O cristianismo do terceiro milénio deverá responder cada vez melhor a esta exigência de inculturação. Permanecendo o que é na fidelidade total ao anúncio evangélico e à tradição eclesial, o cristia-nismo assumirá também o rosto das diversas culturas e dos vários povos, onde fôr acolhido e se radicar."*

"Permanecendo o que é na fidelidade total ao anúncio evangélico e à tradição eclesial".

No Golungo Alto – Angola

Na Missão do Golungo Alto, em Angola, onde trabalho, os primeiros missionários, os padres carmelitas descalços, pelos anos de 1660, encontraram muitas rotas de ligação entre Malanje e Luanda. Os comerciantes traziam borracha e outros produtos do interior (talvez já diamantes) para Luanda e daqui levavam o sal, o vestuário vistoso, o peixe seco do mar, etc. Eram distâncias longas a percorrer a pé, em grupo de pessoas por vezes numerosas. Durante a viagem muitos adoeciam e os pés inchavam. E, por isso, de vez em quando, precisavam de parar, recuperar as forças e a saúde. Os missionários criaram os chamados "Bancos" que eram pequenas casas, onde os viajantes se sentavam e recebiam os curativos necessários. Passados três séculos e meio, encontrei muitas aldeias cujos nomes têm a palavra "Bangu": Bangu a Kitamba; Banza Bangu, Bangu dos Dembus, Banza Bumba, Bumba do Bangu. Com a cura do corpo recebiam a evangelização. O certo é que, mesmo sem missionários que foram expulsos por Joaquim de Aguiar, o "Mata Frasdes", os missionários Espiritanos encontraram no princípio do século XX, comunidades vivas e evangelizadoras.

"A inculturação ... é uma realidade tão antiga quanto a Igreja"

É que hoje a inculturação está a tomar um novo vigor e urgência; não esqueçamos, porém, que é uma realidade tão antiga quanto a Igreja.

dom mário clemente neto 25 anos de bispo prelazia de tefé – amazonas

"Vim para servir".
Dom Mário Clemente Neto, Bispo Emérito da Prelazia de Tefé, celebra este ano 25 anos de sagração episcopal. Durante 20 anos foi Bispo Titular da Prelazia de Tefé. Aqui não se pretende uma simples homenagem a Dom Mário. Também não se quer uma biografia minuciosa, mas principalmente lembrar a vida e dedicação missionária de um confrade Espiritano nesta terras da Amazónia, "a sua maneira de servir a porção do Povo de Deus que lhe foi confiada como sucessor dos Apóstolos". O lema que Dom Mário escolheu irá caracterizar profundamente a sua postura de Pastor nesta Prelazia: "Vim para servir". Iremos comprovar isso à medida que entrarmos na história e vida deste homem.

Vida.

Eis um pequeno resumo biográfico: Dom Mário Clemente Neto, CSSp, nasceu a 07/08/1940 em Itaúna, Estado de Minas Gerais, Brasil. Os seus estudos teológicos foram feitos na Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma, Itália. Foi ordenado presbítero a 14/08/1966, em Itaúna, Minas Gerais. Será ordenado Bispo a 19/10/1980 no mesmo local. A sua renúncia foi aceite a 19/10/2000.

"Cartas de um Missionário"

Momento tão especial levou a Prelazia de Tefé, em pleno Amazonas, a comemorar de um modo especial os 25 anos de

* *Hugo Ventura. Licenciado em Teologia pela Universidade Católica portuguesa. Missionário espiritano na Prelazia de Téfé, Amazónia, tem partilhado a sua vida e Missão com o bispo emérito da Prelazia, D. Mário Neto.*

sagração episcopal de Dom Mário. No mês de Julho de 2005, foram muitos os que participaram em toda a programação pensada para esta ocasião festiva.

O lançamento de um livro intitulado "Cartas de um missionário", foi momento especial. Neste livro, "edição caseira", temos o contacto com várias cartas circulares escritas por Dom Mário aos amigos, benfeitores, colaboradores, aos quais nem sempre tinha tempo de responder. No final, ajuntava sempre uma nota pessoal a quem se dirigia. No prefácio, D. Sérgio Eduardo Castriani, actual Bispo de Tefé, nos apresenta o livro: "*A leitura das cartas circulares de Dom Mário, nos leva a conhecer seu coração e suas preocupações, mas também seus sonhos.(...) As cartas nos fazem conhecer a Amazónia das comunidades ribeirinhas e das aldeias indígenas, com suas belezas e seus dramas.(...) A seu modo, ele faz uma leitura magistral da realidade a partir da fé e do compromisso pastoral. Uma leitura que nos faz penetrar um pouco mais nos segredos de uma região ainda desconhecida e nas alegrias e angústias de uma Igreja que teima em continuar a anunciar o Evangelho de Jesus*"[1].

"As cartas nos fazem conhecer a Amazónia das comunidades ribeirinhas e das aldeias indígenas, com suas belezas e seus dramas"

Das muitas cartas circulares, apresento aqui uma. Através desta temos a oportunidade de entrar dentro da caminhada histórica desta Igreja local e da vida daquele foi o seu Pastor.

Carta Circular (1981)

"Tefé, 31 de dezembro de 1981.

Caríssimos, venho desejar a todos os meus amigos um ano de 82 cheio de bênçãos de Deus, muita paz e muita disposição para ajudar os que estão ao seu redor a serem felizes. Agradeço aos que me escreveram, por ocasião de meu aniversário, pela comemoração do primeiro ano de minha sagração, pelo Natal e outras ocasiões.

Neste 2º semestre estive viajando quase todo o tempo. Em minhas passagens por Tefé, dava uma olhada na correspondência, enchia-me de vontade de responder pelo menos uma palavrinha, mas não era possível. Agora tentarei mandar uma resposta a todos com algumas notícias, um cartão de Ano Novo mais recheado. Peço aceitá-lo como muito pessoal, dirigido a cada um de vocês.

Partilho com vocês algumas experiências vividas neste 2º semestre. Em setembro e outubro, fui fazer uma visita ao rio Jutaí. Lá vivem os seringueiros e vários grupos de índios. Os seringueiros só têm condição de vender sua borracha para os regatões, ou sejam, barcos de comerciantes que sobem o rio. Para comprarem sua alimentação, remédios, roupas, etc... só contam com os regatões. Estes fixam o preço da borracha e das mercadorias. Assim o povo está num beco sem saída. No período das cheias, as várzeas ficam inundadas e então tiram madeira, mas como a distância da foz é absurda, só podem vender para

"O povo está num beco sem saída"

[1] *Cartas de um Missionário, pág. 1.*

quem aparece lá para comprar. Vivem, portanto em muita dificuldade, sem recursos. Quando adoecem, praticamente só podem esperar a morte. Vivem muito isolados uns dos outros, pois cada seringueiro precisa de umas 600 árvores de seringa para poder viver. Por isso as casas são isoladas, longe umas das outras. Há um padre que vive lá com eles. Ele tem um pequeno barco e vive uns tempos com uma família, trabalha com eles tirando borracha ou cortando madeira, depois visita outra região. Eles resolveram fazer algumas reuniões para tratarem de seus problemas. Em 4 pontos diferentes construíram uma casa grande para servir de encontro do pessoal daquele trecho. Usaram o material que usam para as próprias casas; palha de palmeira, madeira, cipó. Participei de duas destas reuniões. Na primeira estiveram umas 150 pessoas, na segunda umas 100. Cada um trouxe sua farinha e peixe salgado. Em cada uma reunia-se o pessoal que estivesse até a distância de dois dias de viagem de remo aproximadamente. Minha viagem de Tefé até lá durou 12 dias viajando, às vezes, a noite toda ou boa parte da noite. Assim, para uma demora de uns 5 dias lá, foi quase um mês de viagem e mais de mil litros de óleo diesel a 60 c. o litro.

"Quando adoecem, praticamente só podem esperar a morte"

Nas últimas semanas estivemos trabalhando no rio Japurá. Não fomos até os limites da Prelazia, pois estes ficam na fronteira com a Colômbia e seriam vários dias de viagem até lá. Fomos o Ir. Pedro, 2 seminaristas e eu, até a sede da Paróquia de Maraã. Fomos numa lancha mais veloz do que um barco comum. Um pitoresco da viagem: Saímos de Tefé, entramos no rio Solimões, subimos uma distância de 3 horas (horas de barco comum, com a lancha é a metade do tempo mais ou menos). Atravessamos o Solimões para entrar no rio Japurá. Há muitas ilhas em todo este rio. A região é plana. Normalmente usamos mapas e bússolas, mas como havia connosco um rapaz de Maraã, seguimos suas indicações. Não se percebe quando se está navegando, se a gente está subindo ou descendo. Algumas horas mais tarde avistamos um povoado que ninguém reconheceu. Fomos perguntar e descobrimos que estávamos umas 3 horas abaixo de Tefé, novamente no rio Solimões! Tínhamos descido por outros braços do rio. Como nem o tempo nem o combustível não davam mais para chegarmos a Maraã, resolvemos voltar e seguir no outro dia. Nosso problema era explicar em Tefé o motivo de termos voltado. Pensamos em usar uma expressão vaga como: "tivemos um problema técnico", pois afinal de contas navegação também é uma técnica. Chegando aqui porém, não resistimos à tentação de contar toda a verdade. A piada era tão gostosa que não podíamos privar os outros de se deliciar com ela. Os nordestinos quando chegavam aqui na região e não sabiam nem remar, nem viver na mata, eram chamados de "brabos". Pois é, nós ainda somos meio "brabos". E as aventuras aos "brabos" não ficou só nisto. No dia seguinte saímos bem cedo. Depois de umas 10 horas de viagem sem problemas, seguimos o conselho de uns rapazes que encontramos e entramos por um paraná, um atalho. De repente, um baque horrível. Tínhamos batido num

"Atravessamos o Solimões para entrar no rio Japurá. Há muitas ilhas em todo este rio"

banco de areia coberto pela água. Fomos surrando em águas rasas em cima da areia uns 20 metros. Achei inicialmente que tínhamos batido num pau. Corri para verificar se estava entrando água no porão. Caso estivéssemos naufragando, convidaria os outros para cairmos na água e deixarmos o "navio" ir ao fundo sozinho. Coisa de "brabo", sabe? Acontece que estávamos bem encalhados na areia. A lancha teve só uma pequenas avarias e felizmente só o Ir. Pedro e um seminarista tiveram pequenas escoriações.

Maraã é uma paróquia que compreende dois municípios do Japurá. Quem dirige a paróquia é um Catequista Regional que orienta as comunidades, faz os batizados e casamentos. Era a festa da padroeira. Celebrei as missas, houve 1ª Comunhão e Crismas. Depois fomos visitar a sede do outro município e outras comunidades mais acima. Foram 20 horas de viagem até lá. Algumas curiosidades deste município: Ele tinha no censo anterior 3.700 hab, numa área de 50.000 Km2. Em 80 tinha somente 2.700 habitantes. Na penúltima eleição, o vereador mais votado recebeu 18 votos. Outro foi eleito com uns dois votos. Uma candidata não recebeu nenhum voto porque tinha combinado com um outro candidato de trocarem os votos e ele pensou que era brincadeira. Aconteceu porém que um dos eleitos faleceu e ela assumiu o cargo, eleita sem votos. Na última eleição, o mais votado obteve 12 ou 14 votos. Estas informações foi um vereador que me deu. O prefeito não estava. Ele mora em Manaus e é nomeado porque é um município de fronteira e por isso incluído nos de segurança nacional.

"Foram 20 horas de viagem até lá"

O que nos deixou impressionados foi o grande número de pessoas doentes de malária. Sobretudo crianças estão morrendo em grande número. Estão construindo um cemitério novo e em pouco tempo já enterraram 3 adultos e 5 crianças, numa vila que tem uns 300 habitantes. Várias pessoas acamadas lá e na antiga sede do município. O pior é que não tinham remédios para malária. Na beira do rio também as pessoas nos paravam e pediam remédios porque toda a família estava com febre.

"O que nos deixou impressionados foi o grande número de pessoas doentes de malária"

Fizemos lá um cursinho de dois dias preparando uma equipe para fazerem uma celebração do Culto Dominical. No último dia tivemos o culto celebrado por eles mesmos. Fazemos sempre este trabalho pelo interior para que a partir daí possam ir formando comunidade, se ajudando mutuamente para ir resolvendo os problemas de saúde, de escola, etc. Assim procuramos ser úteis ao povo daqui. Contamos com a ajuda de muitos que nos enviam suas colaborações. No mês de setembro por exemplo em Pará de Minas (MG) fizeram uma coleta que nos mandam para colocarmos um pouco mais de Bíblias nas mãos do povo. Outros nos têm ajudado e com isto pagamos por exemplo o combustível para estas viagens e outras despesas.

"Contamos com a ajuda de muitos que nos enviam suas colaborações"

Minha cartinha ficou realmente um "cartão", mas isto é para compensar o atraso em responder, às vezes, de 6 meses. Fui contar agora, são 120 cartas deste 2º semestre que ficaram sem resposta!

Desejo-lhes mais uma vez muitas felicidades. O apoio de suas orações e amizade é muito importante para mim"[2].

"Levar a Igreja a caminhar com os próprios pés"

Numa das suas últimas cartas Dom Mário confessa que tinha uma linha de orientação pastoral: "*levar esta Igreja a caminhar com seus próprios pés*"[3]. A leitura de todas as cartas circulares faz-nos perceber essa mesma linha pastoral assim como o amor com que ele assumiu e abraçou este ministério. Podemos ver claramente algumas opções:

- **Uma opção preferencial concreta pelos pobres e excluídos.**

Na Prelazia de Tefé eles concentram-se no beiradão, ao longo dos rios, em comunidades cheias de vontade de viver, integradas com a natureza, mas herdeiras de séculos de exploração, abandono e pobreza. Ele faz um retrato desta realidade dolorosa: " *A situação do povo no Juruá e Jutaí está sempre piorando. A borracha está cada vez mais desvalorizada. Agora nem comprador encontram. Muitos estão se mudando para as cidades, onde não encontram emprego. Alguns estão tentando na agricultura, mas não encontram quem compre o seu produto*"[4].

Embora estes pobres se encontrem longe, muito longe muitas vezes, não deixou de estar do seu lado. Viagens que tinham duração de um mês. Viagens que se sabia quando começava, mas que nem sempre se sabia quando terminavam. Consciente das dificuldades e desafios, procura não abandonar este povo. A visita pastoral era uma forma da Igreja mostrar que está do seu lado. Podemos também constatar que esta Igreja local procurou ajudar estas comunidades mais necessitadas dando suporte a projectos de sobrevivência, a todos os níveis. A esse respeito, Dom Mário conta-nos: "*As paróquias e a prelazia têm dado suporte a vários esforços que as comunidades fazem por uma melhor sobrevivência, a formação de associações de agricultores para conseguir melhorar e diversificar sua produção, escoá-la e comercializá-la; a obtenção de mais apoio da administração pública, etc. Nestas buscas de melhoria tem havido uma luta de muitas das comunidades da região para a criação de Reservas Extrativistas (Resex). As Resex visam a uma exploração racional dos recursos da floresta sem destruí-la e permitindo uma vida mais digna para as pessoas que ali moram. Nestas e noutras lutas do povo, geralmente só a Igreja tem dado um suporte efectivo às comunidades para que as famílias não sejam obrigadas a caírem no desemprego, nas periferias das cidades*"[5].

"as paróquias e a prelazia têm dado suporte a vários esforços que as comunidades fazem por uma melhor sobrevivência"

[2] *Cartas de um missionário - carta circular de 1981, pág10.*
[3] *Ibidem - carta circular de 2002, pág. 128.*
[4] *Ibidem - carta circular de 1988, pág. 48.*
[5] *Ibidem - carta circular de 2002, pág. 129.*

• A vida em comunidade.

"A vida em comunidade trouxe uma união de forças e uma luta maior"

Um dos trabalhos gigantescos que foi feito nestes últimos 25 anos foi o da formação de comunidades. Acreditou-se que este seria um modelo com muitas vantagens para este povo. As distâncias, os trabalhos na mata e outros fenómenos levavam a que o povo estivesse muito disperso, sem acesso a saúde, educação e mesmo assistência religiosa. A vida em comunidade trouxe uma união de forças e uma luta maior por todos esses direitos. Dom Mário e toda a Prelazia de Tefé apostaram muito nesse sentido. Ao longo das suas cartas vai falando um pouco desta opção: *"No primeiro semestre, através da Coordenação Pastoral, procuramos realizar cursos para as comunidades do interior. São os Cursos de Pastoral Familiar que já são uma tradição aqui. São um apoio às comunidades que vivem muito isoladas pelas distâncias, pela falta de meios de comunicação, pelo analfabetismo, etc. Muitas delas já têm uma certa organização, têm a celebração do Culto Dominical, comemoram as festas, têm escola, agente de saúde, etc. Neste ano estamos procurando ajudá-las a se organizarem melhor ou iniciarem a formação de uma comunidade quando nada ainda foi feito. Ajudamos a estabelecer grupos de reflexão para lerem juntos o Evangelho da semana, e juntos procurarem entender e aplicar para a vida de cada um. Demos a estas reuniões o nome de "Ajuri" da Bíblia. Ajuri é o nome para mutirão aqui. Fazem muitos ajuris para preparar um roçado, plantar uma roça ou colher. Para a celebração do culto, geralmente há um "catequista" ou dois. Incentivamos para que houvesse uma equipe em que cada um assumia uma função, nem que seja a de limpar a capela ou preparar a sala da casa onde vão celebrar o culto. Ajudamos a formar um conselho comunitário para que se reúna regularmente e estude os problemas da comunidade"*[6]. Hoje, são poucas as famílias que vivem isoladas. Muitas, apesar das dificuldades, conseguem trabalhar, sustentar as famílias e defender os seus direitos. Pode-se constatar que esta continua a ser uma das apostas pastorais em toda a Prelazia.

• Defesa dos Povos Indígenas.

"O trabalho junto dos índios é uma de nossas preocupações"

Se o povo que mora no "beiradão" é um povo esquecido e abandonado, então isso é muito mais evidente com os índios presentes em toda a região. Através do CIMI (Conselho Indigenista Missionário) ou de outras instituições, a Prelazia procurou apoiar os projectos na defesa dos direitos destes povos. Afirma-se mesmo que este trabalho era uma das prioridades: *"O trabalho junto dos índios é uma de nossas preocupações. Há o isolamento e exploração em que vivem, os*

[6] *Ibidem - carta circular de 1982, pág. 20-21.*
[7] *Ibidem - carta circular de 1990, pág. 59.*

problemas especiais de saúde, a falta de apoio oficial para a demarcação de terras"[7]. Aliás, como poderemos constatar, os índios eram bastante numerosos nesta prelazia e com realidades bem diversas: "*Um sector de nosso trabalho é com os índios. Temos no território da prelazia uns 4.500 índios de 12 povos diferentes. Ao todo são umas 50 aldeias ou grupos. A situação de cada povo é diferente: uns já não falam mais sua língua original, ou-tros se expressam mais ou menos em português e outros só falam a sua língua própria. Uns vivem em lugares fixos e são agricultores, outros vivem se mudando de lugar e não cultivam a terra. Estão muito espa-lhados e a maioria está na cabeceira dos rios para onde foram expulsos*"[8].

• Formação.

Esta é uma das prioridades não só nesta prelazia, assim como em toda a região amazónica. Numa das reuniões, após alguns dias de trabalho, "*os padres, irmãs, irmãos e Bispos concordaram em dois pontos fundamentais: 1º) nossa região é realmente missionária; 2º) nossos esforços devem dirigir-se, sobretudo para a formação. É uma região missionária porque ainda não foi estabelecida uma Igreja local. Mesmo aquelas que são chamadas diocese, na verdade são "prelazias fantasiadas de dioceses" pois nem um número razoável de padres locais elas têm. Temos que fazer todo o investimento possível na formação de padres diocesanos, de leigos comprometidos e também de religiosos. Uma Igreja constituída é ter um povo evangelizado e ministros para oferecer os serviços fundamentais dos Sacramentos e da Palavra*"[9]. Uma das preocupações que podemos constatar frequentemente ao longo da leitura destas cartas é a respeito do clero presente na Prelazia. Todos eles são missionários, vindos de outros países ou de outros estados do Brasil. Passados poucos anos, voltam de novo para as suas terras. Existe uma grande rotatividade do pessoal a trabalhar nesta região. É muito difícil ter continuidade no trabalho. Daí que a inauguração do Centro Vocacional, tenha sido um momento histórico na vida desta Igreja local. "*E inauguramos o Centro Vocacional. É um local que construímos para receber jovens para estudarem melhor e amadurecerem a sua vocação. Servirá para encontros com esta finalidade e também para um ano ou mais de preparação para os que decidirem ser padres. (...) Um dos dirigentes dos grupos de reflexão trouxe uma observação que nos surpreendeu. No seu grupo as pessoas diziam que nunca tinham apoiado alguém para ser padre porque pensavam que se alguém fosse ordenado padre teria que ir embora daqui. De fato, todo padre que eles conhecem veio de fora e está longe de sua terra*"[10]. O esforço pela formação de um clero passou por algumas provações, mas aposta continuou bem evidente. Também a formação de leigos, seja a nível da prelazia ou a nível

"É uma região missionária porque ainda não foi estabelecida uma Igreja local"

[8] *Ibidem - carta circular de 1989, pág. 52.*
[9] *Ibidem - carta circular de 1993, pág. 74-75.*
[10] *Ibidem - carta circular de 1991, pág. 64.*

"A formação e o treinamento dos Dirigentes das Celebrações que são aqui chamados de Catequistas Locais"

paroquial continua a ser promovida. Numa das suas últimas cartas circulares, Dom Mário retrata esse trabalho: "*Outra frente de trabalho com as comunidades é a formação e o treinamento dos Dirigentes das Celebrações que são aqui chamados de Cate-quistas Locais. Temos uma formação básica de quatro cursos e depois a formação permanente. Este ano promovemos uns sete cursos principalmente para os iniciantes. (...) Porém na organização dos cursos de formação se vê a grande generosidade e participação de todas. O Curso é feito numa comunidade que põe à disposição alguns homens para saírem todas as noites para pescar o peixe para as refeições e algumas mulheres se encarregam da cozinha. As comunidades que enviam os participantes mandam todo o rancho que podem: peixe salgado, caça, abó-boras, mandioca, banana, açúcar, etc (...) À noite., toda a comunidade se reúne. Os cursistas fazem uma avaliação do dia e contam para todos o que aprenderam naquele dia. Depois fazem-se brincadeiras da qual todos participam com muito barulho e alegria*"[11].

Estas são algumas das opções pastorais assumidas por ele, enquanto Bispo desta Prelazia, e por toda esta Igreja local. O objectivo parece ser bem claro: "Levar esta Igreja a caminhar com os próprios pés".

Ao serviço da Igreja local

A publicação desta "edição caseira"[12] com as cartas circulares nos coloca em pleno contacto com a história desta Prelazia e faz-nos entrar mais neste mundo misterioso que é a Amazónia. Em jeito de conclusão podemos dizer que o lema escolhido por Dom Mário - "Vim para servir" - marcou profundamente o seu ministério enquanto pastor e igualmente a dinâmica e compromissos pastorais assumidos em toda a Prelazia. Depois de 20 anos como bispo ao serviço desta Igreja local, agora encontra-se a trabalhar na paróquia de Fonte Boa, uma das paróquias do interior desta prelazia de Tefé. Antes de começar esta nova etapa de sua vida, ele escreve: "*A saúde está boa, graças a Deus, embora tendo que tomar os cuidados que a casa dos 60 começa a exigir. Tenho ainda condições de trabalhar mais uns tempos por aqui e por isso aceitei contribuir um pouco mais para esta igreja*"[13]. Este lema tornou-se um jeito de viver. Como espiritano está ao serviço de uma igreja que necessita de operários. Obrigado, Dom Mário, por toda a sua dedicação.

"Este lema tornou-se um jeito de viver"

[11] *Ibidem - carta circular de 2004, pág. 133-134.*

[12] *Dom Sérgio no prefácio desta obra (pág. 2) confessa: "Esperamos que no futuro alguém possa fazer uma edição mais apurada destas carta circulares, com uma introdução e uma contextualização histórica, além de mapas, fotos e notas de rodapé. No momento, bem no estilo de Dom Mário, nos contentamos com esta 'edição caseira' ". Se alguém desejar apoiar na publicação desta obra, ou então ter contacto com a obra na íntegra pode-o fazer pelo endereço electrónico de D. Sérgio: scastriani@bol.com.br.*

[13] *Ibidem - carta circular de 2002, pág. 126.*

Ascensão Lourenço*

para um histórico da fundação das espiritanas em portugal

Ao olharmos os princípios do Distrito creio não termos dado o relevo devido à primeira Espiritana portuguesa, a jovem Arminda Branca Felgueiras, que assim se tornou oito anos antes da Fundação das Espiritanas em Portugal. No desejo de contribuir para a memória da missão que se nos apresenta como uma fonte inspiradora e criativa para o hoje, queremos evidenciar neste artigo quatro figuras Espiritanas a par do aspecto histórico da vinda das Espiritanas para o nosso País.

1. Figuras marcantes do Distrito

- Ir. Maria José Felgueiras
- Ir. Maria Jacinta da Costa Marques
- Ir. Antonieta Monteiro
- Ir. Maria Joaquim

"Salientar o ideal missionário no feminino"

Queremos salientar o ideal missionário no feminino, que arrancou na primeira metade do século XX, durante e pós a Primeira Grande Guerra, época em que, sem globalização, meios de comunicação etc, é, sem dúvida, inovador. A fundação das Espiritanas em 1921 situa-se neste universo. Também mais tarde as primeiras Espiritanas portuguesas acima citadas e tantas outras, entre elas a Ir. Antonieta, têm percursos interessantes de vida e acção missionária. A força de um carisma tem o suporte histórico na memória dos Fundadores, dos projectos e principalmente no testemunho de vida das missionárias em comunidade espiritana, vidas entregues ao serviço do Evangelho e dos pobres.

* *Ascensão Lourenço. Irmã espiritana. Foi missionária no Brasil. Actualmente é animadora missionária em Portugal.*

1.1. A pioneira Ir. Maria José

A Ir. Maria José Felgueiras, foi uma pioneira que bem pode ser colocada ao lado de outras mulheres pioneiras em algo no nosso País.

Transcrevemos um extracto de notícia da sua primeira Missão nos Camarões, de Abril 1936 a Agosto de 1941 que bem ilustra o seu ideal missionário.

« Le 21 Avril 1936, elle arrive à EDEA dans le Sud-Came-roun. C'est une mission fondée en 1891 par les Pères Pallottins et reprise par les Spiritains. La Comunnauté des Spiritaines s'est ouverte le 5 Décembre 1931. Le journal de Communauté dit: *«Une nouvelle petite sœur, toute fraiche, nous arrive ce matin. C'est Sœur Marie- -José qui remplacera Sœur Marguerite Marie ... » travaillera à l'école des filles.*

Le 21 Janvier 1938, Sœur Maria–José quitte EDEA pour ESEKA toujours dans le Sud-Cameroun, où les Spiritaines viennent de s'installer le 7 Janvier. Elle fera la classe aux fillettes.

Le 8 Mai 1938, on signale que la Sœur Supérieure principale, de passage, crée l'ouvroir qui est dirigé par Sœur Maria-José. En Juin 1939, Maria-José est fatigué par la fiévre et va se reposer chez nos Sœurs à NGOIWAYANG.

En 1941, le 10 Janvier, elle quitte la mission d'ESEKA et revient à EDEA où elle reprend l'école qu'elle avait déjá tenue de 1936 à 1938.

Le 21 Juillet 1941, un câble de la Révérende Mère générale demande de faire partir Sœur Maria-José pour DOUALA d'oú elle s'embarquera pour le Portugal, où se prépare une fondation. Elle quitte EDEA le 8 Août. »

Em 14 de Março de 1934, numa carta dirigida a Madame Caps, mãe de Marie Eugénie Caps, fundadora das Irmãs Missionárias do Espírito Santo, o Pe. Cruz, em Montaná, Suíça, escrevia:

"Como sabe, as Irmãs já estão na Bélgica. Parece que o bom Deus prepara também a entrada delas em Portugal. Em Mirande, Gers, na França, encontra-se uma postulante portuguesa..."

"Parece que o bom Deus prepara também a entrada delas em Portugal"

Trata-se de Arminda Felgueiras, que começaria o Noviciado dias depois, tomando o nome de Maria José Felgueiras, como é conhecida no Instituto.

E no mês seguinte a própria Superiora Geral - Mère Michael Dufay, escrevia ao Pe Cruz:

"A Ir. Maria José é uma excelente noviça, que honra Portugal, muito inteligente, fala já bem o francês e é muito piedosa..." Qual o pomar donde provêm tais frutos?

1.2. Uma Família Fonte de Vocações

A Ir. Maria José Felgueiras, de nome civil Arminda Branca de Vasconcelos Felgueiras, nasceu a 22/01/1915 em Caldas de Vizela (S. João), Guimarães.

Seus pais: José Joaquim Baptista Felgueiras e Maria de Araújo Pereira de Vasconcelos Felgueiras, eram profundamente católicos praticantes e educaram os seus nove filhos nesse ambiente de prática religiosa. *Desses nove filhos seis foram religiosos, dos quais cinco Missionários e uma Carmelita.*

A Arminda seguiu a vida Espiritana, tal como o seu irmão Padre José Maria. Para isso teve que ir fazer a formação a França dado que a Congregação missionária por ela escolhida ainda não existia em Portugal. Só oito anos mais tarde seria fundada a primeira comunidade das Irmãs Missionárias do Espírito Santo em Lisboa.

Podemos imaginar as dificuldades que a Menina Arminda teve que vencer para chegar a realizar as suas aspirações. Neste projecto foi muito ajudada por seu irmão José Maria que nessa data já era seminarista maior na Congregação dos Missionários do Espírito Santo e que também ele, com outros colegas, deviam fazer o noviciado em França.

No dia 4 de Setembro de 1933, foram as "despedidas dolorosas" segundo a expressão de Arminda, pois "sabia-se lá quando voltaria a ver os Paizinhos e Manos!? ... "Não se viajava então com a frequência dos nossos dias. Mas a "Aspirante" à vida religiosa - missionária sabia que estava nos braços de Deus, o "Pai carinhoso que nunca nos abandona" e isso lhe bastava. É ela própria quem assim se exprimia tempos depois.

"Sabia que estava nos braços de Deus"

1.3. O percurso de Missionária

Dia 4 de Setembro de 1933 a Menina Arminda Branca ficou no Seminário dos Espiritanos na Régua, onde se encontravam os 14 Escolásticos, entre os quais o seu irmão e com os quais viajaria no dia seguinte de comboio, com destino a Paris.

Quando no dia 07 o comboio chegou a Paris, Gare d'Austerlitz, o grupo aí era esperado, dirigindo-se à Rua Lhomond, onde se situava já nessa altura a casa dos Missionários do Espírito Santo e então, na mesma rua, em frente , a residência das Irmãs Missionárias do Espírito Santo.

A Ir. Maria José contará mais tarde que foi recebida pela irmã porteira e a madre Michael, Superiora Geral, com muita "alegria e gentileza" e servindo-lhe o pequeno almoço a mandaram descansar, o que ela aceitou de boa vontade pois sentia-se deveras cansada após dois dias e meio de viagem. Entretanto, a Madre Michael disse-lhe que dentro de dois ou três dias iria para o Postulantado em Mirande, Ambaloge(Gers), a alguns quilómetros de Lourdes. Mas antes foi apresentá-la a Mgr. Le Roy e em seguida participou na Eucaristia celebrada pelo próprio Mgr. Le Roy.

A Ir. Maria José fez a primeira Profissão Religiosa a 10/04/1936 em França e a Perpétua a 24/05/1942 em Portugal. Trabalhou como

enfermeira no Dispensário de Alcântara e integrou a primeira equipa da Fundação de Angola no Cuíma- Huambo, a 3 de Fevereiro de 1951.

Missionária em Angola até 1974, quando regressou a Portugal, tendo ainda trabalhado algum tempo no hospital de Guimarães.

Na condição de reformada, em 1978 integrou a comunidade de Braga onde a vimos sempre viva e activa, procurando descobrir ao seu redor campo de trabalho junto dos idosos e doentes. Fazia o levantamento de problemas sociais dando-lhes o encaminhamento, para o qual tinha um carisma especial.

Os limites de saúde obrigaram-na a reduzir a sua actividade, mas sempre procurou divulgar o amor e a devoção ao Coração Imaculado de Maria, baseada na Mensagem de Fátima.

A Ir. Maria José faleceu a 22 de Dezembro de 1993, tempo em que a liturgia fala de Maria como a bem amada de Deus porque escolhida para Mãe de Cristo, luz e salvação para todos os povos.

"A Ir. Maria José é justamente a pioneira das Espiritanas Portuguesas"

Pelo seu percurso e testemunho a Ir. Maria José é justamente a pioneira das Espiritanas Portuguesas e integrou a equipa da fundação em Angola.

1.4. O dinamismo que o Espírito suscita

"Os dinamismos de ousadia e coragem que o chamamento de Deus desperta no coração"

A família cristã desta jovem, a viagem que empreende para se tornar missionária, remete-nos para os dinamismos de ousadia e coragem que o chamamento de Deus desperta no coração, ontem como hoje. Os textos, transcritos, um no original e outro traduzido, mostram-nos duas coisas:

Primeiro que a Ir. Maria José é a primeira Espiritana portuguesa, tendo feito a sua formação em França. Segundo, que por largos anos houve projecto do Instituto para abrir uma Comunidade em Portugal o que veio a registar-se somente em 1941 e para o qual contribuiu certamente o facto de haver uma portuguesa que avança, dando o sinal de que no nosso País haveria um clima propício ao despertar das vocações missionárias para os países lusófonos. Tenhamos em conta o contexto sócio político nas Colónias francesas, permitindo a abertura na direcção da lusofonia.

As primeiras tentativas em ordem à vinda das Irmãs datam de Junho de 1934, quando o Sr. Pe. Dr. Clemente Pereira da Silva, Espiritano, escreveu à Superiora Geral do Instituto, pedindo a vinda das Irmãs e propondo-lhes uma obra em Viana do Castelo para começar.

2. A visita que prepara a Fundação em Portugal

Em Abril de 1941 a Superiora Geral Mère Michael Dufay deslocou-se - se a Portugal para preparar "in loco" a tão desejada Fundação. Estudou as condições mais favoráveis para atingir o objectivo prioritário, a saber: a abertura de um Postulantado em vista do re-

crutamento e formação de Espiritanas Portuguesas para partirem para o então Ultramar Português.

No coração da Europa vivia-se a 2ª Guerra Mundial, com todo o corolário de restrições: revistas das pessoas, atrasos de comboios e sobretudo a desconfiança de tudo e de todos. Mère Michael não se poupou a esforços para atingir o objectivo da Fundação. Prova disso é o Diário da sua primeira viagem a Portugal, documento que pode ser consultado nos arquivos da Congregação, cuja narrativa detalhada nos revela bem o ambien-te da época.

"Mère Michael não se poupou a esforços para atingir o objectivo da Fundação"

(Diário de Mère Michael Dufayl; Uma História de Doação e Serviço; O Amor é engenhoso)

2.1. A chegada das Espiritanas

Dia 18 de Agosto de 1941 partiram de Paris para Lisboa três Espiritanas:

Irs Helène Bricks, Christine Morel e Fernande Wicquart.

Esta viagem foi feita de comboio pelo itinerário: Paris, Toulouse,Vichi, Lourdes, Confranc, Madrid, Saragoça, Valência de Alcântara, com chegada a Lisboa dia 26 de Agosto.

As Irmãs foram acolhidas pelos Espiritanos, na pessoa do Sr. Pe. Joaquim Alves Correia que as encaminhou para as Irmãs Doroteias na Avenida Fontes Pereira de Melo, onde ficaram alguns dias. Quatro dias após a chegada delas, 30 de Agosto, chegou a Ir. Maria José Felgueiras, vinda dos Camarões, empreendendo uma longa viagem de barco que demorou 23 dias de Douala a Lisboa. Vinha juntar-se à Comunidade recentemente fundada em Lisboa pelas Espiritanas francesas que acabavam de chegar.

Em seguida foram provisoriamente para um orfanato na Parede e daí para a Rua da Rosa, nº209, dependência da Misericórdia de Lisboa. Foi aí que no dia 14 de Novembro desse ano deram entrada as duas primeiras candidatas à vida missionária, Maria Alcina da Costa Marques (Ir. Jacinta) e Palmira Monteiro da Silva (Ir. Antonieta) acolhidas pela única espiritana portuguesa dando início ao Postulantado no dia 21 desse mês.

"Os primeiros meses foram certamente difíceis e de grande itinerância"

Os primeiros meses foram certamente difíceis e de grande itinerância.

Entretanto foram feitos contactos junto do Sr. Dr. Diniz da Fonseca, no sentido de encontrar um trabalho e casa para as Irmãs, no Dispensário Central Rainha D. Amélia, dependente do Ministério dos Assuntos Sociais.

Dia 6 de Dezembro Mère Michael Dufay fez uma visita relâmpago à jovem Comunidade. Os contactos com o Dr. Diniz da Fonseca chegaram a bom termo e a 26 de Dezembro de 1941 a Comunidade mudou-se para a casa anexa ao Dispensário Cen-

tral Rainha D. Amélia, na Av. Infante Santo, tendo começado algumas Irmãs a trabalharem no Dispensário como enfermeiras.

2.2. A Formação – Abertura de Noviciado

"As Espiritanas vieram para Portugal com um objectivo bem definido: a formação de missionárias"

As Espiritanas vieram para Portugal com um objectivo bem definido: a formação de missionárias, projecto esse que logo começou a desenrolar-se pela admissão de candidatas e início da Formação.

As jovens apresentavam-se, algumas até formadas, provindas da Acção católica que então estava muito viva no nosso País e semeava o espírito missionário. É notável o trabalho em prol das vocações, realizado por toda uma geração de Espiritanos através da LIAM.

No dia 28 de Maio de 1944, Solenidade de Pentecostes, realizou-se a Profissão religiosa das Ir. Jacinta e Ir. Antonieta na comunidade de Alcântara – Lisboa

A 12 de Junho desse ano deu-se a bênção da capela do Noviciado em Coimbra, Quinta das Alpenduradas, onde funcionou até Julho de 1947.

Em Julho de 1947 o Noviciado foi transferido para a Quinta de Santa Tecla- Braga.

Em 1950 foi de novo transferido para o Largo de São Tiago, Rua do Alcaide, Braga. Sendo o espaço em São Tiago muito reduzido, os Missionários do Espírito Santo, na pessoa dos Superiores, doaram o grande terreno no Fraião para o Noviciado. Jamais agradecemos tão grande benefício.

Assim, em 1963, o Noviciado foi para o Fraião –Braga onde tem permanecido, com excepção de poucos anos que esteve no Porto.

3. Flashes do partir em Missão

"Cabo Verde foi o primeiro país para onde partiram as Espiritanas"

Cabo Verde:

Cabo Verde foi o primeiro país para onde partiram as Espiritanas. A pedido do Sr. Bispo D. Faustino Moreira, Espiritano, duas Irmãs portuguesas e duas francesas - Fernanda Wicquart, Marie Julie lavigne, Antonieta Monteiro e Margarida Ascensão Reis - iniciaram a Comunidade a 20 de Fevereiro de 1946 na cidade da Praia. As jovens Irmãs começam por se ocupar dos doentes no Hospital. Esta comunidade internacional não teve uma adaptação fácil ao trabalho e às dificuldades da época. Foram alargando o seu trabalho missionário sobretudo no campo da pastoral e da formação feminina, privilegiando a área da saúde, a formação feminina e assistência à criança. Apenas seis anos após a abertura da 1ª Comunidade foi possível uma segunda.

Hoje o Distrito faz o seu caminho, envia missionárias para outros países e prepara-se para integrar as Comunidades da Guiné-Bissau.

Actualmente tem 4 Comunidades, inclusive, Noviciado.

(Uma história de doação e serviço)

Angola:

O dinamismo missionário do jovem Distrito estendeu-se a Angola onde fundaram a primeira missão no Cuíma, – Diocese do Huambo, em 3 de Fevereiro de 1951, a pedido do Bispo , Sr. D. Daniel Junqueira.

As Espiritanas começaram por se dedicar sobretudo à formação de Professores na Escola do Magistério Primário, que teve grande importância na região.

Na celebração dos 80 anos de presença missionária em Angola foi evocada, a força de superação das situações mais diversas e hostis, e a fidelidade na atitude de servir o povo e o Evangelho até aos dias de hoje. A maior dificuldade foi a guerra de décadas e sobretudo a fase da independência a qual deixou as suas marcas a vários níveis.

"A força de superação das situações mais diversas e hostis, e a fidelidade na atitude de servir o povo e o Evangelho"

O ano de 1974 - 1975 foi de particular incidência nas Espiritanas. Abriu-se casa no Lobito, logo se fechou, por ex. Algumas Irmãs saíram, mas a maioria, sobretudo na área da saúde permaneceu, resistindo inclusive à dura prova dos bombardeamentos do Huambo – Fevereiro de 1982 em que perdeu a vida a Ir. Maria Joaquim e tantos outros missionários e população indefesa. Também as Irmãs da Missão do Sêndi viveram momentos inesquecíveis. Sobre a fase da independência e o que as Irmãs enfermeiras viveram nos hospitais veremos um pouco mais adiante.

Actualmente são 7 Comunidades inclusive Noviciado. (Dossier dos oitenta anos de presença em Angola).

Brasil:

Em 1976 acontece a fundação de Comunidade em São Paulo - Brasil por parte de Irmãs idas de Angola, devido às vicissitudes vividas na guerra nas vésperas da independência. As Espiritanas foram acolhidas fraternalmente pelos Espiritanos alemães, em Mangalot - São Paulo.

"Houve uma aposta pastoral nas periferias e na formação de missionárias"

Desde o princípio houve uma aposta pastoral nas periferias e na formação de missionárias.

Actualmente têm 5 Comunidades, inclusive Noviciado, em São Paulo, Rio de Janeiro e Conselheiro Pena, Estado de Minas Gerais. (Origens e Campos de Trabalho)

Guiné – Bissau:

Em 1991 as Espiritanas abriram Comunidade na Guiné-Bissau. Trata-se de uma missão bem no interior da Guiné - Caió entre

"É um trabalho lento, de primeira evangelização e promoção humana, saúde e ensino ao serviço do povo"

o povo Manjaco. É um trabalho lento, de primeira evangelização e promoção humana, saúde e ensino ao serviço do povo. É o tempo da parábola da semente no campo e do fermento na massa.

Actualmente estão presentes na Missão em Caió e Bajob, Diocese de Bafatá.

Moçambique:

Dia 19 de Maio de 2005, as Irmãs - Maria Alice Areia e Maria do Carmo Barros - partem para Moçambique rumo a Itoculo – Diocese de Nacala, onde abriram a primeira Comunidade após longa preparação. Aí trabalham em estreita colaboração com os Espiritanos que se encontram nesta missão há alguns anos numa vasta área que actualmente tem setenta e tais comunidades cristãs.

No momento estão três Irmãs destinadas à Missão de Itoculo. : Ir. Félicité dos Camarões, Ir. Adelaide, de Cabo Verde e Ir. Joyce da Nigéria.

4. Figuras Espiritanas

Ir. Maria Jacinta da Costa Marques, no foro civil – Alcina, no foro civil, professora, nasceu a 5 de Maio de 1907, em Adbarros, Penso, Concelho de Sernancelhe, Diocese de Lamego.

A 14 de Novembro de 1941, entrou nas espiritanas que acabavam de chegar a Lisboa.

Após a sua Profissão Perpétua em 1950, foi nomeada mestra de noviças, em 1955, responsável Principal do Distrito e Assistente Geral do Instituto em 1965. Em 1971, limitada nas suas forças, é acolhida na comunidade de Alvarães até 1994, ano que vai para a comunidade das Irmãs de Betânia em Fraião, vindo a falecer em 12 de Setembro de 1996.

À Ir. Maria Jacinta foi atribuído um papel importante na formação do Distrito de Portugal.

"Uma forte personalidade apoiada em boa formação cristã e espírito missionário"

Foi a primeira mestra de Noviciado, primeira responsável Principal, primeira Assistente portuguesa no Conselho Geral do Ins-tituto com sede em Paris. Dotada de um conjunto de qualidades humanas e uma forte personalidade apoiada em boa formação cristã e espírito missionário, marcou decididamente as primeiras gerações de Espiritanas Portuguesas e imprimiu um estilo à caminhada do Distrito.

A Madre Jacinta, como então se chamava, foi também formadora no ano de Noviciado Canónico das primeiras Religiosas da Pia União da Divina Providência e Sagrada Família, que iniciou a 19 de Março de 1962 em Braga, a pedido de D. Francisco Maria da Silva, bispo auxiliar de Braga.

A Ir. Jacinta era uma jovem muito viva e exercia grande liderança cristã e social na sua Comunidade local e tendo entrado no Instituto como vocação adulta e por conseguinte amadurecida, deu o mel-

hor de si mesma à formação das primeiras Espiritanas em Portugal e ao desenvolvimento da sua presença, levando por diante o objectivo primeiro: formar Irmãs portuguesas para as enviar em missão para os países de língua portuguesa. A procura de meios para este fim, como o Noviciado, concretizou-se na construção da Casa do Fraião, levada a cabo com o grande contributo dos Espiritanos e benfeitores e da doação da Casa de Alvarães por parte da família Mendes, concretamente das senhoras D. Angelina, D. Amélia e D. Adelaide, com o compromisso de aí fundar uma Obra para crianças da aldeia, Obra essa que mantemos até ao presente.

Há vários testemunhos sobre a Ir. Jacinta e é facto que distinguiu-se por uma espiritualidade sólida e um entusiasmo missionário, pela organização e visão do futuro, ao ponto de, não tendo trabalhado nunca em país de missão propriamente dito, formou um bom grupo de missionárias com grande amor aos pobres e marcou profundamente a orgânica do Distrito em Portugal.

"Formou um bom grupo de missionárias com grande amor aos pobres"

Em artigo publicado por "Pentecôte sur le Monde" Julho - - Agosto de 1967, a Irmã Jacinta apresentou a génese da sua vocação e as diferentes missões que lhe foram confiadas e onde vemos espelhada a elevação do seu ideal:

"Estava-se em 1922. Tinha 15 anos. A primeira leitura da "História de uma Alma" encheu o meu coração. A espiritualidade de Teresa do Menino Jesus revelou-me a sua orientação moral e, desde essa altura, tomei a resolução de me consagrar ao serviço da Igreja".

(Uma história de doação e serviço ; Algumas Figuras de Espiritanas)

Ir. Antonieta Monteiro da Silva, enfermeira, nasceu a 11 de Dezembro de 1910 em Pinheiro, Castro Daire - Viseu. Sentindo-se chamada às "Missões", a 14 de Novembro de 1941, entrou na Congregação das Irmãs Missionárias do Espírito Santo, chegadas em Agosto desse ano.

Após o Noviciado e Profissão integrou o grupo das Irmãs fundadoras de Comunidade Espiritana em Cabo Verde, a 28 de Fevereiro de 1946, onde trabalhou no Hospital da cidade da Praia.

"Integrou o grupo das Irmãs fundadoras de Comunidade Espiritana em Cabo Verde"

Em 1996 foi enviada para o Huambo, (antiga Nova Lisboa), onde trabalhou no Hospital Central.

Em Angola, viveu tempos difíceis, sobretudo com a guerra e as transformações de 1975. Quando os médicos cubanos assumiram a direcção do grande Hospital do Huambo, após a independência, ela aí permaneceu firme e confiante, assim como outras Espiritanas, suportando a insegurança, a pobreza e a doença, numa doação plena aos doentes e total confiança em Deus.

Todos, missionários, povo, médicos, todos, testemunham que "Mãe Antonieta", como lhe chamavam, era atenta, vigilante porque competente, enfermeira dedicadíssima em tempo, coração e mãos para todos. Tinha sempre alguma coisa para dar, nada guardando como seu.

Em 1990 regressou a Portugal, tendo vindo a falecer a 20 de Fevereiro de 1993 .

Evocamos a sua memória, com o relato que traduz o quanto a Ir. Antonieta era em si e para os outros, desde as Irmãs em Comunidade e o povo, quem quer que com ela privasse.

A Ir. Antonieta narrou em primeira pessoa a mudança de chefia dentro do Hospital do Huambo, no ambiente de ameaças sobre as religiosas.

"Quando os novos chefes mandaram tirar os crucifixos das salas e consultórios, A Ir. Antonieta não se intimidou, dizendo-lhes simplesmente que ela não os tirava, pois não tinha motivo... Tiraram-nos timidamente o que causou sofrimento e apreensão do que iria acontecer-lhes. Todos estavam assustados, sobretudo com os boatos, mas as Religiosas, confiavam em Deus que as sustentava, mas também na bondade do ser humano, apesar de tudo. Depressa os médicos cubanos e outro pessoal se revelaram gente com sentimentos nobres, também eles com família e problemas em seu país, vítima de ideologias. Depressa viram nas religiosas simplesmente Irmãs que estavam ali para servir o próximo e todos os temores se desvaneceram, juntando esforços no tratamento dos doentes e até sendo todos bons amigos".

Ir. Maria Joaquim Henriques da Silva, nasceu a 15 de Dezembro de 1928 em Castelões - Tondela, concelho de Viseu. Jovem entusiasta pelas Missões e militante na Acção Católica Rural, aí descobriu a sua vocação missionária, tendo ingressado nas Irmãs Missionárias do Espírito Santo a 29 de Agosto de 1952 com 24 anos de idade.

Em Outubro de 1958 , após o Noviciado, Profissão Religiosa e curso de Enfermagem, partiu para Angola tendo ficado a trabalhar no Hospital do Huambo.

De 1965-1971, a Ir. Maria Joaquim trabalhou na missão de Cachingues - Bié.

Com intervalos de vindas a Portugal, regressou a Angola em 1978, tempo conturbado pela guerra após a independência.

Em fins de 1991, após férias em Portugal regressou ao Huambo, estando o país numa guerra generalizada. Então, precisamente da cidade do Huambo, a TV noticiava o intensificar dos bombardeamentos. Em Braga, a quem lhe falava da falta de condições para regressar e dos problemas que os missionários e missionárias enfrentavam naquele momento com as populações que fugiam da cidade, a Ir. Maria Joaquim mostrava-se totalmente disponível e destemida para partir, porque segundo palavras suas, "com a situação de guerra, aumento de feridos, etc, é que fazia lá mais falta". Assim, partiu para o Huambo a 30 de Novembro de 1992.

"A Ir. Maria Joaquim mostrava-se totalmente disponível e destemida para partir"

Dia 14 de Janeiro de 1993, a Ir. Maria Joaquim foi apanhada pela explosão de uma bomba no período terrível dos 55 dias de

bombardeamentos à cidade do Huambo, em plena jornada de trabalho.

A Ir. Maria Joaquim partilhou a sorte de milhares e milhares de angolanos, que pereceram na guerra tendo o seu corpo sido sepultado às pressas no quintal por refugiados que lotavam a casa das Irmãs. Ao evocarmos a sua memória evocamos todos os missionários, missionárias e cristãos mártires da Igreja em Angola.

"Ao evocarmos a sua memória evocamos todos os missionários, missionárias e cristãos mártires da Igreja em Angola"

O percurso destas missionárias dos princípios do Distrito das Espiritanas em Portugal, mereceria uma pesquisa mais aprofundada porque o seu testemunho e a sua missão ilustram a obra do Espírito que conduz a missão em cada tempo, Ele que trabalha por dentro os corações dos que lhe são dóceis. Sentimos vivo o espírito missionário da nossa Fundadora, a Irmã Eugénia Caps ao afirmar que, para *irradiar Jesus, é preciso estar-se repleta d'Ele.*

"Para irradiar Jesus, é preciso estar-se repleta d'Ele"

Hoje a Missão tem novos rostos e novos contextos, mas permanece o testemunho da entrega a Cristo e à sua Missão, qual rio de água viva a correr para o futuro da história.

Pedro Valinho*

o amor aos pés dos discípulos

(joão 13,1-17)[1]

A mensagem simbólica de João 13,1-17

As ruas poeirentas de Israel no tempo de Jesus sujariam os pés dos caminhantes, revestidos quando muito por sandálias. As normas culturais sugeriam que fosse oferecida água a um convidado, à sua chegada a casa, para que ele pudesse lavar os seus próprios pés. Definitivamente, o lava-pés era em Israel um sinal de hospitalidade e de acolhimento (cf. Gen 18,4; 19,2; 24,32 *al*). O lava-pés era ainda usado como sinal de respeito, submissão e veneração de um discípulo para com o seu mestre.

"O gesto de Jesus trai todo o enquadramento cultural"

Tal como nos é descrito, o gesto de Jesus trai todo o enquadramento cultural: o gesto do lava-pés acontece *"durante a ceia"* (v. 2) e não à chegada dos discípulos a casa; mais ainda, o gesto é levado a cabo pelo mestre para com os discípulos e não ao contrário. Estas anomalias são ainda mais realçadas pela descrição pictural da preparação de Jesus para o lava-pés e da sua actuação (vv. 4-5). Da mesma forma que os discípulos percebem a anomalia do gesto de Jesus (como efectivamente o demonstra a reacção de Pedro: vv. 6-11), também o leitor pode identificar a contraditoriedade do acto e é assim convidado a procurar o seu significado mais profundo.

Que Jesus quer significar algo mais do que simplesmente lavar os pés dos discípulos torna-se claro em todo o texto: há uma introdução extensa ao gesto (vv. 1-3) que nos coloca no âmbito do

* *Pedro Valinho. Jovem espiritano em formação. Terminou a sua licenciatura em Teologia no Departamento de Teologia de Tangaza College, Nairobi – Quénia.*

[1] *O que se segue é um resumo das conclusões da tese "Unless I Wash You" – Exegesis and Theology of the Footwashing (John 13, 1-17) as Life-Giving Love, apresentada por Pedro Valinho ao Departamento de Teologia de Tangaza College, Nairobi – Quénia.*

[2] *A expressão* εἰῶφ τε.λοφ *– que significa até ao fim, até ao extremo – tem um duplo significado: refere-se à excelência e à totalidade do amor de Jesus, e denota também o aspecto temporal (por isso, um amor manifestado até ao fim último da vida de Jesus). Cf. R. Culpepper, "The Johanine Hypodeigma", 136; R. Schnackenburg, The Gospel According to St. John. III, 16; R. Brown, The Gospel According to John. II, 550; P. Ellis, The Genius of John, 212-213.*

tema do amor *"até ao extremo"*, ειῶφ τε,λοφ[2], em cujo contexto o lava-pés é levado a cabo; a resposta de Jesus à admiração de Pedro adia a compreensão do gesto (v. 7); a afirmação de Jesus da necessidade absoluta da sua acção para que os discípulos tenham parte com ele (v. 8)[3] é peremptória, o que pareceria estranho se ele se referisse a uma simples lavagem; a instrução e a bênção daqueles que seguem o seu exemplo (vv. 12-17) implicam um significado bem mais profundo do gesto. Jesus está, sem dúvida, a desempenhar um acto de serviço: tal é a natureza de lavar os pés de outrem. No entanto, as referidas contradições do gesto e a sua narração deverão levar-nos a analisar mais profundamente o seu significado simbólico.

"Jesus está, sem dúvida, a desempenhar um acto de serviço: tal é a natureza de lavar os pés de outrem"

O serviço humano é usualmente baseado em desigualdades relacionais: ou é desempenhado por necessidade por um inferior para com um superior, porque se entende que o último tem o direito de ser servido; ou é desempenhado livremente pelo superior para com o inferior, porque se entende que o primeiro tem o poder de ir ao encontro das necessidades do último. O serviço de Jesus é, no entanto, de uma natureza diferente: embora sendo superior para com os discípulos (v. 13: ο διδα,σκαλοφ(και,∴ ο κυ,ριοφ, *"o Mestre é o Senhor"*), para surpresa de Pedro ele desempenha um acto de serviço não como um superior o faria, uma vez que o lava-pés é uma tarefa de um inferior. Pelo contrário, Jesus actua por amor, abolindo todas as desigualdades existentes: Jesus estabelece a única relação de igualdade – a que é baseada no amor (cf. 15,15: *"Não mais vos chamo servos... mas a vós chamei-vos amigos..."*), na qual nenhum tipo de serviço é solicitado mas todo o serviço é permissível, porque é baseado no amor. Jesus ultrapassa a sua superioridade natural para estabelecer uma comunidade com os seus discípulos (v. 8: *"A não ser que eu te lave, não terás parte comigo."*)

"Jesus ultrapassa a sua superioridade natural para estabelecer uma comunidade com os seus discípulos"

Jesus está assim a desempenhar uma acção profética, um σημειον – sinal, cujo conteúdo é simbólico e pedagógico, representativo de uma nova relação na sua comunidade. Esta acção profética aponta para a doacção de Jesus na cruz, onde uma tal relação salvífica de amor será sumamente manifestada e tornada real.

---

[3] *No v. 8, a expressão "não terás parte (herança) comigo" traduz o original grego: ouvk e;ceij me,roj metV evmou/. A palavra me,roj, "herança" refere-se a uma realidade profunda: na Septuaginta é este o termo que traduz "heleq", o termo Hebraico que se refere à herança dada por Deus a Israel na Terra Prometida. Tal como é referido em Num 18,20 e Deut 10,9; 12,12; 14,27.29; 18,1-2, cada tribo – excepto a de Levi – recebeu de Deus uma parte (uma "herança") na Terra Prometida. Levi, pelo contrário, não recebeu uma parte da Terra porque Deus era a sua parte: "Levi não teve parte nem herança entre os seus irmãos: Deus é a sua herança." (Deut 10,9). O que o lava-pés oferece é uma parte, uma "herança" com Jesus (metV evmou).*

[4] *A expressão do amor eivj te,loj é certamente o contexto imediato do gesto do lava-pés, mas também a doacção total de Jesus na cruz, de onde ele exclama: "Está consumado" (tete,lestai, 19,30). Como J. Ford observa, "o eis telos (até à perfeição) forma um inclusio com tetelestai ("está consumado ou tornado perfeito) em João 19,30." J. FORD, Redeemer – Friend and Mother, 138.*

Tal simbolismo é sublinhado no texto: o lava-pés é colocado no contexto do amor ειῶφ τε,λοφ (v. 1) tal como a cruz é a suma manifestação desse amor[4]; Jesus leva a cabo o lava-pés sabendo que a sua *hora* tinha chegado (v. 1); a descrição do gesto do lava-pés (vv. 4-5.12) implica um simbolismo joanino que aponta na direcção da doacção de Jesus[5]; no seu diálogo com Pedro, Jesus indica um significado mais profundo, salvífico (v. 8) que só poderá ser totalmente compreendido δε. μετα. ταυ/τα, *"depois destas coisas"* (v. 7). O lava-pés é, assim, uma manifestação do amor *auto-doante* de Jesus, que inaugura uma nova relação comunitária, e que se tornará sumamente presente na cruz; o lava-pés representa o amor salvífico ειῶφ τε,λοφ, e prepara os discípulos (e os leitores) para a sua derradeira manifestação na cruz.

O gesto do lava-pés foi, por isso, cuidadosamente escolhido: por um lado, desempenhando uma tarefa de um inferior, Jesus aboliu todas as barreiras relacionais na comunidade[6]; por outro lado, lavar os pés a outrem era uma tarefa humilde levada a cabo por escravos não-judeus[7], tal como o tipo de morte que Jesus sofreu era mesmo amaldiçoada pela lei Judaica (cf. Deut 21,23). Enquanto que ambas estas acções parecem ser degradantes e humilhantes, ambas são tidas como meios para manifestar a profundeza do amor de Jesus – o lava-pés representando-o, e a cruz tornando-o sumamente presente.

"Ambas são tidas como meios para manifestar a profundeza do amor de Jesus – – o lava-pés representando-o, e a cruz tornando-o sumamente presente"

A extensão desse amor está para além de qualquer medida ou compreensão. De facto, o lava-pés (tal como toda a cena da paixão) é narrado num contexto da negação e da traição dos discípulos para com Jesus. Os receptores do gesto do amor salvífico de Jesus, que inaugura uma nova comunidade são os discípulos, entre os quais estão explicitamente mencionados Pedro, aquele que negaria por três vezes a sua relação com Jesus (13,38), e Judas, aquele que viria a trair essa relação (13,2.11.18-19.21-30). Também eles vêem os seus pés lavados por Jesus.[8]

---

[5] *A descrição do gesto utiliza uma linguagem simbólica. De realçar é o emprego do termo ti,qhsin para dizer "despir". O uso desse termo não era de ser esperado, uma vez que outros termos seriam preferíveis gramaticalmente. O seu uso deve implicar a ligação entre o lava-pés e a morte de Jesus. De facto, esse termo é o verbo usado noutra passagem do evangelho, quando Jesus se refere a "dar" (literalmente, "deitar abaixo") a sua vida (cf. 10,11.15.17.18). Da mesma forma, as vestes de Jesus serão "deitadas abaixo" outra vez somente na crucifixão.*

[6] *Nas palavras de S. Schneiders, "através do lava-pés Jesus transcendeu e transformou a única desigualdade ontológica entre os seres humanos, aquela entre ele e nós." S. SCHNEIDERS, Written that you may believe, 173.*

[7] *Mesmo que um discípulo lavasse os pés do seu mestre, tal era feito como sinal de submissão e devoção, fazendo assim uso da natureza humilhante do gesto. Cf. R. BROWN, The Gospel According to John. II, 564.*

[8] *F. Moloney afirma que "é precisamente na sua auto-doação incondicional a pessoas que não o amam que Jesus revela quem é e o que está a fazer... Revelado aqui está o amor de Deus, que transcende e desafia todos os critérios e experiência humana." F. MOLONEY, "A Sacramental Reading of John 13:1-38", 249.*

Tal como no mandamento do amor (13,34), também no lava-pés, o amor auto-doante de Jesus torna-se a medida do amor dos discípulos. Nos vv. 12-17, os discípulos são convidados a fazer como Jesus fez: não a lavar os pés uns aos outros no seu significado literal; antes a ultrapassar todo o tipo de desigualdades relacionais de forma a que se amem uns aos outros ειῶφ τε,λοφ.

Tal é a instrução dirigida à comunidade Joanina. De facto, os membros da comunidade joanina perceberiam que o υ πο,δειγμα, *"exemplo"*[9] (v. 15) do lava-pés de Jesus significaria mais do que uma instrução para lavar os pés aos outros, ou mesmo para ser humilde, uma vez que isso não corresponde ao que o próprio Jesus pretendeu com o gesto. A comunidade compreenderia que o significado do exemplo de Jesus foi mais radical: ser membro da comunidade cristã era arriscar amar os outros ειῶφ τε,λοφ, mesmo até à própria morte. Tal era o desafio radical do amor: *"por isto conhecemos o amor, ele deu a sua vida por nós; e nós devemos dar a vida pelos nossos irmãos"* (1 João 3,16).[10]

"A comunidade compreenderia que o significado do exemplo de Jesus foi mais radical"

Conotações Sacramentais do Lava-pés

Os exegetas têm percebido diferentes conotações sacramentais na narração do lava-pés. Vários referem uma possível interpretação baptismal, tendo em conta sobretudo os elementos da água e o facto de ser descrita uma lavagem. Esta interpretação não parece, no entanto, ser a mais textual.

A narrativa do lava-pés representaria antes uma analogia da instituição da Eucaristia, como nos é narrada nos evangelhos sinópticos. Esta interpretação estaria subentendida pelo facto de que João omite a narração da instituição da Eucaristia, e parece substitui-la pelo lava-pés.[11] Esta conjectura não pretende analisar o lava-pés como

"João omite a narração da instituição da Eucaristia, e parece substitui-la pelo lava-pés"

[9] *O termo u`po,deigma, "exemplo" que surge no v. 15 é um termo incomum. Este termo surge na tradução da Septuaginta de passagens que urgem os Israelitas a enfrentarem uma morte exemplar (cf. 2 Mac 6, 28.31; Sir 44,16). Usando este termo, Jesus está a convidar os discípulos a nada menos que imitar o seu amor auto-doante: a amar, estando mesmo prontos a morrer uns pelos outros, pois é esse o "maior amor" (15,13).*

[10] *Nos escritos joaninos, a prontidão dos discípulos para amar e dar fruto até à morte parece ser assumida como a ética radical para a vida. Um exemplo disso será que "a conexão... entre o mandato para que os discípulos dessem fruto (15,8) e o requisito que a semente morresse antes que desse fruto (12,24-25) é plausível." R. CULPEPPER, Anatomy of the Fourth Gospel, 118.*

[11] *O facto de João ser o único evangelista a omitir a instituição da Eucaristia e de ser o único a incluir o lava-pés tem surpreendido os teólogos. Porque ambos os eventos representam a acção central da última ceia de Jesus nas respectivas narrações, somos levados a considerar a possibilidade de uma substituição. Tal como R. Schnackenburg refere, a questão será: "em que sentido foi substituído?" R. SCHNACKENBURG, The Gospel According to St John. III, 45. Para além disso, parece ser claro que a comunidade joanina estava familiarizada com a Eucaristia, tal como as outras comunidades (1 Cor 11,23). Cf. X. LÉON-DUFOUR, Sharing the Eucharistic Bread, 249.*

símbolo da Eucaristia, ou entender ambas as acções como sendo iguais em conteúdo. Pretende, no entanto, assumir que o lava-pés tem uma função hermenêutica similar às narrativas da instituição da Eucaristia.[12]

Que o evangelho de João é independente das narrações sinópticas é um facto que pode ser observado através do evangelho. João tem um propósito no seu escrito e é isso que mede o que ele deve incluir ou excluir do seu evangelho. Em relação ao lava-pés, quer o evangelista o intencionasse ou não, essa narrativa assume o mesmo valor hermenêutico e teológico que assume nos sinópticos a instituição da Eucaristia. O lava-pés inaugura uma relação baseada no amor que permite que o discípulo *"tenha parte"* com Jesus. É isso precisamente o que se está a operar na Eucaristia: o estabelecimento de uma relação amorosa, *"comunhão"* com Jesus (1 Cor 10,16). Tal como no lava-pés *sinal e glória*[13] se fundem numa acção profética, símbolo da auto-doacção de Jesus, o mesmo acontece na Eucaristia. Ainda, quer o lava-pés, quer a Eucaristia evocam a morte e a glorificação de Jesus como uma acção de auto-doacção aos discípulos, inaugurando uma nova relação de amor.

"Quer o lava-pés, quer a Eucaristia evocam a morte e a glorificação de Jesus como uma acção de auto-doacção aos discípulos, inaugurando uma nova relação de amor"

É, por isso, provável – embora isto não possa ser provado – que o evangelista pretendesse catequizar a comunidade que já celebrava a Eucaristia.[14] Tendo em conta que "ambas as acções sobre o pão e o vinho e o lava-pés servem como gestos proféticos revelando o verdadeiro significado da morte de Jesus dentro das perspectivas teológicas dos respectivos evangelistas"[15], o lava-pés deverá permitir que a comunidade reunida numa celebração Eucarística compreenda mais profundamente o que está a acontecer, nomeadamente que Jesus se oferece num amor auto-doante.

Conclusões Teológicas

O gesto do lava-pés condensa o significado hermenêutico de todo o Evangelho. Posicionado no centro do Evangelho, o lava-pés é a articulação nesta estrutura díptica: numa cena os *sinais* são con-

[12] *Cf. S. SCHNEIDERS, Written that you may believe, 167; R. SCHNACKENBURG, The Gospel According to St John. III, 46.*

[13] *O Evangelho de João é comummente dividido em duas partes. A primeira extende-se do capítulo 1,19 ao capítulo 12 – o Livro dos Sinais – e é caracterizada pela revelação de Jesus numa série de sinais (shmeia), que eram ou aceites ou rejeitados pelos diferentes grupos. A segunda parte vai do capítulo 13 a 20,31 – o Livro da Glória ou Exaltação – e é caracterizada pela revelação da Glória de Jesus aos que acreditam. Cf. R. BROWN, The Gospel According to John. I, cxxxviii-cxxxix. Nesta perícope as duas partes confluem, unindo-se os sinais e a glória.*

[14] *Se o evangelista está mais preocupado com o significado da celebração cristã do que com a própria celebração, ele está então a dar-nos "um ensinamento que salienta o significado do rito praticado em todo o lado pelos cristãos." L. MORRIS, The Gospel According to John, 542.*

[15] *S. SCHNEIDERS, Written that you may believe, 167, nota 22.*

"O lava-pés é, assim, um sinal revelatório da glória de Jesus"

"O amor auto-doante de Jesus inaugura uma nova relação com os discípulos cristãos"

"Tal auto-doacção ultrapassa todo o tipo de desigualdades e barreiras relacionais, estabelecendo assim um laço baseado no amor"

densados, e a *glória* é manifestada. O lava-pés é, assim, um sinal revelatório da glória de Jesus, e isso é já uma representação da sua glorificação. Assim, à luz de João 13,1-17 podemos compreender a suma revelação do Evangelho: o amor auto-doante de Jesus inaugura uma nova relação com os discípulos cristãos. É esse o objectivo dos *sinais* de Jesus, e é essa a sua glorificação.

O gesto de Jesus, lavar os pés dos discípulos, é o "ponto de condensação do evangelho que precede e que continua; ponto de concentração da Bíblia na sua totalidade significante; ponto de incandescência da história, do mundo e da humanidade. 'Vê, Israel, e lembra-te do amor.'"[16] Nele, Jesus apresenta o restabelecimento da aliança entre Deus e os humanos, através de um acto de amor. Nele, Jesus apresenta todo o propósito da encarnação: Deus que se *despe* (v. 4)[17], assumindo toda a condição humana, de modo a reunir os humanos consigo mesmo.

João 13,1-17 revela a acção salvífica de Jesus para com *"os seus"* (v. 1) como um amor que dá vida. O lava-pés é simbólico da relação baseada no amor que Jesus inaugura na sua auto-doacção aos discípulos – os doze, e de facto todos nós – na cruz. Tal auto-doacção ultrapassa todo o tipo de desigualdades e barreiras relacionais, estabelecendo assim um laço baseado no amor. E este é um amor oferecido a todos, apesar da negação e da traição daqueles que partilham a sua mesa – os doze, e todos nós. Este é, por isso, um amor salvífico e transformante: a um nível pessoal, a oferta de Jesus representa comunhão com ele, uma parte na sua *"herança"* (v. 7) – e por isso mesmo, na *"herança"* do Pai – que é já experimentada na fé (enquanto aceitação da auto-doacção de Jesus) e brota na vida eterna; a nível comunitário, as raízes da relação comunitária mudam: essa relação baseia-se agora no amor, vivendo desde já a parte da *"herança"* – cada membro da comunidade torna-se sacramento do amor de Jesus, e por isso da sua *"herança"*. Enfim, Jesus é o amor presente na comunidade, porque *"Deus é amor"* (1 João 4,8). Nesse sentido, não há espaço na comunidade para a exclusão: tal como o amor de Jesus, o amor da comunidade é oferecido a todos, apesar das possíveis negações ou traições. Cada um é livre

[16] *Y. SIMOENS, Selon Jean, 598.*

[17] *Traduzindo o v. 4, muitos tradutores referem que Jesus "tirou o manto". No entanto o termo ta. i`ma,tia, "as vestes" é um plural. Noutras partes do Evangelho, o singular é usado referindo uma só veste (o robe púrpura dado a Jesus pelos soldados romanos; cf. 19,2.5) e o plural é usado referindo as roupas de Jesus que lhe são retiradas para a crucifixão (cf. 19,23-24). Tendo em consideração o costume romano de despir totalmente aqueles que seriam crucificados, Jesus parece ter sido crucificado nu. Cf. R. BROWN, The Gospel According to John. II, 902. Provavelmente o mesmo se deve aplicar aqui. A conexão das duas passagens não deve ser descartada, uma vez que elas estão intrinsecamente ligadas pelo simbolismo e significado.*

[18] *Nesta perspectiva, somos levados a reflectir na forma como os cristãos são muitas vezes excluídos das celebrações comunitárias. A razão de ser pela qual a Igreja age dessa forma pode talvez ser entendida a partir de um ponto de vista eclesial. No entanto, não parece espelhar o amor de Jesus eivj te,loj, reflectido nesta perícope.*

para se excluir dessa relação – a comunidade, no entanto, não exclui ninguém.[18]

O facto de que Jesus estabelece um novo laço com os discípulos precisamente *"sabendo que ia para Deus"* (v. 3) reflecte o aspecto salvífico dessa relação de amor. Ele vai para Deus, mas permanece presente aos seus discípulos no amor agora introduzido. Assim, a relação baseada no amor – e por isso baseada em Deus, pois ele é amor – é uma relação salvífica, que permite que se tenha parte na *"herança"* de Jesus.

A representação do gesto do lava-pés revela simbolicamente a necessidade salvífica da auto-doacção de Jesus. É no amor de Jesus por nós que somos salvos: *"A não ser que eu te lave, não terás herança comigo"* (v. 8). O lava-pés revela o evento da cruz como salvífico precisamente porque é uma manifestação de amor. Recusar a auto-doacção de Jesus na cruz representa excluir-se da *"herança"* como o *"a não ser que eu te lave"* afirma simbolicamente. Aceita-la é responder amor com amor, como Jesus torna claro: *"como eu vos fiz, fazei vós também"* (v. 15). Na perspectiva joanina, *fé enquanto aceitação do amor de Jesus torna-se amor para a fé dos outros.*

"A necessidade do amor de Jesus torna-se necessidade do amor dos discípulos uns pelos outros"

A necessidade do amor de Jesus torna-se necessidade do amor dos discípulos uns pelos outros. A não ser que nos lavemos os pés uns aos outros, no seu significado simbólico, não teremos *"herança"* com Jesus: nisto saberão que somos seus discípulos, se nos amarmos uns aos outros (13,35). "Este mandamento é o novo Decálogo."[19] Tal é a única ética radical que liga a comunidade cristã.[20] Tornar-se cristão é arriscar entrar na dimensão do amor uns pelos outros ειῶφ τε,λοφ – arrisca-se a oferecer a própria vida num cons-tante morrer para si mesmo, por amor aos outros, numa re-apresentação fiel de Jesus, mesmo a dar a vida, se tal for pedido.[21] O discipulado cristão é sacramental do amor salvífico oferecido por Jesus: o *"a não ser que te lave"* de Jesus é ecoado como um *"a não ser que te lave"* dos discípulos cristãos, um ao outro.

Conclusão

O quadro pintado pelo evangelista de um Jesus despido (v. 4), lavando os pés dos seus discípulos e limpando-os com uma toalha, é recebido com admiração e escândalo. Foi essa a reacção de Pedro, e é essa a reacção do leitor. Não se consegue perceber, num primeiro olhar, como pode o evangelista fundir a *"hora"* da glorificação com uma tarefa humilhante, como o é o lava-pés; não se consegue entender a descrição de um Jesus glorificado, quando ele está ajoelhado, a lavar os pés dos discípulos.

"Não se consegue entender a descrição de um Jesus glorificado, quando ele está ajoelhado, a lavar os pés dos discípulos"

[19] *J. FORD, Redeemer – Friend and Mother, 146.*

[20] *O axioma Agostiniano "ama e faz o que quiseres" reflecte esta convicção.*

[21] *Cf. R. CULPEPPER, "The Johanine Hypodeigma", 144; F. MOLONEY, Glory not Dishonor, 17.*

Através da descrição pictural da acção de Jesus, o leitor é convidado a envolver-se na narrativa, tentando perceber o gesto seguinte de Jesus, e procurar a sua profundidade significante. O escândalo de uma tarefa humilhante, tal como o lava-pés, é ultrapassado pela apreciação do significado simbólico desse gesto no seu contexto. Fazendo ponte entre as duas grandes partes do Evangelho, como a articulação na sua estrutura díptica, a perícope de João 13,1-17 condensa o objectivo fundamental dos escritos joaninos: *a revelação da glória de Deus no amor auto-doante de Jesus, que inaugura um novo laço comunitário.*

O lava-pés é, assim, uma representação do amor auto-doante ειῶφ τε,λοφ de Jesus pelos seus, um amor que será tornado presente em totalidade na sua auto-doacção, na cruz. O lava-pés de Jesus aponta para a cruz não como um momento de derrota, mas como o evento do seu amor que dá vida. Jesus estabelece nele uma nova relação com os seus discípulos – os doze e todos nós – uma relação salvífica, que promete *"herança"* com ele (v. 8). De forma a alcançar essa *"herança"* com Jesus – e por isso com Deus (17,21-24) – é preciso aceitar o seu amor que dá vida. A aceitação do simbolismo do gesto tem uma consequência vital para os discípulos.

"O lava-pés de Jesus aponta para a cruz não como um momento de derrota, mas como o evento do seu amor que dá vida"

Hoje, a mensagem do lava-pés é ainda válida e tão pertinente como antes. Os cristãos são chamados a aceitar o amor de Jesus ειῶφ τε,λοφ na fé, aceitando assim o seu dom salvífico. Este é um amor transformante e os cristãos são a partir de então chamados a amar no exemplo de Jesus. A instrução do lava-pés espelha o novo mandamento do amor (13,34), amor mesmo até à própria morte, pois não há maior amor (15,13). Esse desafio de vida é o que os cristãos arriscam quando entram numa comunidade cristã. O amor dos irmãos – ειῶφ τε,λοφ, e apesar de todo o tipo de traição ou negação dessa relação – não é uma opção; é a essência do discipulado Cristão: *"por isto todos saberão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros"* (13,35).

Esse amor é reflectido na vida e nas celebrações cristãs. A vida Eucarística para a qual os cristãos são chamados *é* a vida impulsionada pelo υ πο,δειγμα, *"exemplo"* do lava-pés. O chamamento ao discipulado cristão é, por isso, um chamamento a tornar-se um *escândalo*, na imitação do gesto de Jesus. Na comunidade, porém, o escândalo é compreendido como a única forma possível de se viver a vocação Cristã.

"O discipulado cristão é sacramento do amor de Jesus, tornando esse laço presente na comunidade"

No amor de Jesus, é dado ao discípulo *"herança"* com ele, através da aceitação do dom de Jesus. A partir de então, o amor dos discípulos torna-se necessário como manifestação da nova relação inaugurada por Jesus. Entende-se que tal como Jesus disse a Pedro: *"a não ser que eu te lave, não terás herança comigo"* (v. 8), também agora podem os discípulos admitir o mesmo uns aos outros. O discipulado cristão é sacramento do amor de Jesus, tornando esse laço presente na comunidade.

Bibliografia Seleccionada

BROWN, R., The Gospel According to John. I-II, New York 1966.
CULPEPPER, R., Anatomy of the Fourth Gospel. A Study in Literary Design, Philadelphia 1983.
_____, "The Johanine Hypodeigma. A Reading of John 13:1-38", Semeia 53 (1991) 133-152.
ELLIS, P., The Genius of John. A Composition-Critical Commentary on the Fourth Gospel, Collegeville 1984.
FORD, J., Redeemer – Friend and Mother. Salvation in Antiquity and in the Gospel of John, Minneapolis 1997.
LÉON-DUFOUR, X., Sharing the Eucharistic Bread. The Witness of the New Testament, New Jersey 1987.
MOLONEY, F., "A Sacramental Reading of John 13:1-38", in CBQ 53 (1991) 237-256.
_____, Glory not Dishonor. Reading John 13-21, Minneapolis 1998.
MORRIS, L., The Gospel According to John, Grand Rapids 1995.
SCHNACKENBURG, R., The Gospel According to St John. I-III, New York 1979.
SCHNEIDERS, S., Written that you may believe. Encountering Jesus in the Fourth Gospel, New York 1999.
SIMOENS, Y., Selon Jean, Bruxelles 1997.

a acção da igreja em cabo verde

- percepções de um estagiário espiritano

O Raul Lima, agora diácono, terminou em Julho passado o seu estágio missionário, uma experiência missionária e comunitária de dois anos em Cabo Verde, ao serviço da Igreja, da qual nos deixa aqui as suas percepções.

A acção da Igreja em Cabo Verde é uma verdadeira problemática. Neste tempo em que muitos membros da Igreja regressam às fontes da Bíblia, mergulham e bebem na fonte das palavras de Deus que futuro se espera para uma Igreja que tem uma grande tradição, mas ao mesmo tempo, e cada vez mais, está a ficar órfã desta mensagem sempre renovada do Evangelho? Uns afirmam que a razão para este problema está na falta de missionários ou sacerdotes Diocesanos de raízes caboverdianas. Outros afirmam que é a idade avançada de muitos padres que por lá se encontram. Outros afirmam que é a cultura ocidental que, cada vez mais, está a tomar conta dos hábitos quotidianos. Tudo isto são razões válidas que se podem apontar, mas a pergunta continua em aberto: que futuro e como continuar a cativar as populações e os jovens para mensagem do evangelho? Como chamar a atenção às pessoas que o nosso Cristo continua vivo e tem sempre uma mensagem renovada?

Este é um trabalho que continua em aberto. Pode-se dizer que os sacerdotes em Cabo Verde são de idade avançada, mas ainda continuam a trabalhar com as pessoas e a falar deste Cristo vivo. Os sacerdotes da Congregação do Espírito Santo estão em várias paróquias de S. Tiago. São elas: Tarrafal com dois sacerdotes, Calheta com três e um jovem estagiário, Pedra Badejo também com três sacerdotes, Órgãos com um e Picos com outro, mas vivendo comunitariamente, S. Domingos com dois sacerdotes um dos quais

---

* *Raul Lima. Jovem espiritano em formação. Licenciado em teologia pela Universidade Católica Portuguesa. Dois anos de estágio missionário em Cabo Verde.Recentemente ordenado diácono.*

Guineense, Milho Branco com um vivendo sozinho, a Paroquia e Ilha do Maio também com um, Cidade Velha com um sacerdote de bastante idade e por fim a casa da Praia que actualmente tem dois sacerdotes, e onde reside o superior de distrito. Por este panorama pode-se dizer que estes são muitos, mas a idade não perdoa. Destes sacerdotes, dois são Nigerianos e um Guineense, os quais estão em situação de primeira afectação, ou temporariamente afectados ao Distrito.

"Além dos Espiritanos também existem vários sacerdotes da diocese de Cabo Verde"

Além dos Espiritanos também existem vários sacerdotes da diocese de Cabo Verde. Alguns deles são bastante novos o que deixa transparecer que a Igreja continua viva e a ter vocações para a sua própria terra. É de realçar também o grande número de Congregações Femininas.

Para haver vocações é preciso que a Igreja continue viva e que haja pastores empenhados nesta missão. Em Cabo Verde a pastoral vocacional continua activa. Sinal desta pastoral são os jovens Caboverdianos que estão a estudar em Portugal, e os vários padres que estão em terra de missão. Esta pastoral vocacional é feita nas diversas paróquias espiritanas durante o ano lectivo. No primeiro e segundo domingos de cada mês um dos nossos confrades com uma irmã Espiritana fazem reuniões para jovens vocacionados, tanto rapazes como raparigas. Estas reuniões visam um despertar vocacional. É o lançar da semente para depois Deus fazer geminar. Em seguida os jovens encontram-se na casa da Praia e as jovens na casa das irmãs na Assomada. Este encontro realizado ao terceiro domingo de cada mês é um consolidar desta semente lançada à terra.

Estes jovens que passam pela nossa casa ouvem falar da vida missionária e dos trabalhos da Congregação, mas a nenhum deles é dito que tem que entrar nos Espiritanos. Isto é trabalho do Espírito Santo. Alguns deles são os que, no fim do ano lectivo, chegam a entrar no seminário Espiritano e também Diocesano.

"Uma das grandes dificuldades da pastoral em Cabo Verde é a grande actividade dos Pastores, e ao mesmo tempo, o seu número reduzido"

Uma das grande dificuldades da pastoral em Cabo Verde é a grande actividade dos Pastores, e ao mesmo tempo, o seu número reduzido. Os sacerdotes em Cabo Verde são poucos para tantos trabalhos. Eles têm que participar ou fazer as reuniões da catequese, dos jovens, dos escuteiros, e outros movimentos paroquiais. Isto não quer dizer que são estes que fazem tudo, mas é sempre bom e animador para um grupo que o pároco ou um sacerdote esteja presente. Além desta pastoral ainda têm que celebrar com o povo a Eucaristia e os outros sacramentos.

A acrescentar a estas dificuldades vem a dispersão das comunidades. Em várias paróquias as pessoas têm que andar bastante tempo a pé para ir à Eucaristia, isto porque o relevo é acentuado e a falta de acessos ainda é visível. Algumas comunidades ainda não têm acessos por estrada. Os seus acessos são ribeiras convertidas em caminhos quando estão secas. No tempo das chuvas é um pouco mais

complicado, ou mesmo muitíssimo complicado. Quando assim é, não há Eucaristia.

Falar da Igreja em Cabo Verde é perceber também a influência da Europa, da América e do Brasil. Esta influência manifesta-se na maneira de vestir. Por vezes a maneira de estar nas celebrações religiosas é a mesma que ir a uma festa ou ao teatro. É claro que os sacerdotes têm que chamar a atenção para que a celebração tenha um pouco de dignidade e não se torne num desfile de mode-los. Também é certo que muitas vezes as próprias pessoas assimilaram de tal maneira esta forma de vestir e fazer que são inocentes na sua acção. Este caso é típico nas crianças. Outra manifestação desta influência é a ausência de critérios religiosos, ou melhor, a falta de formação quanto às normas da Igreja. Por vezes, surgem casos de imigrantes que querem os sacramentos à força e a razão apre-sentada é porque na Europa ou na América se faz assim. É com estes casos e outros mais que os sacerdotes são confrontados.

"Falar da Igreja em Cabo Verde é perceber também a influência da Europa, da América e do Brasil"

Um outro problema para a Igreja é o problema da juventude. Como cativar os jovens?

Os jovens são o futuro de qualquer Igreja, e toda a comunidade que não tem vida juvenil está condenada ao fracasso, à morte. Se não existe jovens na Igreja algo se passa. Poder-se-á perguntar onde reside o problema: nos jovens ou na comunidade? Para esta pergunta a resposta nem sempre é fácil de encontrar. Se o problema está nos jovens, o que se poderá fazer para que estes sintam a Igreja acolhedora? Se o problema está na comunidade, que se poderá modificar para que os jovens se aproximem? Que actividades se poderão fazer para que os jovens ganhem gosto e ganhem alegria nas comunidades cristãs? Quer queiramos quer não a idade não perdoa. Para cativar os jovens a melhor maneira é ser-se jovem. A juventude cativa a juventude. Por mais esforços que se façam não se pode fugir ao peso da idade. Por muito simpáticos que sejamos e que nos apresentemos, e por mais actividades que façamos temos sempre vozes que dizem "já está velho". Como fugir a isto? A isto não se foge. Temos que fazer o que se pode e a mais não somos obrigados.

"Para cativar os jovens a melhor maneira é ser-se jovem. A juventude cativa a juventude"

Também para cativar a juventude é preciso que haja jovens sacerdotes disponíveis, o que não é o caso. Se não estão disponíveis e querem deitar a mão à juventude têm que dispensar muitas energias. Assim acontece que não se cativa a juventude e não se realizam bem as outras actividades paroquiais. O mais certo é este sacerdote acabar por ter um esgotamento de trabalho sem fruto nenhum.

Pela minha pouca experiência o que sinto é que a juventude necessita de alguém que a acompanhe e faça as suas actividades. Não precisa de as organizar mas precisa somente da participação.

Também é certo que a juventude vive o drama do seu país onde a única esperança é dar umas aulas para ter algum dinheiro e poder ter alguma coisa. É o viver ao sabor do vento e do sem sen-

"Também é certo que a juventude vive o drama do seu país onde a única esperança é dar umas aulas para ter algum dinheiro e poder ter alguma coisa"

tido e isto vai-se reflectir na sociedade. Por mais actividades paroquiais de formação que sejam propostas, falta sempre a paixão de saber e estar informado. Ao contrário, as actividades festivas congregam sempre muita gente. Talvez seja uma forma de alienação onde se esquece os problemas do dia a dia.

A Igreja vive e continua a viver da tradição dos mais velhos. Estes homens que foram e continuam a ser os chefes das comunidades são aqueles que mantêm viva a Igreja na sua zona e continuam a dar a vida por ela. São estes os exemplos para os mais novos, exemplos de dedicação, de trabalho e sobretudo de fé. São estes as testemunhas vivas da vivência antiga da fé. O problema é quando estes falecerem. É caso para dizer que o futuro está nas mãos de Deus.

"Antigamente existiam bastantes casamentos, mas agora essa realidade parece estar fora de moda"

Outro grande trabalho da Igreja é a formação de famílias estáveis que permitam uma estabilidade na sociedade. Antigamente existiam bastantes casamentos, mas agora essa realidade parece estar fora de moda. O casamento não perdeu a sua essência mas aqueles que o deviam testemunhar perderam o seu sentido. Pode-se dizer que são muitos pouco os casamentos de jovens que são fiéis aos ensinamentos da Igreja. Isto porque poucas pessoas acreditam num casamento estável e duradoiro. Um grande desafio se coloca à Igreja neste sentido. Como formar casais jovens que testemunhem de verdade os ensinamentos da Igreja? Os princípios da Igreja continuam a ser aceites tanto pelos jovens como pelos mais velhos, mas não são praticados na maioria das vezes.

Os grandes problemas que aparecem nas escolas com certos alunos tem por trás uma família mal formada e com muitos problemas. Acontece que os directores de turma, minimamente responsáveis, acabam por encontrar os filhos revoltados com a situação dos pais, e como em casa não podem descarregar todos os problemas, descarregam-nos nos professores e nos colegas.

"As melhores escolas conhecidas e reconhecidas pelas pessoas e pelo governo pertencem à Igreja"

Também aqui a Igreja pode ter um papel fundamental de escuta dos alunos e tentar uma solução, sabendo que esta não passa somente por uma conversa, mas pela mudança de acção das políticas de educação e políticas familiares. Nisto a Igreja tem tido um papel fundamental porque as melhores escolas conhecidas e reconhecidas pelas pessoas e pelo governo pertencem à Igreja, ou melhor, a Congregações Religiosas. Também se nota aqui que o papel da Igreja continua a ser de grande relevo. Relacionado com as escolas também é de salientar que os alunos que são filhos dos dirigentes políticos procuram escolas com reconhecida formação escolar. Estes não os querem em qualquer escola e assim escolhem as melhores instituições escolares. Aqui surge um problema: como fazer e como formar alunos de estratos da sociedade muito distintos? Isto exige que todos sejam tratados de igual forma e tenham a mesma formação. É claro que isto só se consegue com regras e ati-

tudes, por parte dos professores para com os alunos de modo a que uns não se sintam descriminados em relação a outros. Para isto acontecer exige-se que a escola escolha os seus professores, ou pelo menos tente fazer isto. Num país em que todos querem ser professores tem que haver uma distinção daqueles que são competentes dos que não o são. Umas vezes consegue-se fazer isso, mas outras não. O tempo fará a sua justiça.

Um dos factores que contribui para esta instabilidade é a situação insular deste país. Formada por várias ilhas e com uma população que vive maioritariamente na ilha de S. Tiago outro problema surge. Como sustentar toda esta gente quando o país é pobre a nível de recursos alimentares? O que se produz não dá para alimentar toda esta gente. Em consequência disso as pessoas procuram sair do País. Estima-se que um milhão e meio de Caboverdianos estão fora do País, enquanto neste residem somente cerca de quatrocentos mil. Com estes números apercebemo-nos que o povo Caboverdiano é um povo que vive para a Imigração.

"Estima-se que um milhão e meio de Caboverdianos estão fora do país, enquanto neste residem somente cerca de quatrocentos mil"

Assim sendo pode-se constatar que existe toda uma mentalidade do "sair", e os que partem são sempre os homens em idade de trabalho, e por consequência as pessoas que restam são sempre as mulheres e as crianças. Os imigrantes quando regressam raramente ficam, ou seja, vêm somente para férias ou para visitar a família. No meio de todos estes problemas está a Igreja para tentar dar um pouco de humanização àqueles que ficam e ao mesmo tempo sustentar e assistir a sua fé. Como se pode ver o trabalho da Igreja é difícil e um pouco ingrato, e por consequência também vive esta instabilidade social, porque a Igreja é feita de pessoas e inserida nesta mesma sociedade. É por todas estas razões que a Igreja continua com problemas, mas não morre como diz o D. Paulino, Bispo de S. Tiago de Cabo Verde.

Poder-se-á dizer: O Homem semeia e Deus que faça crescer.

apresentação da história da província portuguesa

A História da Província Portuguesa da Congregação do Espírito é um volume de 944 páginas, 104 capítulos, da autoria do missionário espiritano, P. Adélio Torres Neiva. Esta obra cobre o período histórico que vai desde as origens da Congregação em Portugal, em 1867, até aos anos 2002-2003, em que se celebraram os 300 anos de Missão espiritana.

A obra foi lançada, a 5 de Outubro, na casa provincial em Lisboa, durante um colóquio onde participaram D. Manuel Clemente, bispo auxiliar de Lisboa e autor do prefácio da obra, o Professor Doutor Manuel Braga da Cruz, reitor da Universidade Católica Portuguesa e o autor, Adélio Torres Neiva.

O Reitor da Universidade começou por afirmar que esta obra é um contributo importante para a História de Portugal porque percorre cerca de 140 anos da vida de um Portugal conturbado. O projecto espiritano foi marcado por uma aposta forte na educação e na cultura, bem como na criação de uma mentalidade missionária em Portugal. Braga da Cruz citou estatísticas: em 1910, um sexto da população que estava no liceu, frequentava os Colégios do Espírito Santo. Os Espiritanos acompanham as luzes e as sombras da história de Portugal, vivendo os problemas das sucessivas revoluções e tensões. Esta História dos Missionários do Espírito Santo é um álbum de família onde ninguém ficou esquecido.

---

* *Adélio Torres Neiva, missionário espiritano, licenciado em História pela Universidade de Coimbra, professor de Missiologia na Universidade Católica, Chefe de Redacção da revista Portugal em África, Director da Revista Encontro. Foi Conselheiro Geral da Congregação do Espírito Santo de 1974 a 1980 e tem escrito vários livros, sendo este, sobre a História dos Espiritanos em Portugal, o de maior fôlego e tamanho.*

D. Manuel Clemente, percorreu a História da Igreja em Portugal e insistiu na oportunidade pastoral desta obra, publicada num tempo de anemia espiritual na Europa. Aliás, foi num tempo de características semelhantes que os Espiritanos começaram a sua aventura missionária em Portugal. Em várias situações, ao longo da História, o cristianismo resistiu a contextos políticos adversos com a resposta corajosa de famílias, de associações católicas e de institutos de vida consagrada. Esta obra – diz o Bispo Auxiliar de Lisboa – ajuda-nos a perceber a Igreja no seu melhor.

Adélio Torres Neiva, historiador e missiólogo, disse que escreveu uma história de família, mais com o coração do que com o saber. Confessou que escrever a história de um instituto religioso é narrar uma experiência de fé que não cabe nos nossos esquemas nem é fácil explicar só pelas nossas categorias. Por isso, deveria ser escrita de joelhos, mais como quem procura ler e entender os caminhos de Deus do que quem elabora uma história que os homens construíram.

A segunda parte do Colóquio foi no memorial espiritano onde estão gravados todos os nomes dos Espiritanos portugueses já falecidos. Como disse o P. José Manuel Sabença, provincial: "com este monumento deixamos que o nosso olhar vá longe... muito longe e que a nossa vida, movida pelo sopro do Espírito, se torne Eucaristia oferecida no altar do mundo onde continuamos a repartir, tal como todos estes que evocamos, o pão da vida, da saúde, da educação, da justiça e da paz".

Tony Neves

Missão Espiritana congratula-se com esta publicação, de elevado significado para a vida e Missão da Congregação do Espírito Santo, nomeadamente em Portugal. Felicitamos o seu autor e registamos aqui as suas palavras no dia da apresentação oficial da obra:

"Um projecto que vinha já de longe e que ganhou certa urgência com a celebração dos 300 anos da história espiritana"

A História da Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo era um projecto que vinha já de longe e que ganhou certa urgência com a celebração dos 300 anos da história espiritana, no ano 2002. Algum tempo antes, uma Comissão Internacional de História, criada para preparar este centenário, tinha proposto às diversas circunscrições da Congregação a elaboração da história da sua própria circunscrição, em ordem à celebração desse jubileu. O Capítulo Geral, realizado em Maynooth em 1998, decidiu a celebração de um Ano Jubilar Espiritano que se prolon-

garia desde o dia 2 de Fevereiro de 2002 até ao Pentecostes de 2003 Entre os vários números desta celebração pedia-se também a cada circunscrição para escrever a sua história. A celebração dos 300 anos veio assim dar um impulso novo a uma aspiração já assumida pelo P. Manuel Durães, quando ele era provincial.

Um instituto religioso é um ser vivo que nasce e se desenvolve com as marcas do tempo e da cultura que o envolve. Por um lado, ele tem os condicionamentos do contexto em que se insere e por outro ele é portador de toda a novidade e originalidade da semente que sonha o futuro.

Porque se trata de uma experiência de fé, a sua história não cabe nos nossos esquemas nem é fácil de explicar só pelas nossas categorias. Ela é fruto daquela força do Espírito que irrompe na História e sopra onde quer e vai para onde quer. E porque conta a história de pessoas que jogaram a vida num projecto que as ultrapassa, é o Espírito do Senhor que é o fio condutor dessa história. Por isso, esta história deveria ser escrita de joelhos, mais como quem procura ler e entender os caminhos de Deus do que quem elabora uma história que os homens construíram.

"Porque conta a história de pessoas que jogaram a vida num projecto que as ultrapassa, é o Espírito do Senhor que é o fio condutor dessa história"

Porque se trata de uma história de família, é natural que ela tenha sido escrita mais com o coração do que com o saber. Mesmo assim, esforcei-me para o coração não me trair e não iludir a verdade dos factos.

Ao apresentar este trabalho, gostaria de recordar algumas li-nhas de força que estão subjacentes à sua elaboração:

1. *A história de um instituto, mais que uma soma de factos, é a história de uma vida ou, se quiserdes, de muitas vidas. Como tal, procurou-se ter em conta tanto os factos, como os projectos, tanto as actividades como os sonhos, tanto a espiri-tualidade e as devoções como a produção literária ou científica, tanto a vida de fé como o apostolado, tanto os resultados conseguidos como os fracassos sofridos.*
2. *Procurou-se fazer uma leitura tão abrangente quanto possível e tanto quanto possível particularizante. Por um lado, interessavam as grandes linhas do seu itinerário mais que os pormenores e as particularidades. Por outro lado, queria-se uma história com rosto, onde fosso possível identificar o itinerário de cada obra e de cada comunidade, reconhecer os protagonistas, com todos os elementos que isso comportava.*
3. *O arco histórico da vida desta Província é bastante longo, com cerca de século e meio, marcado por turbulências e mudanças muito significativas. Foi um período de grandes transformações, tanto culturais como políticas e religiosas. Os tempos de reflexão e discernimento que permitiram o ajustamento às correntes do pensamento de cada época, particularmente condensados nos Capítulos Provinciais, são um elemento importante para nos guiarem no itinerário evolutivo da caminhada provincial.*

"Foi um período de grandes transformações, tanto culturais como políticas e religiosas"

"Nascida na efervescência do liberalismo agressivo do século XIX"

4. *Procurou-se situar o itinerário histórico da Província no contexto cultural que a envolve. Foram tidas em conta as correntes de pensamento subjacentes a esta caminhada e a influência que tiveram na sua definição. Nascida na efervescência do liberalismo agressivo do século XIX e marcada pela tensão política do tempo colonial, a Província viu-se fortemente afectada e quase destruída pelo anti-clerica-lismo republicano, para depois se reencontrar na mentalidade da reconquista cristã até mergulhar profundamente na mística da fé e do império que caracterizou o Estado Novo. A última fase da sua história seria a da conversão da portugalidade à eclesialidade, que o Vaticano II lhe tinha aberto.*
5. *Nem sempre foi fácil precisar datas, identificar factos e pessoas, ajustar pormenores. As crónicas nem sempre são convergentes e as fontes nem sempre primam por aquela precisão e rigor que permitiria uma leitura mais cuidada dos factos. Particularmente os "diários das comunidades", de que se consultaram algumas dezenas de volumes, tanto podem ser uma fonte preciosa de informação como uma referência vaga e pouco rigorosa e por vezes distorcida da realidade.*
   Também uma certa urgência que o trabalho reclamava em ordem à celebração dos 300 anos não ajudou a um estudo mais cuidado e mais aturado de datas e pormenores. Espero que as inexactidões que porventura tenham escapado, não afectem o essencial da história e que seja fácil de ajustar a sua rectificação.
6. *Uma Província é uma caminhada colectiva, onde há pessoas-chave, mas também onde muitos nomes se perdem nos meandros dessa peregrinação comunitária. Muitos protagonistas desta história estranharão que o seu nome não apareça ou não receba o relevo que porventura mereceria. A história de um instituto religioso é uma peregrinação de fé, levada a cabo de mãos dadas e de que só o Espírito Santo é protagonista. É nEle que todos nos encontramos e só Ele sabe o papel que cada um desempenhou na elaboração deste projecto.*
7. *Resta-me dizer uma palavra de agradecimento aos responsáveis da Província pelo apoio financeiro que dispensaram a este trabalho e pelo estímulo com que o acompanharam. Penso que gravar a nossa história é um elemento importante para construir o nosso futuro, sabido como é, que o futuro das árvores está nas suas raízes. Aos provinciais que estão na origem deste projecto e particularmente ao P. José Manuel Sabença que o acompanhou com um carinho particular, o meu especial agradecimento. E é claro não posso esquecer um conjunto de confrades que se deram ao trabalho ingrato de ler e corrigir o texto e as provas tipográficas. Bem hajam*

"Gravar a nossa história é um elemento importante para construir o nosso futuro"

Libermann

I.

Volitam astros nos ares,
Fulgentes rastos deixando.
Atentos, sábios olhares,
Sua rota examinando,
Lições tiram, singulares,
Um após outro apontando.

Outros astros, outros sóis
Na terra giram, admiráveis,
Rumo novo à História dando.
Uns apontam como heróis...
Outros, não menos notáveis,
Valor calam, ignorando...

De grandeza primeira luminar,
De rutilante luz, clara e bela,
Que o fero mundo quis obliterar,
Não obstante o celeste brilho dela,
Libermann luz esplende, a iluminar
Novos céus, e, da afra gente, estrela.

Valentes, ardorosos, destemidos,
Na missionação só ocupados,
À dor, miséria atentos e gemidos,
Os filhos seus, férvidos, devotados,
Do amado Pai não screvem, esquecidos,
O alor, a vida, a fé e outros dados.

II.

Parece a tenra planta adormecida,
Nos hibernais rigores embalada.
Sonha de flores ver-se revestida,
De sazonados frutos adornada.
Basta que o sol desponte, lhe dê vida:
Pula, cresce, expande-se, admirada!...

* *José da Torre é o pseudónimo com que o P. Manuel da Purificação Azevedo escreveu este conjunto de poemas no ano de 1990, sobre o Venerável P. Francisco Libermann.*

Assim de Libermann a esconsa trama:
Em cachão, puro, amor, roaz, fervente,
Peito vaza, em frémitos, em chama,
Mais que o africano sol ardente,
Na obra que seu zelo e fé reclama,
Embora embrionária, dormente...

Ruem barreiras, caem muros,
Germina a planta, frutos dando...
Já no áfrico solo se estende...
Aos filhos seus, firmes, seguros,
Contra o inóspito lutando,
S´espanta o mundo e se rende!

Tombam scamas, olhos abrindo,
Já curiosos perguntando,
Quem tal obra e sonho lindo
Pode andar realizando,
Estupefactos, descobrindo
Um ignoto judeu ser, pasmando...

De sua vida se cala a História,
Pouca atenção e valor lhe dá.
Não divulguem os seus a memória...
Roma hesita, oposição faz...
Só os lauréis da obra, notória,
À ribalta o pobre judeu traz!

Não teve alta retumbância
De Libermann a conversão.
Falta-lhe a riqueza, elegância,
De Ratisbona e irmão...
Destes desfralda-se a importância,
Há espanto e agitação!...

Assim trompeta o mundo o valor,*
Não já pelo que se é, mas tem...
Encómios, tece, com ardor,
Aos terráqueos fumos. Com desdém,
De nobre alma, brilho e calor,
Omite, cala, não lhe convém...

* *Leia-se "trompéta"*

Mas este humilde desconhecido,
Do vil, tredo mundo ignorado,
De Deus eleito, favorecido,
Para gloriosos feitos marcado,
Boquiaberto deixa, rendido,
Quem sua fé vê, amor sublimado.

Como Paulo, vaso de eleição,
Só por Deus eleito, escolhido,
Pra da idólatra gente pregão,
Assim ele, sem nunca ter ido
Ao triste infiel, negro, pagão,
Dele apóstolo é, incendido.

Alta, admirável, esplendorosa,
Que os troféus do mundo desafia,
A obra ingente, gloriosa,
Aos seus deixada, quando morria,
Em Páscoa fulgente, jubilosa,
De seu crédito penhor e valia.

Há vinte e cinco anos fundada
A Congregação que tanto amou,
Partiu, de célico odor inundada,
Em revérberos de luz que a inundou,
Sua alma, de glória nimbada,
Pra Deus, por Quem viveu e lutou.

Se outro espólio não deixara
De alto valor e retumbância,
Só correspondência chegara,
De nobre, espiritual fragrância,
De mística emanação, rara,
D´almas pábulo em abundância.

Pelo absoluto de Deus marcado,
Bondade e doçura irradiando,
Servindo o humilde, abandonado,
O projecto de Deus abraçando,
Pelo pobre mais pobre apaixonado,
Não se pertencia, tudo dando...

De fé inflamado e de amor
Que o Spírito nele derramou,
O mesmo ardente fogo e calor,
Crepitante e vivo, pegou
aos seus, com arroubado fervor,
Holocausto em que se consumou.

D´Africa negra, trevas rasgando,
Longos séculos escurecida,
De Cristo, a fé e luz, lhe dando
A jorros, Espírito e Vida,
Já preciso mais não é, cantando,
Virtude sua exaltar, florida.

III.

De rabínica origem nado,
Do pai, flor, enlevo querido,
Na judaica lei educado,
Com rigor e afecto sentido,
O Talmud aprende, esmerado, ante o pátrio olhar, comovido.

Já, pletórico, o vê rabino
O alquebrado progenitor.
Ao seu Jacob, ao seu menino,
Em róseo sonho, com amor,
O escolhe, marca o destino,
Na sinagoga sucessor.

Jovem, convicto, aplicado,
A talmúdica lei studando,
Subtil, arguto, dotado,
Ao pai, firme esperança dando,
A Metz o envia, enlevado,
Saber, método açacalando.

Cego não era no aprender.
Perscruta, interroga, examina...
Perde ânimo, alma, prazer...
Dúbia se lhe torna a doutrina
Dum tal rigor, férreo dever,
Lendária e cabotina.

Por um vil insecto matar,
Um humilde judeu, coitado,
Trinta dias a jejuar,
Como penitência, multado,
A pão e água, a penar,
Ficou o pobre desgraçado!...

Tal exagero, rigorismo,
Su'alma abala e convicção.
Mas quando ao cristianismo
Se muda e converte Sansão,
O pai o vota ao ostracismo...
A ele sangra o coração.

Só fábulas e falsidade,
Na Bíblia, descrente, vendo,
Ao caro irmão, com lealdade,
O ápodo atira, dizendo:
Melhor cristão – pura verdade–
Não seria – convicto afirma-
Do que judeu o está sendo.

Já seu angustiado peito
Dúvida acérrima, pugnante,
Verrina, mina e traz desfeito...
Cruel amargura, inclemente,
D'ima luta fruto e pleito,
Alma lhe corrói, faz doente.

Entre irreligião e fé,
Frio, neutral, bombaleando,
Cura vem donde não espera.
De Rousseau o Emílio lê.
E o que escreve, blasfemando,
Prá fé desperta que não crera.

"De Sócrates, vida e morte
De um sábio são" – diz enfático –
"Já de Jesus, as de um Deus.
Tal realidade, tal norte,
Nunca um escritor apático
Descobre, ou autores judeus".

"Aspectos o Evangelho engloba
Tão encantadores, grandiosos,
Tão sublimes, inimitáveis,
Que o inventor – Razão o prova –
Mais altos dotes, gloriosos,
Teria, notos, formidáveis,

Que o herói por ele criado.
Não vislumbro, não imagino
Que responderia a tudo isto
De Amsterdão um rabino..."
Assim termina, bem vincado,
O repto seu ou desatino.

A apotegmática sentença
Jacob deixa meditabundo...
Um mar de dúvida, descrença,
Tudo abala, mete ao fundo...
De lado pões, sem mais detença,
Rabino ser no hebraico mundo.

Sem rumo certo, desnorteado,
Em cachão dúvida fervendo,
Peito exausto, dilacerado,
De claro qu'rer ver e não vendo,
De Drach a ajuda, angustiado,
Implora, a Paris se volvendo.

O velho rabino, cauteloso,
Já do filho desconfiado,
Aquilatar decide, capcioso,
(De más notícias avisado)
Em duro exame, rigoroso,
De seu saber, fé e cuidado.

Facto insólito, admirável!
Sem, há muito um livro abrir,
Resoluto, imperturbável,
Com exactidão, a sorrir,
Memória mostrando invejável,
Saber mostra sem iludir.

No exame passa meticuloso!
Já no pai dúvida se desfaz...
Bebe-se bom vinho capitoso,
O filho abraça, feliz, em paz!...
Este a Paris ruma, ansioso...
No róseo sonho o pai se compraz!...

Ao ilustre judeu convertido,
Drach por sobrenome chamado,
Se dirige, confidente, amigo,
Alma abrindo de lado a lado.
Abraça-o, qual filho querido,
Elucida e toma a seu cuidado.

Interna luta trava, medonha!...
Vagas bramindo em grande escarcéu.
Alama aflita, desfeita, tristonha,
De joelhos cai, rogando ao céu,
Ardente, férvido, sem vergonha,
Luz pra tal escuridão de breu...

"Se dos cristãos a crença é verdadeira"
– Sincero implora – "mostrai-mo, meu Deus.
Mas se é falsa, vil e traiçoeira,
Dela me afastai e dos erros seus.
Não vejo. Livrai-me da cegueira...
Ilumine a verdade os passos meus"!...

Como luz fulgente, em noite escura,
Trevas dissipa, tudo ilumina,
Assim sua prece, ardente, pura,
Ruir faz da cegueira a cortina.
De Cristo a Verdade vê, segura,
Revelada, celeste, divina!

Divinamente iluminado,
Do Baptismo as águas implora.
Num globo de fogo abrasado,
Nada vê, nada ouve agora,
Só em Deus imerso, abismado!...
É da terra? Do céu? Ignora!...

Mas bem assente, bem vincada,
Nessa hora de luz, calor,
A firme resolução tomada:
Sacerdote ser do Senhor!
Em S. Sulpício dá entrada,
De fé vibrante e amor.

Já o judaico mundo se agita:
Indignação, fúria, protesto
Se atropelam em ira maldita,
Acre, fulminando o nobre gesto,
Regorgitando raiva infinita,
Fero nome não poupa ou doesto.

Furioso, quase enlouquecido,
Apóstata o pai lhe chama,
Invectivando o filho querido,
Olhos irados, duros, em flama,
De suas cãs e posto esquecido,
Banido da família o proclama...

Amargurado, triste, abatido,
O velho rabino inconsolado,
Sonho desfeito, desiludido,
Adeus ao mundo, inconformado,
Diz, de letal angústia atingido,
Do filho morrendo separado.

Logo o meio-irmão, iracundo,
Da morte o culpa, e malvado
Lhe chama, imbecil, imundo,
Ímpio, assassino, renegado,
Pária dos párias do mundo,
Sem scrúpulos, desnaturado.

Soez calúnia, aleivosa, vil...
Ao pai querido, olhos banhados,
Logo escreve, dá razões mil!...
Chocam dois corações rasgados!...
Húmil, do filho; o do pai, febril,
Em louca tristeza mergulhados...

Nunca o pai viu, não aceitou
O amor do filho, insuspeito,
Quando de Cristo, a Lei abraçou.
Rejeita-lhe a fé, o respeito...
Jamais o quis ver ou perdoou,
E assim se fina, em dor desfeito.

IV.

Três lustres passados,
Assim comenta, escreve,
Estes factos lembrados:

"Deus tudo me deu,
A Ele me atraíu
Sem licença me pedir,
Com violência sem par.
De resistir ao pai meu
Meu coração conseguiu,
Sem no ardil cair
De Cristo a fé negar."

E bem firme, exarou:

"Ao pai respeito tinha,
Dedicação e amor.
Mas já que a fé minha
Arrancar queria,
À força e furor,
Perdê-lo preferi
Do que ao meu Deus e Senhor."

Este o que do mundo judeu,
Aos vinte e quatro anos,
A Cristo se converteu.
Seu novo itinerário,
Do mundo esquecido
E desenganos,
Em Deus absorto, rendido,
Fica sendo o seminário.

V.

Ponderação, simplicidade,
Modo afável, comportamento
Modelar e sã piedade,
Sem pieguice ou fingimento,
De exímia e terna bondade,
Todos cativa num momento.

Serena a firme nau vogava
Do sacerdócio a travessia.
Férvido, por ele ansiava,
Nele sonhando noite e dia.
Quase o passo primeiro dava...
Mas ai! Dele o priva a epilepsia.

Pungente dilema e pesadelo!...
Sacerdócio? – Questão arrumada.
Despedi-lo? – Seria perdê-lo...
Perder sua influência amada,
De virtude fanal e modelo...
Que tão poderosa, delicada...

Em magna sessão a Reitoria,
Seus dotes e valor sopesando,
Solução encontrada de valia:
Em Issy ficará habitando
Na casa da Filosofia,
Ordens cumprindo e cura aguardam.

Notória se torna a caridade
Do humilde judeu convertido:
Já aos recados indo à cidade,
Já em palestras absorvido,
A todos ajuda com bondade,
Só de si não cuidando, esquecido!...

Pelos chefes apreciado,
Em alta estima, e bem visto;
Pelo seminário estimado,
Por santo o tendo e bem-quisto,
Mágoa sentem, quase enfado,
De ao altar não subir de Cristo.

A minaz doença se mantinha,
Sonhos desfazendo, irremediável...
Já negra sorte se adivinha...
Só por caridade, louvável,
Que lá do Alto, certo, vinha,
Desgraça impede, miserável...

Na rua, inclemente, não cai!...
(A família ao desprezo o dera...)
Do seminário, não, não sai,
E nunca disso se arrependera...
Convidado, a Rennes vai,
Saudade deixando sincera!...

De noviços Mestre atilado,
Saber e prudência mostrando,
À nobre tarefa votado,
Jovens eudistas formando,
Dois anos passa dedicado,
Alma e carácter moldando.

VI.

Nova página, nova aurora
Se lhe abre apaixonante:
Voz pungente, aflita, sonora,
A ele apela, delirante:
Que o negro salve, sem demora,
Da sorte em que jaz, degradante.

Do Bourbonense e Haitiano,
O dramático apelo escuta,
À sua voz sensível, humano...
E já projectos faz, labuta,
Enquanto, em solo romano,
A vontade de Deus perscruta.

No velho sótão onde vivia
E as Regras vai escrevendo,
Doce sonho ou visão o alumia,
Resposta à prece que está fazendo
Que dedique a obra a Maria,
E dúvidas mais não terá, crendo!

Ó nova solaz, feliz ventura!
Tudo se abre de par em par!
Deslisa-lhe a pena, com frescura,
A obra poderá começar,
Se – e Roma fala com finura –
Primeiro algum Bispo o ordenar...

Não exaltado, mas confiante,
A Loreto vai, alma pura,
Peregrino, da Virgem amante.
Da doença recebe a cura
E tudo correr bem, lhe garante
A bondosa Mãe, toda ternura!...

Da horrível doença absterso,
Pelo doce Mãe abroquelado,
Espírito em êxtase imerso,
Sacerdote é ordenado!
Já de nuvens o céu limpo, terso,
Obra começa e noviciado...

Sete anos, rápido, passaram.
A Congregação florescia.
Mas do Alto ordens ditaram...
Ao Espírito Santo se unia...
E unidos sempre ficaram,
Uma só sendo, em harmonia.

+++++

Falam arcanos e profecias
Do judaico regresso ao Amor
De Cristo. Fábulas? Utopias?
Não! E tal como pró Redentor
João arauto foi do Messias,
Assim ele dessa hora percursor...

Fraião – Braga, 25 de Maio de 1990

Cantata ao Espírito Santo

1.
"O Espírito de Deus
Repousa sobre mim
E enviou-me a anunciar
Justiça e paz sem fim
Aos presos libertação
E aos tristes consolação..."
Ia o Reino começar
Com tais palavras de luz
Proferidas por Jesus.

2.
"O Espírito do Senhor
Seu arauto fez de mim
Mensageiro do amor
Neste mundo tresloucado
A precisar de salvação
Por isso me consagrou
E ao mundo me enviou
Para aos homens ser sinal
Escravizados pelo mal
Que aos filhos de Eva afectou"

3. Ó Santo e adorável Espírito
Vossa amável voz fazei-me escutar
Sempre e com o Vosso sopro divino
Na hora da dor, tentação e cruz
Minha vida, oh! Vinde refrescar
E iluminar com vossa forte luz.

[*] *Poema escrito, em Gondomar, a 2 de Fevereiro de 2003, na senda de Libermann, por ocasião dos 300 anos da Missão Espíritana.*

4. Quero ser para Vós a leve pena
Movida por esse sopro divino
Que me conduza para onde quiser
Sem que eu lhe faça oposição qualquer
Nem leve ou ténue resistência
Que eu seja instrumento disponível
De que Vós vos possais enfim servir
P´rá realização dos planos divinos
Nesta pobre e ténue existência.

5. Ó Paráclito, ó Consolador
Nossos conselheiro e Advogado
Que habitais o coração humano
E com a vossa presença de amor
Tudo e a todos santificais
O que está envelhecido renovais
Ao que está doente Vós o curais
Fazei-me perceber vossos sinais
Ó lenitivo em todos os meus ais!

6. Divino fogo de amor infinito
Espírito de comunhão e de paz
Espírito de força e alegria
Espírito de justiça e verdade
Dai-me Vossa ternura e liberdade
Fonte de água viva e divino Fogo
Doce Espírito de Caridade
Aos Teus fazei-o renascer de novo.

7. Quero contemplar-Vos em cada ser
Admirar-Vos em cada vida humana
Esperar na vida que quero ter
Porque é o caminho que ao Céu conduz
Neste mundo caído e desumano
Que até a vida tirou a Jesus
Humanidade pobre em confusão
Louca nas trevas da desilusão.

8. Espírito de infinito amor
Oh! Renovai a face desta Terra
E que no mundo acabe toda a guerra
De todos renovai os corações
E que o reino de paz e de amor
Se implante no mundo purificado
Pelo Sangue de Jesus derramado
Oh! Atendei as nossas orações!

9. Que eu seja instrumento disponível
E dócil às inspirações divinas
Ao sopro divino que nos conduz
Como fez a Doce Mãe de Jesus
Seja eu sinal de bênção e de amor
Para os filhos de Deus com que me cruze
Nos caminhos desta vida de dor

10. Que eu seja filho no Filho Jesus
E como Ele possa eu clamar
Com o mesmo amor a seu Pai: Abbá! (Papá)
E que Sua Mãe saiba eu amar
E como Ele dizer-lhe: Immá (Mamá)
Só assim minha vida terá luz...

3 5282 00647 1182

Duquesne University
3 5282 00647 1182

A Missão como encontro de Deus através de si próprio e do próximo

PEDRO FERNANDES

Reler o carisma espiritano à luz de uma experiência missionária concreta

GILLES PAGÈS

O apelo à Missão

SILVA FERREIRA

Inculturação da Fé

HUGO VENTURA

Dom Mário Clemente Neto, 25 anos de Bispo

ASCENSÃO LOURENÇO

Para um Histórico da Fundação das Espiritanas em Portugal

PEDRO VALINHO

O Amor aos pés dos discípulos

RAÚL LIMA

A acção da Igreja em Cabo Verde

ADÉLIO TORRES NEIVA

Apresentação da História da Província Portuguesa

JOSÉ DA TORRE

Libermann

JOAQUIM P. G. DA CRUZ

Cantata ao Espírito Santo